

Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos

Tradução especializada

Queering translation: Queerizar o aleijado ou aleijar o queer?

Cláudia Duarte

M

2018



Cláudia Isabel Nogueira Duarte

**Queering translation:
Queerizar o aleijado ou aleijar o queer?**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos, orientada
pelo(a) Professor(a) Doutor(a) Rui Sousa-Silva

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2018

Queering Translation: Queerizar o aleijado ou aleijar o queer?

Cláudia Isabel Nogueira Duarte

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos, orientada
pelo(a) Professor(a) Doutor(a) Rui Sousa-Silva

Membros do Júri

Professora Doutora Isabel Galhano

Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Elena Galvão

Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professor Doutor Rui Silva

Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 15 valores

Dedicatória (facultativo)

Sumário

Declaração de honra	8
Agradecimentos.....	9
Resumo.....	10
Abstract	11
Lista de abreviaturas e siglas.....	12
Capítulo 1- Introdução	13
Capítulo 2 – Concetualização.....	23
2.1. Distinção entre termo e conceito.....	23
2.2. Estratégias tradutivas.....	24
2.3. Tipo de análise e modelos de análise.....	26
2.4. Métodos de tradução.....	29
Capítulo 3 – Metodologia.....	38
3.1. Objeto de análise: corpora comparáveis	40
3.2. Ferramentas de apoio à tradução (CAT tools)	41
3.3. Descrição do <i>corpus</i>	42
3.4. Descrição do trabalho desenvolvido no Corpógrafo.....	44
3.5. Tipo de discurso e género textual.....	45
3.6. Método de recolha de <i>corpora</i>	46
3.7. Fontes bibliográficas	47
3.8. Método de análise.....	50
Capítulo 4 – Análise	52
Capítulo 5- Discussão	112
Conclusão (ou Considerações finais).....	122
Referências bibliográficas	127
Anexos.....	134
Anexo 1	135
Anexo 2	136
Anexo 3	137
Anexo 4	138
Anexo 5	139
Anexo 6	140
Anexo 7	142
Anexo 8	144

Anexo 9.....	146
Anexo 10.....	147
Anexo 11.....	149
Anexo 12.....	150
Anexo 13.....	151
Anexo 14.....	154
Anexo 15.....	156
Anexo 16.....	157

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

[Porto, 2018]

[Cláudia Duarte]

Agradecimentos

Um muito obrigada ao meu orientador que me acompanhou
durante estes dois anos e não desistiu de mim.

Um grande obrigada a outros professores que não especificarei aqui
e que tornaram a minha experiência na faculdade numa das melhores.

Um grande abraço a todos os meus colegas mais próximos e desejos de muita concretização.

Agradeço à minha família por ter financiado o curso e
por ter cuidado de mim mesmo quando eu menos mereci.

Agradeço o carinho e paciência de todos os elementos naturais, entre eles natureza e animais,
que se cruzaram comigo todos estes anos.

Um pedido de desculpas tardio a quem ofendi pelo caminho para chegar até aqui.

Finalmente, um enormíssimo obrigada a esta instituição que acolhe ideias inovadoras e que me
impulsionou para escrever sobre um tema que me deixou hesitante mas que me interessava muito estudar.

Carpe diem & Namaste.

~~(m/)~~ Rock on ~~(m/)~~

Resumo

É sabido que na área das ciências sociais e humanas multiplicam-se teorias e linguajares que lhes são característicos, ao qual chamamos de jargão. Este compõe-se de vocábulos específicos de um determinado domínio. O objetivo é diferenciar-se de outras áreas do saber que poderão tratar dos mesmos assuntos, a partir de uma ou várias filosofias distintas. Porque as linguagens de especialidade partilham, em grande medida, as mesmas estruturas sintáticas com a linguagem geral, o que torna a tradução técnico-científica desafiante é, sobretudo, o seu léxico (para além da sua fraseologia).

Deste modo, a presente dissertação de mestrado tem por objetivo principal identificar os problemas de tradução em matéria da teoria queer, incluindo ao nível da terminologia, e propor soluções para os mesmos. Pretende-se também identificar um número aproximado de termos em inglês no domínio da teoria *queer* que não possuem equivalente em português europeu, de modo a suprir necessidades tradutivas no âmbito das ciências sociais e humanas. A teoria de Baker (1999) servirá como base para abordar a equivalência tradutiva a nível lexical, essencial para compreender que tipo de estratégias se podem empregar na tradução deste tipo de léxico e terminologia. Abordaremos algumas técnicas de tradução para resolver as falhas lexicais e terminológicas, como a criação de neologismos (Newmark, 1991), a importação de estrangeirismos (os chamados empréstimos) e os *calques* (Vinay and Darbelnet, 1958). Pretende-se, assim, propor uma abordagem que evite uma tradução acrítica, encontrando um equilíbrio entre inovação terminológica e a tradição linguística, para corresponder às expectativas do público de chegada. Assim, promove-se uma tradução consciente e cuidada face a uma crescente automatização da tradução aliada a uma introdução progressiva de ferramentas de apoio à tradução e de tradução automática, neste meio profissional, assegurando uma comunicação eficiente entre académicos e investigadores sobre uma área científica em desenvolvimento.

Palavras-chave: Teoria *queer*, tradução, terminologia, análise de termos, estratégias de tradução

Abstract

It is well known that in the area of social and human sciences many are the theories and special languages which we call jargon. A jargon consists of words specific to a particular domain. Its aim is to differentiate itself from other areas of knowledge that may well deal with the same subjects, however, from one or several different frameworks. Because special languages share, to a large extent, the same syntactic structures with general language, what makes technical-scientific translation challenging is, above all, its lexicon.

The main objective of this Master's thesis is, thus, to identify the problems of translation in queer theory matters, including terminology, and to propose solutions for them. It also intends to identify an approximate number of terms in English in the field of queer theory that have no equivalent in European Portuguese, in order to meet translation needs in the social and human sciences. Baker's theory (1999) will serve as a basis for dealing with lexical equivalence, which is essential to understand what kind of strategies can be used in translating this type of lexicon and terminology. We will approach some translation techniques to solve lexical and terminological gaps, such as the creation of neologisms (Newmark, 1991), the importation of foreignisms (so-called loans) and calques (Vinay and Darbelnet, 1958). The aim is to propose an approach that avoids an uncritical translation, finding a balance between terminological innovation and the linguistic tradition, in order to meet the expectations of the target audience. This way, a conscious and careful translation is promoted in the face of a growing automation of translation. This is accompanied by a progressive introduction of tools to support translation and automatic translation, in this professional medium, ensuring efficient communication between academics and researchers on a scientific area under development.

Keywords: queer theory, translation, terminology, analysis of terms, translation strategies

Lista de abreviaturas e siglas

BDT – Base de Dados Terminológica

CC – Corpus comparável

EN-PT – *English-Portuguese* (Inglês-Português)

LCH – Língua de Chegada

LSP – *Language for Special Purposes* (Linguagem de especialidade)

LGP – *Language for General Purposes* (Linguagem geral)

LP1/ LP2 – Língua de Partida (1 e 2)

TC – Texto comparável

TCH – Texto de chegada

TP – Texto de partida

PT-BR – Português do Brasil

PT-PT – Português Europeu/ Português de Portugal

Capítulo 1- Introdução

Na minha experiência e formação académica enquanto tradutora, familiarizei-me, através de leitura de literatura feminista, a qual ainda era divulgada na Faculdade de Letras entre 2015/2016, com uma disciplina emergente no âmbito da crítica social, a teoria *queer*. A teoria queer assume-se pós-estruturalista e a sua temática central é a sexualidade humana.

De acordo com Sullivan, o pós-estruturalismo é uma corrente filosófica “associada à rejeição, ou, pelo menos, crítica, de uma lógica e aspirações humanistas” (2003: 39), como, por exemplo, a crença de que a heterossexualidade é moralmente superior à homossexualidade e o seu fim último a reprodução. A partir desta surgiram outras crenças civilizacionais de inspiração iluminista que ditam como um ser humano idílico (Lyotard, 1984 em Sullivan, 2003: 39-40) se deveria comportar e que tipo de objetivos deveria almejar para atingir esse ideal.

A máxima pós-estruturalista é a de que não existem verdades absolutas, apenas formas particulares de conhecimento passíveis de serem revistas, com base na evolução do próprio conhecimento, mas sobretudo a partir de uma posição crítica face ao mesmo. Estas formas de conhecimento e as formas de ser que produzem naturalizam-se através de práticas culturais e históricas que, pela força do hábito e da repetição, se cristalizam. É contra a universalização destas práticas que Lyotard e outros estruturalistas se insurgem, por extinguir o diferente, o ambíguo e o complexo. Para tal, concentram-se no que é “local e no que é específico”, narrando histórias que são consideradas exceções e são valorizadas por isso (Sullivan, 2003: 40).

A oposição à universalização desse ideal humano começa na crítica ao estruturalismo, o qual se inspirou na linguística para fundar as bases da organização da nossa sociedade, hierarquizada por binários. Estes binários organizam as ações humanas e estas constroem-se através da linguagem. A associação entre ação humana, linguagem e construção social é feita por inúmeros autores clássicos como Taubman (1974) e Foucault (1978) e mais contemporâneos como Jagose (1996) e deu origem a uma teoria

denominada “construcionismo social” (Eves, 2002: 6).

A contestação do estruturalismo enquanto teoria universal pelos mentores do pós-estruturalismo como Jacques Derrida, Michel Foucault e Gilles Deleuze serviu de inspiração para outros autores como Butler (1991) e Foucault (1990) cujos modelos de género desnaturalizam tais hierarquias binárias e procuram demonstrar que as ações e relações humanas são construções sociais e não resultado de uma aleatoriedade natural, podendo ser culturalmente influenciadas e alteradas de formas não binárias.

De acordo com esta perspetiva que coloca o foco na esfera social, a construção da identidade e da orientação sexual dos indivíduos depende, em larga medida, dos discursos e das linguagens que se tecem em torno da sexualidade humana e que se proliferam através do senso comum, relegando a hereditariedade e a questão biológica para um segundo plano. Quando dizemos senso comum, apontamos para o facto de que, embora existam várias teorias sobre a sexualidade humana, a realidade social tende a cingir-se a certas e determinadas normas, de modo a simplificar-se e a tornar as trocas sociais mais ordeiras e organizadas, evitando ambiguidade e conflitos. O evitamento destes conflitos promove formas de opressão e repressão social que se focam na eliminação de todas as verdades ou realidades que difiram da “norma(lidade)”, ou melhor, da normatividade.

A normatividade, como o próprio nome indica, é um sistema baseado em modelos, regras e normas sociais. A normalidade é, por sua vez, aquilo que se constata como sendo frequente e recorrente na sociedade através de estudos estatísticos. Apesar de estarem relacionadas, não são sinónimos. O oposto de “normal(idade)” seria “anormal(idade)” e o oposto de “normatividade” seria “não-normatividade” (Oliveira, 2013), assim como o oposto de “normativo” seria “não-normativo”, em vez de “anormal”. Assim, algo não-normativo será algo que não corresponde às normas sociais. A bissexualidade ou a assexualidade, por exemplo, são orientações sexuais não-normativas por não seguirem os modelos comportamentais, nem da homo, nem da heterossexualidade, já que tanto uma como outra se constroem a partir de uma noção de abjeto, isto é, a atração por pessoas de um sexo baseia-se na rejeição de pessoas de outro.

A normatividade tem um impacto incisivo na normalidade, pelo que a nossa

percepção de normalidade é enviesada e confundida com a primeira. A normatividade é responsabilmente informada pelo conceito de tabu (sexual) que é ensinado desde a infância, devendo ser assimilado nessa altura e dominado na idade adulta. Assim, a heteronormatividade é um modelo de poder político e social fundado nas crenças essencialistas sobre a divisão social e sexual dos géneros (“em casa e na escola”, por exemplo, segundo Foucault (1980), em Sullivan (2003: 40) que informa os indivíduos sobre o que devem ser e como se devem comportar. Um dos princípios basilares da heteronormatividade é a de que a sociedade deve ser maioritariamente heterossexual.

As relações sociais heteronormativas estabelecem-se segundo um conjunto de valores morais e sociais que se articulam e traduzem em discursos transmitidos de geração em geração através daquilo a que os etnógrafos apelidam de “gramática cultural” (Duranti, 1997: 27; Goodenough, 2003: 5 em Baker e Saldanha, 1998), e que se reproduzem em ações concretas que afetam a vida de todos os seres humanos a título individual e coletivo.

Consideremos o seguinte exemplo: a norma ocidental em relação ao casamento dita que a monogamia é a única forma de relacionamento legalmente possível e, consequentemente, socialmente aceitável. Neste sentido, o modo de vida que é publicitado através dos meios de comunicação social tende a focar-se na relação romântica e sexual entre e só duas pessoas (Richie e Barker, 2006); todo o resto é tratado como desvio à norma e, por isso, é mais suscetível a crítica, drama ou falha.

A publicitação deste modo relacional supostamente ideal é concretizada, não só através de uma imagética ficcional que promove esse estilo de vida por meio da exposição sistemática a vivências ficcionais de casais monogâmicos, como pela ausência de imagens que promovam o inverso, ou seja, pela ausência de retratos ficcionais de famílias menos convencionais onde se estabeleçam relações poliamorosas (Cardoso, 2017), por exemplo.

Estes retratos fazem-se, evidentemente, acompanhar de diálogos e tramas que expressam aprovação em relação ao primeiro modo relacional e dramatizam e desaprovam o último, aumentando a auto-estima do público que se enquadra na norma

relacional vigente e menosprezando ou ignorando o indivíduo que se posiciona à margem da mesma.

Estes diálogos são escritos com base numa linguagem das emoções (Rosaldo, 1984 em Ritchie e Barker, 2006: 3), que varia e depende de cada cultura e que determina a forma como os indivíduos reagem em diferentes situações. Segundo Fredman (2004, em Ritchie e Barker, 2006: 3), esta linguagem das emoções é composta por “vocabulários de emoção” distintos que revestem as emoções humanas de significado.

À medida que a teoria queer vai desconstruindo paradigmas tradicionais sobre a identidade, a racionalidade, o essencialismo e a objetividade (Tierney, 1997, em Hudson, 2016: 2), novos termos vão sendo criados e acrescentados ao seu vocabulário, que tanto pretendem representar de novas formas realidades antigas (relações poliamorosas, por exemplo), como dar corpo e voz a novas realidades que se vão construindo transgendo (Vale de Almeida, *et al.*, 2010), por exemplo, de modo a alargar o nosso entendimento sobre o “indivíduo, a sua identidade, os seus desejos, as suas relações e as suas emoções” (Weeks, 2003, em Ritchie e Barker, 2008: 585), uma vez que a nossa compreensão da identidade sexual depende da linguagem da sexualidade a que temos acesso (Ritchie e Barker, 2006: 2).

Dado que a nossa linguagem da sexualidade é, em última análise, heteronormativa, isto é, maioritariamente heterossexual, e moldada de acordo com a visão patriarcal (ou masculina) da sexualidade, o nosso vocabulário e mesmo a nossa compreensão face a realidades que se desviam a essa norma são muito limitados e, de certo modo, enviesados por um sem-número de preconceitos decorrentes de algumas suposições já mencionadas. Estas limitações cognitivas e, consequentemente, linguísticas dificultam a tradução de teorias que ousam ir além da gramática cultural e da linguagem da sexualidade a que temos acesso.

De acordo com a noção construcionista da linguagem, a ausência de termos que classifiquem a realidade de pessoas que não se situam de forma categórica num só género afeta a existência destas pessoas, uma vez que as elimina por completo da nossa linguagem verbal e, como tal, da realidade social, isto porque, se não nos podemos referir

a elas, elas deixam de existir, tanto num plano concreto como abstrato: “somos construções sociais que se adaptam e são influenciadas pelo que nos rodeia e pelos discursos dominantes” (Kerren, 2011: 26). O mesmo acontece com as relações poliamorosas brevemente mencionadas. Por exemplo, em inglês há termos como *compersion* (Ritchie, 2006) que exprimem a aceitação ou compreensão de um parceiro face à inclusão de outro parceiro na relação ou à existência de uma ou mais relações de cariz romântico ou sexual fora desse núcleo – um sentimento que tradicionalmente deveria ser inverso (mas que pode ocorrer em simultâneo) ao sentimento de ciúmes. Se este termo não existisse na sociedade ocidental, seria mais complicado explicar como alguém poderia integrar uma relação com mais de uma pessoa. Não quer isto dizer que um só termo seja capaz de eliminar as experiências negativas vividas neste tipo de relação, mas auxiliam a construir outras narrativas sobre a sexualidade e a forma como a podemos viver de forma mais plural.

Para além da questão do poliamor – que não é tão central na teoria queer como, por exemplo, a transexualidade, mas que é ilustrativa do seu potencial –, a teoria queer debruça-se sobre outros aspetos da sexualidade, como a orientação sexual.

Estes aspetos deram em tempos origem a categorias identitárias essencialistas (gay, lésbica, etc.), isto é, categorias rígidas sobre a forma como um indivíduo deve agir e interagir a partir de estereótipos de género (exemplo: “um homem homossexual é mais sensível do que um homem heterossexual, logo deve ser mais compreensivo do que um homem heterossexual” ...) de forma a, através de um padrão de comportamento que unisse os indivíduos sob um véu de igualdade ou semelhança entre si, aproximar e integrar as categorias sexuais alternativas por via da assimilação da heteronormatividade (...“todo o homem homossexual que se preze deseja casar.”).

A ideia era, pois, tornar a comunidade LGBT homogénea e, além disso, procurar que esta não se demarcasse da comunidade heterossexual, adoptando os seus valores patriarcais, sobretudo os da família (o direito ao casamento, o direito à adoção, etc.), apesar de esta lhes ter sido negada durante muito tempo, tanto nos países anglo-saxónicos, como em Portugal. Para atingir tal fim, foi necessária a construção da imagem do

homossexual natural ou biológico cuja orientação dependia somente (como se acredita no caso dos heterossexuais também) da “aleatoriedade biológica” do ADN e, como tal, por ser algo intrínseco à sua natureza e não ser suscetível de ser alterada, merecer a piedade ou compreensão por parte dos outros (Sartelle, 1994: 6, em Sullivan, 2003: 30).

Através da concepção de género desenvolvida por Butler (1991), que esteve na origem da aproximação da componente cultural e social à sexualidade humana, a teoria queer contrasta as várias teorias desenvolvidas sobre a homossexualidade no âmbito das mais variadas disciplinas (biologia, filosofia, psicologia, etc.), e procura destitui-la desse essencialismo que impregnava os estudos queer e imbuía a sexualidade dos indivíduos de uma importância acrescida, resultante do preconceito social sobre as diferenças biológicas (e consequentemente sociais) entre um heterossexual e um homossexual. Enquanto os estudos queer não questionam as teorias essencialistas da sexualidade, promovendo-as, por vezes, sem disso ter consciência, a teoria queer resiste a esta tendência de normalização e promove mesmo a quebra da norma e a procura de uma autenticidade permanente que (sobre)viva à uniformização.

Já que mencionamos este conceito, sob uma designação semelhante encontramos outro, o de standardização, que se assume como a primeira “lei da tradução” proposta por Toury em meados dos anos 90 (1995). Para Toury, uma lei em tradução resulta de um acumular de normas identificadas nos estudos descritivos da tradução que facilitam a formulação de regras de probabilidade ou “universais da tradução” (Munday, 2008: 114). A standardização é tida, não como um desafio, um problema ou uma solução, mas como uma estratégia que tem vindo a ser adotada pelos tradutores como uma forma de promover a coerência e a coesão intratextual. Considera-se que um texto traduzido segundo uma determinada estratégia de tradução é semanticamente mais coerente, devido à repetição dos mesmos conceitos e não de conceitos semelhantes, do que um que não tenha sido submetido a uma análise textual e que, por isso, não tenha sido traduzido de forma estrategicamente uniforme. Nesta análise textual são, naturalmente, identificados, na fase prévia à da transferência, os itens que devem ou não ser uniformizados ao longo do texto segundo uma estratégia de tradução.

O que torna a tradução uma área menos uniforme é, na verdade, a sua interdisciplinaridade porque as áreas que abrange ou por que é abrangida (as secundárias e as primárias, respetivamente), são hierarquizadas e não aglomeradas, como acontecia no início dos estudos da tradução – em que a tradução de textos era apenas geral e não especializada, pelos saberes da disciplina se encontrarem dispersos por várias outras (Holmes, 1972, em Munday, 2008: 10). McCarty (1999) vê até na tradução uma “interdisciplina” (Munday, 2008: 14). As disciplinas que se interrelacionam com a tradução e que Munday aponta como as principais são aquelas que se relacionam diretamente com a linguagem (a linguística semântica, a pragmática, a aplicada e contrastiva, a cognitiva), com as línguas modernas e os estudos das línguas, com a literatura comparada, com a filosofia da linguagem, entre outras. Estas disciplinas são consideradas principais, por oposição a outras, porque nos explicam o significado das palavras isoladamente e em contexto, ajudando-nos a diferenciar conceitos, e a entender os processos de formação de palavras, tanto na terminologia, como na tradução. Sabendo que um texto do qual se extraia todos os conceitos nada mais é do que um esqueleto de formas gramaticais, o termo (palavra e/ ou expressão) é a unidade de sentido central nos estudos da tradução. Apesar de muito relevantes teoricamente, a terminologia e a lexicografia costumam ser contempladas apenas quanto à sua aplicabilidade, por serem de grande utilidade na melhoria do desempenho do tradutor ou das ferramentas eletrónicas que usa para traduzir (por exemplo, programas de ajuda à tradução como o SDL Trados Studio), graças aos métodos de organização e de exposição de informação que lhe fornecem e que permitem construir e ter à sua disposição recursos terminológicos que facilitam e agilizam a sua arte.

Contudo, é a sua aplicabilidade que a aproxima da tradução, pois, tal como a terminologia, a tradução é um veículo de produção e reprodução de textos e léxico em qualquer área disciplinar que vá desde a literatura às ciências exatas. Por ser abundante em todas as disciplinas, existem, atualmente, cursos especializados em tradução, como o Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos, que procuram separar terminologia (termos) por área de tradução técnico-científica (ex: tradução jurídica, económica), mas

sobretudo posicionar a Terminologia como área inter e multidisciplinar.

Para Hermans (1985), a tradução é uma transação transcultural, isto é, uma troca de elementos ou itens linguísticos e culturais entre diferentes culturas. Hermans aponta para a necessidade de promover a cooperação entre todos os agentes envolvidos, de modo a que essa transação seja mutuamente benéfica (Munday, 2007: 14). Na teoria queer, os elementos linguísticos que prendem a nossa atenção e que levantam mais problemas são os neologismos. Todos os neologismos são palavras ou constituídos por estas, uma vez que também podem ser frases ou locuções verbais. Nesta teoria, os neologismos revelam-se sobretudo a nível do léxico; como tal, os problemas encontrados na teoria queer são, essencialmente, de natureza lexical, ocorrendo ao nível da microestrutura. À ausência de equivalência lexical apelidamos de lacunas. Munday define lacuna como “um fosso lexical na LCH (língua de chegada) relativamente à LP (língua de partida)” (2009: 203), e explica que tal acontece quando um conceito tem uma representação gráfica na LP que não encontra equivalência na LCH (alguns exemplos incluem *queer*, *becoming*, *camp*, *hermaphrodite*...). Basta uma leitura de alguns textos sobre a teoria queer para perceber que os neologismos abundam em número e que estes constituem um entrave à tradução desses textos. Por este motivo, neste trabalho dei primazia ao tratamento dos fossos lexicais e aos problemas de ordem sintática, tendo surgido, intercaladamente, outros problemas, entre os quais problemas de ordem morfológica, que foram levantados na análise de cada excerto. A abundância de lacunas neste discurso literário deve-se, entre outros motivos, à escassez de divulgação e de investigação nesta área em Portugal e aos tabus da sociedade relativamente à sexualidade humana.

O título da dissertação é intencionalmente sugestivo e pretende alertar para o facto de existirem textos sobre a teoria queer que deixam o tradutor na dúvida sobre o melhor método de tradução a seguir. A provocação resulta de uma tradução literal de uma frase encontrada num dos textos analisados, *Queering the crip or crippling the queer?* (Sandahl, 2003)¹.

¹ A discussão deste título encontra-se no capítulo dedicado à análise.

A questão que se coloca é, pois: “Onde se situa a tradução da teoria queer? Na tradução documental ou na tradução instrumental?”. Tal deve-se ao facto de a tradução literal ser mais recorrente na tradução documental e de ter vindo a ser usada frequentemente na tradução sobre a teoria queer, o que se constata facilmente pelo uso abundante de definições de autores da LP e de termos traduzidos literalmente. Em jogo está a fidelidade para com uma teoria que se assume subversiva, e a negociação das expectativas culturais do público da língua da chegada, que poderá estranhar um título tão controverso.

Se *queerizar* se assume como um neologismo na língua de chegada e *aleijar* é um verbo de significado dubio nesta frase, “Quem está mais preparado para traduzir textos sobre a teoria queer? Um tradutor ou um terminólogo?”.

Para responder a estas duas questões, serão expostos casos ilustrativos retirados da análise, num confronto entre os métodos de tradução documental e instrumental de Nord (1988/2005).

Através da noção de equivalência lexical de Baker (1992) procede-se, no capítulo da análise, à identificação dos fossos encontrados no *corpus* bilingue e propõem-se algumas soluções tradutivas também através da categorização dos neologismos encontrados nos textos sobre a teoria queer, apoiando-me na teoria de Vinay e Darbelnet (1958) sobre o processo tradutivo, e procedendo à criação de novo léxico para colmatar os restantes fossos lexicais através da sufixação, um processo de formação de palavras formal presente na teoria de Cabré (1999) sobre a terminologia e a lexicografia. Os sinónimos identificados são traduzidos em contexto discursivo.

No capítulo da discussão, procura-se responder às duas perguntas independentes mencionadas acima, mas que se interrelacionam e incidem sobre o método preferível na tradução de textos sobre a teoria queer e dos agentes ou profissionais mais qualificados para empreender tal tarefa.

No capítulo conclusivo reflete-se sobre os resultados da análise, e discutem-se possíveis orientações futuras para resolver os problemas de tradução que não encontraram

solução.

Capítulo 2 – Concetualização

2.1. Distinção entre termo e conceito

Para iniciar este capítulo, talvez seja importante fazer uma distinção entre conceito e termo, já que estas duas unidades de sentido nos acompanham do início ao fim desta dissertação e pertencem a uma área disciplinar específica e distinta da área da tradução, a Terminologia.

Cabré distingue estes conceitos separando forma e conteúdo e linguagem geral de linguagem especializada: “[a] forma e o conteúdo de um termo são específicos a um só tema, consequentemente, uma unidade lexical é um termo só se estiver associado ao domínio de especialidade” (Cabré, 1992: 357). Uma unidade lexical, comumente designada por palavra na linguagem geral, ao que também chamamos, *lato sensu*, de senso comum, é, segundo Cabré, também um termo, mas apenas quando nos expressamos ou nos referimos ao significado que lhe é atribuído dentro de uma área disciplinar específica. Por conseguinte, a unidade lexical pertence, simultaneamente, à linguagem geral e à linguagem de especialidade, enquanto o termo pertence apenas a esta última. Por este motivo, lê-se na definição de Cabré que unidade lexical obedece a dois sistemas:

A forma e o conteúdo das unidades terminológicas são duplamente sistemáticos, primeiramente, em relação à linguagem geral, e mais especificamente, em relação ao domínio de especialidade a que pertencem. (Cabré, 1992: 357)

Se um termo é uma unidade lexical pertencente a um domínio, a maioria das palavras escritas nesta dissertação pertencem ao domínio da tradução. Contudo, outras, como a palavra “termo”, pertencem especificamente ao domínio da terminologia, tendo em vista que, quando nos referimos a um conceito o mais comum é usar-se a designação palavra ou, por vezes, unidade lexical quando o discurso envereda por um caminho mais linguístico.

Mas em que é que consistem a linguagem geral e a linguagem especializada? Estes

são nada mais do que dois termos específicos da área da terminologia para distinguir senso comum (ou cultura geral) de área de especialidade. E qual a pertinência de usar todos estes termos pertencentes à área da terminologia em detrimento das designações do senso comum? Por se tratar de discurso científico, e porque na tradução se aplicam conceitos de diferentes disciplinas que se interrelacionam com a mesma e cuja relevância é elevada, o uso de terminologia específica da área da terminologia revela-se mais apropriado. Portanto, leia-se linguagem especializada, nesta dissertação, como teoria queer.

Resta-nos explicar que, enquanto um conceito é expansível ou retratável numa ou várias palavras, a extensão de um termo não é negociável, ou, pelo menos, não é tão flexível e a ordem das palavras que o compõem não é cambiável. Além disso, forma e conteúdo estabelecem uma relação entre si que é absolutamente indissociável, o que não acontece com as palavras cujos significados são maleáveis, permeáveis e afetados à atualização das línguas:

A ordem das palavras deve ser respeitada. Os termos são unidades em que a forma e o conteúdo são indivisíveis. Assim, os termos não podem ser reduzidos nem a um conceito, independentemente da sua forma numa língua específica, nem à designação dissociada do seu conteúdo. (Cabré, 1992: 357)²

Esta distinção é importante porque ajuda-nos, tradutores, a perceber os limites da criação de novas palavras para conceitos existentes noutras línguas. Não é desejável criarem-se designações muito mais curtas ou muito mais longas quando nos deparamos com um conceito de designação assente na LP com uma determinada extensão.

2.2. Estratégias tradutivas

Para nos ajudar a estudar estes limites, revela-se preponderante abordar as linhas orientadoras da tradução funcional atual. Existem duas grandes linhas de ação na

² As citações originais foram traduzidas para português pela mestranda

tradução, uma de orientação estrangeirizante, outra de orientação domesticadora (Munday, 2009: 143). A estrangeirizante consiste na reprodução fiel dos elementos textuais da LP na LCH e da preservação da sensação de estrangeiro de uma língua para a outra. A domesticadora consiste na adaptação desses elementos de modo a tornar o texto de chegada o mais original possível (Venuti, 1995/2008 em Munday, 2009: 143).

Quando o tradutor se depara com uma tradução, essa é a primeira escolha. Esta escolha delinea todo o processo tradutivo de um ou vários textos de um domínio em particular. A tendência seguida pela maioria dos autores é a de uniformização (“estandardização” em Toury, 1995), a qual nem sempre é alcançável quando nos deparamos com o confronto de vários desafios colocados pela própria tradução.

Toury reutilizou um mapa concebido para melhor compreender os estudos da tradução, o mapa de Holmes (1988/2004: 189-90). Este mapa surge porque todo o conhecimento linguístico adquirido pelo tradutor subjaz à análise tradutiva desencadeada aquando de um projeto ou investigação de tradução. Este conhecimento requer uma estrutura, pois quando analisamos um texto colocamos em marcha vários mecanismos cognitivos que revelam um vasto mas também disperso conhecimento gramatical sobre as línguas de trabalho (incluindo a nativa), e, por vezes, não se sabe ao certo qual o tipo de análise que estamos a aplicar, por não termos consciência de que podemos estar a analisar um texto a partir de várias perspetivas linguísticas. Este experimentalismo é comum ao estudante de tradução menos experiente. Num projeto de investigação como este, aprendemos que, sem delinear um plano de análise, não é possível saber quais os objetivos da mesma.

Toury (1995) distingue dois tipos de áreas de investigação: os estudos teóricos ou “puros” e os estudos “aplicados”. Ambos aplicam o método descritivo, sendo os últimos postos em prática com um objetivo “prático”: construção de um glossário, por exemplo, para auxiliar na tradução de uma determinada área. Os estudos teóricos servem, sobretudo, para tecer generalizações mais ou menos particulares sobre a tradução no geral. Encontramos dois objetivos principais dos estudos “puros” da tradução:

- descrição dos fenómenos tradutivos (teoria descritiva da tradução);

- estabelecimento dos princípios gerais que explicam e preveem esses fenómenos (teoria da tradução).

E, como mencionado acima, tanto um como outro podem ser mais gerais ou específicos a determinados parâmetros ou restrições (Holmes, 1988/2004 em Munday, 2001: 11), como por exemplo, o meio (tradução automática ou tradução manual; tradução ou interpretação; interpretação simultânea ou consecutiva...), a área (isto é, o par de línguas com que se trabalha), o período (teorias e traduções específicas a uma dada época), o problema (equivalência, tipo de equivalência), o nível (análises que se limitam ao texto ou se cingem ao léxico, por exemplo), e o tipo de discurso (literário *vs* técnico-científico).

Nesta dissertação, a opção recaiu sobre a descrição de fenómenos tradutivos segundo certas restrições: a área (isto é, o par de línguas com que se trabalha, EN-PT), o problema (equivalência lexical), o nível (palavra, frase e expressão) e o género textual (dissertação e artigo científico), sendo o problema de tradução o princípio orientador.

2.3. Tipo de análise e modelos de análise

Quanto ao foco da descrição, esta pode ser mais orientada para o produto, para a função ou para o processo de tradução. Como a equivalência é o problema central desta dissertação, o produto (léxico) e o processo (como, onde e quem criou esse léxico) assumem-se como sendo as orientações mais relevantes. Contudo, como a análise do léxico não foi, exclusivamente, isolada de um contexto, tanto a função do texto como, sobretudo, a intenção do autor (ou “o que o autor pretendia dizer em vez do que disse”), também chamado de “implicatura” por Baker, 1992: 223) é importante para avaliar a adequação (que resulta da sujeição às normas da cultura de partida) e aceitabilidade (que resulta da prevalência das normas da cultura de chegada) da tradução. Não é por acaso que a palavra “adequação” é usada com mais frequência do que “aceitabilidade”, mesmo quando as expectativas da cultura de chegada se sobrepõem às da língua de partida. Isto acontece porque, embora se preze a distinção entre um conceito e outro nos estudos da

tradução, os termos são usados como se se tratasse da linguagem comum, em que “aceitável” ocupa uma posição inferior à de “adequado”.

A descrição/análise focada no produto examina traduções existentes de um só par de textos ou compara vários textos de chegada do mesmo texto de partida. A análise empreendida abrangeu vários textos originais do par de línguas visado porque se pretendia extrair léxico original em ambas as línguas (daí o facto se optar, como veremos mais adiante, por *corpora* comparáveis). A descrição voltada para o processo pretende descodificar as escolhas tomadas pelos tradutores e os caminhos que levaram a essas escolhas. Estas duas orientações usadas em simultâneo resultam num modelo de investigação circular em que o produto ajuda a dissecar o processo e o processo influencia o produto seguinte (numa cadeia produto > processo > produto).

Para ser possível dar conta da tradução do léxico em contexto – note-se, de um produto e de um processo, em simultâneo –, foi necessário aplicar mais do que um modelo de análise: um sistémico e um funcional. Os modelos sistémicos analisam a língua como um sistema de padrões e regras e o funcional analisa a língua com base na função textual que o texto ocupa.

(1) O modelo de Toury (1995), que possibilita a reconstrução do processo de tradução:

(i) Situar o texto no sistema da cultura de chegada, e atentar ao seu significado e à sua aceitabilidade.

(ii) Comparar o texto de partida e o texto de chegada e procurar diferenças entre ambos, identificando relações entre os segmentos do texto de partida e do texto de chegada.

(iii) Reconstruir o processo de tradução para este par de textos a partir de generalizações.

(Munday, 2008)

(2) O modelo de Nord: análise das especificidades do texto que requerem atenção, identificação e tratamento:

- Hierarquia funcional dos problemas de tradução: Nord estabelece uma hierarquia funcional quando nos deparamos com uma tradução:

(i) A função da tradução deve ser determinada (documental ou instrumental).

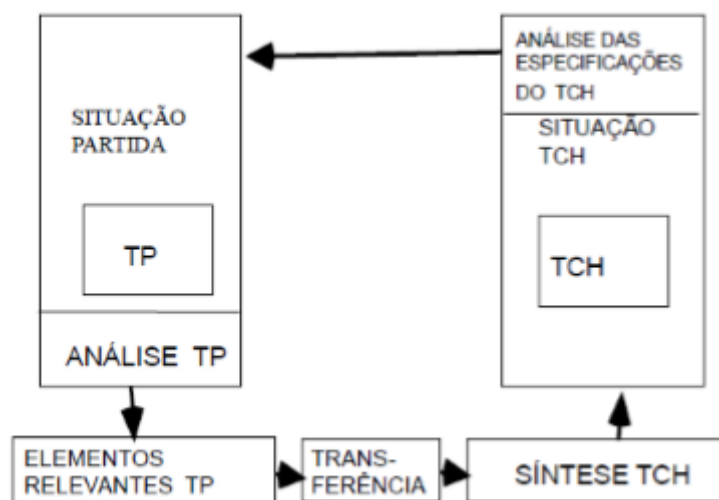
(ii) Os elementos funcionais que requerem adaptação à situação dos recetores do texto devem ser identificados.

(iii) O tipo de tradução decide o estilo de tradução (orientado para a cultura de partida ou para a cultura de chegada).

(iv) Os problemas do texto podem ser resolvidos a um nível microlinguístico.

(Munday, 2008)

O modelo de análise de tradução de Nord encontra-se representado no seguinte esquema:



Modelo de tradução circular de Nord (Munday, 2008: 73)

2.4. Métodos de tradução

Segundo Reiss, para cada estratégia existe um método de tradução correspondente: a tradução documental e a tradução instrumental (Nord, 1988/2005). A documental promove a fidelidade para com o texto de partida e a reprodução exata e completa da forma e do conteúdo da sua mensagem, pois o importante é transmitir fielmente a mensagem, a língua e a cultura de partida, preservando-se ao máximo os aspetos linguísticos para que o leitor possa usufruir do contacto com as mesmas. A instrumental defende a adaptação cultural dos elementos estrangeiros do texto de partida à língua e à cultura de chegada, preservando-se a língua e os valores desta, independentemente das perdas culturais ou linguísticas que possam ocorrer durante a transação intercultural.

Reiss (1977/89 em Munday, 2008: 72) simplifica a escolha do método a seguir quando a limita à correspondência entre género textual e função textual. Para esta autora, o texto académico cumpre a função informativa, cujo propósito é acima de tudo a comunicação de factos que devem ser transmitidos de forma inequívoca e objetiva. Esta

teoria foi aplicada no capítulo da análise, não de forma linear, mas sim crítica, e discutida no capítulo seguinte.

A crescente preocupação com o rápido desenvolvimento da tradução automática (MT), dada a sua potencial capacidade de substituir o tradutor na tradução de textos presumivelmente mais técnicos cujas exigências culturais se resumem a aspetos mais automáticos, como os aspetos estilísticos (convenções gráficas, *layout*) e o uso de terminologia especializada, não obstante a polissemia e homonímia desta, e não tanto culturais, como a idiomaticidade ou a intenção do autor, promovem o aprofundamento do estudo da tradução de textos no meio académico. A sua incapacidade em resolver problemas de ordem mais linguística e cultural em textos de expressão mais literária ou de rigor mais científico é um dos fatores principais para a evolução dos estudos descritivos da tradução a par do estudo de casos isolados. Os estudos da tradução baseada em *corpora* combinam uma perspetiva mais generalista com uma mais específica, em que se descrevem os sistemas de linguagem através do estudo de características típicas da tradução, como os universais da tradução, colocações e frequência do léxico (Munday, 2008: 8-9), desafiando a crença de que a inteligência artificial ultrapassa a inteligência humana, mas com o melhoramento das ferramentas de apoio à tradução (*CAT tools*) em vista, de certa forma, já que, em última instância, o formato dos recursos terminológicos podem ser adaptados e incluídos nessas ferramentas. É inegável que o espaço que a máquina (*CAT tools* e *MT*) ocupa na tradução atualmente é preponderante, senão absolutamente indispensável, dadas as exigências do mercado de trabalho que se resumem em alta qualidade e rápida concretização. A investigação que se encontra atualmente em curso nos estudos da tradução, ora se interessa pela criação de novas técnicas de tradução, ora procura melhorar os resultados obtidos nas traduções automáticas ou semi-automáticas.

Neste estudo, a abordagem seguida dispensou o uso de *MT* e *CAT tools* (exceto a ferramenta de tratamento de texto, o Corpógrafo), pela forte convicção de que estas distraem o tradutor e ofuscam a sua perceção na análise de textos mais académicos, onde se cruzam discursos literários e científicos, mas não necessariamente na sua tradução,

pois o seu uso reflete a necessidade de resolver problemas e não de os identificar. Usá-las na análise aceleraria, hipoteticamente, o processo de tradução ao ponto de camuflar problemas de ordem mais lexical (se a base de dados terminológica já constasse de alguma ferramenta *CAT* ou *MT*) e levantaria outro tipo de problemas linguísticos como erros ortográficos e gramaticais (e.g., de concordância) que não eram tão centrais nesta dissertação pelo facto de que o objetivo final não era o melhoramento do desempenho das ferramentas computadorizadas de auxílio à tradução (manual ou eletrónica). A única ferramenta *CAT* que não dispensei foi a base de dados terminológica por ter consciência de que esta não existia e, como tal, não seria possível usar a probabilidade estatística de repetição de texto como suporte para a fundamentação teórica das minhas escolhas tradutivas.

Na tradução, a neologia é vista de dois lados do mesmo prisma. Por um lado, implica a existência de palavras recentemente criadas de origem conhecida ou desconhecida; por outro, denota a falta de equivalência estável entre um mesmo conceito lexicalizado em duas línguas distintas de forma semelhante ou não. Como tal, é considerada um dos principais problemas linguísticos com que o tradutor se depara, devido às dúvidas que levantam quanto à cientificidade das novas palavras, e porque levantam questões sobre o tipo de fosso e equivalência com que lidamos.

Baker denomina a falta de equivalência na tradução como não equivalência lexical, embora a equivalência se possa estender a um conceito mais alargado do que a uma só palavra. Para esta autora, os fossos lexicais correspondem a conceitos não lexicalizados na cultura de chegada (2011: 18) e os motivos pelos quais uma palavra pode ser considerada neológica são variados: o conceito é específico a uma cultura, o conceito não se encontra lexicalizado na cultura de chegada, a palavra da língua de partida é semanticamente complexa, a língua de partida e de chegada fazem distinções semânticas, a cultura da língua de chegada não dispõe de um hiperónimo, a cultura da língua de chegada não dispõe de um termo específico, existem diferenças ao nível da forma, da frequência e do uso de formas específicas, entre outras (Baker: 1992).

Embora seja relevante mencionar todos estes motivos, o motivo principal pelo

qual não existe o mesmo número de termos em EN e PT-PT é a especificidade do conceito relativamente à cultura de partida e a falta de lexicalização do conceito na língua de chegada. Como tal, dispensou-se o uso de uma tabela onde se incluísse esta categorização. Mais pertinente entendi que fosse categorizar as soluções tradutivas para alguns termos neológicos ou de fraca ocorrência na teoria queer em Portugal que pudessem inspirar a criação de novos termos para os fossos que não encontram equivalente.

Como a teoria de Baker se foca no texto de partida e nas suas lacunas, foi necessário recorrer a uma teoria que se focasse mais no texto de chegada e nas soluções tradutivas. Nida e Taber (1964) introduzem o conceito de equivalência formal e dinâmica (inícios dos anos 70), o que nos ajuda a compreender o porquê e de que forma o conceito não se encontra lexicalizado na língua de chegada. A equivalência formal corresponde à equivalência das formas linguísticas entre a língua de partida e a língua de chegada, sendo o seu foco principal a forma e não o conteúdo, embora este esteja sempre implícito na forma. A equivalência dinâmica refere-se ao efeito produzido pelo uso de determinada forma na língua de chegada, que pode ou não ser idêntico ao da língua de partida. Logo, se a dificuldade de traduzir uma palavra reside na sua escrita, o problema é formal, e se é difícil traduzir um conceito devido às diferenças nas reações obtidas no público da língua de partida e no público da língua de chegada, o problema é a sua dinâmica. Consciente de que se trata de uma lacuna lexical, do que é a equivalência ao nível da palavra e do porquê de existir tanta dificuldade em lexicalizar um conceito, o tradutor procura soluções tradutivas.

Vinay e Darbelnet (1958/1995) desenvolvem dois métodos de tradução diametralmente opostos, mas que se completam, e que vêm resolver problemas ao nível da forma (ou equivalência formal) e ao nível do conteúdo (ou equivalência dinâmica). O modelo de tradução que mais se aproxima da equivalência ao nível da forma de uma palavra é a tradução literal, enquanto que o conteúdo é o foco principal da tradução oblíqua.

A tradução literal (ou direta) compreende três métodos tradutivos: o empréstimo, o calque e a tradução literal. O empréstimo ocorre quando uma palavra da língua de

partida é usada na LCH sem qualquer alteração (ex: *Internet, spyware, hacker*); o calque, quando os morfemas de uma palavra são traduzidos literalmente para a língua de chegada (ex: *virus*>vírus) e, finalmente, a tradução literal ocorre quando uma palavra é traduzida por um número equivalente de palavras estabelecidas na língua de chegada (ex.: *shoe*>sapato). No caso do empréstimo, a palavra costuma ser lida da mesma forma que na língua de partida, não ocorrendo nenhuma alteração fonética. No caso do calque, a palavra costuma ser adaptada ao sistema fonológico da língua de chegada (note-se, no exemplo anterior, a alteração gráfica para acomodar esta adaptação). Na tradução literal, o conceito é traduzido pelo mesmo número de palavras, mas não através da importação de uma palavra da língua estrangeira traduzida nem do calque (cópia ou reprodução exata) dos morfemas (unidades mínimas de sentido) da palavra dessa língua.

A tradução oblíqua surge como compensação para a impossibilidade de traduzir tudo literalmente. Divide-se em transposição, modulação, equivalência e adaptação. A transposição prende-se com mudanças a nível da gramática, como a mudança de classe de palavras, ampliação ou suplementação (adição de palavras que acrescentam significado ou estabelecem relações lógicas com o uso de conetores, respetivamente; Munday, 2008: 67); a modulação, com mudanças ao nível da perspectiva (locutor/interlocutor); a equivalência com o uso de “um equivalente estabelecido na LCH para descrever a mesma situação no TP”; e a adaptação, com a “mudança de cenário cultural se o público de chegada não estiver familiarizado com o cenário cultural do TP” (Munday, 2008: 56-57).

Com base nestes pressupostos, procede-se, então, no capítulo da análise, à identificação dos fossos encontrados nos textos em PT-PT e à categorização do tipo de equivalente, encontrado nos textos em inglês, ambos extraídos do *corpus* bilingue, e propõem-se, em seguida, algumas soluções tradutivas para os restantes fossos, expondo aquelas que são implícitas na criação de neologismos existentes na língua de chegada, da autoria dos académicos e escritores dos textos sobre a teoria queer em PT-PT. No final do capítulo, elaboram-se algumas considerações sobre a razão pela qual se importam estrangeirismos em vez de se apostar na criação de novas palavras.

Se, na tradução, a neologia é tida como um problema linguístico, para Cabré (1999) a neologia traduz-se na criação de novas palavras, mas estende-se à terminologia, distinguindo palavras da linguagem geral, cujos fossos se denominam lexicais, das palavras de uma linguagem especializada, os termos. A linguagem especializada corresponde, segundo esta autora, a uma área científica particular.

A ausência de equivalente de uma palavra nos dicionários bilingues é um indício forte de que estamos perante uma lacuna lexical na língua de chegada, embora os dicionários sejam atualizados frequentemente. Contudo, há que ter em consideração a evolução da língua. Neste preciso momento, pode haver palavras a serem introduzidas no vocabulário da língua portuguesa sem que o público em geral tenha consciência disso. “Cisgénero”, por exemplo, é uma palavra relativamente recente e já se encontra lexicalizada no dicionário Priberam da Língua Portuguesa há algum tempo, pelo menos desde o início desta dissertação, embora a escassez do uso dessa palavra na LGP induza qualquer tradutor a pensar o oposto.

A ausência de equivalente num texto de linguagem especializada na língua de chegada é sinal de que podemos estar perante uma lacuna terminológica se o termo que necessita de tradução parecer ser específico daquele domínio. A ausência de uma palavra pode ocorrer simultânea ou separadamente nos recursos lexicográficos (como os dicionários mono e bilingues), como em recursos terminológicos (como bases de dados terminológicas, dicionários de especialidade. Os fossos lexicais exigem a criação de neologismos, enquanto os fossos terminológicos podem ou não requerer a criação de uma nova palavra, dado que, por vezes, esta já se encontra disponível no dicionário de linguagem geral. Nem sempre é fácil distinguir se determinada palavra corresponde a uma lacuna lexical ou terminológica, isto porque o tradutor tem à sua disposição um número limitado de recursos. No meu caso, textos da linguagem especializada e dicionários de língua geral.

Outra forma de saber se estamos perante uma lacuna lexical ou terminológica é analisar a palavra que está a ser traduzida. Uma palavra pode ser considerada termo porque assume um valor específico naquela área de especialidade, diferente do primeiro

sentido que lhe é conferido na linguagem geral, mas ser um fosso lexical porque não se encontra lexicalizada na cultura de chegada nos dicionários de linguagem geral.

Uma vez que uma palavra é sempre pertencente ao léxico, e uma vez que o léxico interessa ao tradutor tanto quanto a gramática ou outros aspetos linguísticos, as lacunas expostas são categorizadas como lacunas lexicais, embora se faça a ressalva de que também podem constituir fossos terminológicos. Apenas por uma questão de lógica, ressalvo que, ao longo da dissertação, mas sobretudo no capítulo da metodologia, usou-se a palavra “termo” para descrever um trabalho de raiz terminográfica de criação de um *corpus* bilingue que serviu de suporte para a análise lexical contrastiva, que pode ser consultada no capítulo 4.

Algo que ainda não foi aqui abordado foi a equivalência cultural, que se aproxima, de certa forma, da equivalência dinâmica proposta por Nida e Taber (1964), e, talvez por isso, se dispense a sua definição, importando apenas saber com que valor se emprega a palavra “cultura” – e, mais especificamente, equivalente cultural – nesta dissertação. Embora todas as áreas científicas pertençam ao domínio da cultura, o conceito de cultura que pretendo usar reflete-se no uso da linguagem geral que se encontra normalmente lexicalizada nos recursos lexicográficos como os dicionários mono ou bilingues.

Uma vez que alguns dos fossos já se encontram lexicalizados na LSP, a análise tradutológica dos equivalentes passa pela descrição dos métodos de tradução utilizados na criação dos neologismos que colmataram esses fossos lexicais. Estes equivalentes são ainda considerados neologismos porque são palavras muito recentes e não porque não se encontram nos dicionários, embora também seja frequente não os encontrar nesse recurso lexicográfico. Aqueles que não encontram equivalente na língua de chegada, os “verdadeiros fossos”, são lexicalizados por meio da criação de neologismos e analisados da mesma forma que aqueles que já encontravam equivalente. Esta categorização é feita através da aplicação do modelo de análise de Vinay e Darbelnet (1958, em Munday, 2008) que incide sobre três níveis linguísticos: o lexical, o gramatical e o semântico.

Retomando o modelo de análise de Nord, este serve para ir mais a fundo quanto à adaptação de elementos do texto de partida à língua e cultura de chegada. Este modelo

abrange o nível textual e não só o lexical do texto original. Como tal, a adaptação dos elementos microlinguísticos concretiza-se no plano macroestrutural com um modelo simultaneamente amplo na sua génese, porque abrange o texto todo e se foca nas suas especificidades:

O modelo de Nord foca-se mais no TP do que os outros autores funcionalistas. Este foco permite identificar características problemáticas individualmente e em grupo. O modelo de Nord, concebido para formar tradutores, além de conservar o contexto funcional do texto, inclui um modelo de análise textual mais detalhado quanto ao TP. (Munday, 2008: 86)

A maioria das características problemáticas identificadas resume-se ao léxico e à terminologia usada. Por serem neológicas, algumas palavras carecem de concretização e outras de algum tipo de adaptação formal ou dinâmica ao sistema linguístico da língua de chegada. Assim, partindo da análise microestrutural, fez-se uma análise terminológica em que se descreveram os conceitos por meio da sua intensão – significado ou conotação – (Hamilton, 1860; Carnap 1956) e da sua extensão – “objeto a que se faz referência”, através de uma designação – (Braun, 2012: 1). No primeiro caso, as características são listadas e ordenadas das mais gerais para as mais específicas; no segundo, listam-se todas as suas possíveis concretizações (Cabré, 1999: 99). Esta descrição é relevante quando o tradutor pretende colmatar um fosso lexical cujo significado não é muito claro ou explícito, como acontece com o termo central desta teoria, o seu adjetivo (queer). Alguns termos não encontram mais de uma concretização, pelo que a sua extensão não é tão relevante quanto a sua intensão, enquanto noutros casos ocorre o oposto. Como tal, a descrição dos termos nem sempre requer a aplicação desses dois métodos. Quando possível, aplicam-se os dois, para que seja possível informar o público de chegada acerca do seu significado, sobre o neologismo criado ou em utilização na língua de chegada. A explicação do significado das palavras (ou a sua intensão) será útil mais tarde na tradução de textos onde estes neologismos se encontrem, podendo ser aproveitada numa nota explicativa sobre o termo em uso.

De modo a exemplificar o método de descrição da extensão dos fossos lexicais, expôs-se a análise da palavra “queer” numa tabela no início do capítulo da análise. A

partir desta, procurou-se expor a intensão da palavra analisada. Esta análise é ilustrativa do ponto exposto acima sobre a relevância de ambos os métodos. A descrição da intensão das palavras (ou fossos) analisadas nesta dissertação é feita de forma integrada no texto ao longo da análise dos excertos analisados. Esta descrição subjaz à justificação da maioria das soluções tradutivas apresentadas em qualquer trabalho sobre tradução, e nesta tese, em particular, ocupa um lugar de destaque por existirem diversos sinónimos aproximados cujo significado deve ser bem diferenciado para que se possa fazer a melhor escolha lexical possível. Como é apanágio dos estudos de terminologia, é fulcral assegurar rigor e precisão.

Capítulo 3 – Metodologia

Contrariamente ao que acontece na linguística constrativa e na lexicografia bilingue, em que se investigam fenómenos linguísticos de grande interesse para os estudos da tradução (Shen, 2010: 185), o método seguido nesta dissertação procura avaliar o produto da tradução com o intuito de melhorar o desempenho do tradutor, através da identificação dos tipos de problemas de tradução que ocorrem na tradução de textos sobre a teoria queer, e propor soluções para os mesmos a partir de teorias da tradução, com o auxílio de recursos terminológicos.

Apesar de não se ter usado as *CAT tools* nem a MT, usou-se um método de análise contrastiva, em que dois enunciados semelhantes, nem sempre do mesmo tipo de discurso e género textual (embora tal fosse desejável), são comparados com o objetivo de identificar diferenças gerais e específicas entre duas línguas, neste caso, de modo a obter respostas quanto à forma como determinado elemento linguístico (por exemplo, léxico, sintaxe, idiomaticidade...) tem vindo a ser traduzido da LP para a LCH. Este método foi particularmente popular nas décadas de 60 e 70 do século XX e deve a sua origem aos linguistas Halliday e Firth (Munday, 2008: 182).

A vantagem de se usar este método, com recurso a uma ferramenta de processamento de *corpora*, consiste na possibilidade de se tecer comentários fundamentados sobre a quantidade e a qualidade dos fossos lexicais a traduzir, e sobre o uso de determinados termos consoante, entre outros aspetos, a sua evolução no tempo e o seu impacto sociocultural, ao invés de o tradutor se basear apenas na sua intuição (ou em ferramentas de uso geral).

De modo geral, nos estudos da tradução a vantagem de aplicar uma abordagem baseada em *corpora* consiste em munir os académicos de dados empíricos que lhes permita fazer afirmações objetivas, e não apenas subjetivas, ou baseadas na perceção cognitiva e internalizada do indivíduo face à tradução. (Shen, 2011: 185)

Neste caso, apenas os elementos lexicais foram comparados usando este método, com o intuito de determinar de que forma é que os fossos lexicais em PT-PT vinham a

ser colmatados. A ferramenta de processamento de *corpora* utilizada permitiu, além da compilação dos termos e dos seus equivalentes, a recuperação dos contextos de origem e facilitou o alinhamento dos textos onde aqueles se encontravam.

3.1. Objeto de análise: corpora comparáveis

Um gênero textual é uma categoria abstrata que se insere num tipo de discurso caracterizado pela atividade socioprofissional do autor do texto (Silva, 2014). Assim, o discurso do jornalista é jornalístico, o discurso do advogado é jurídico e o discurso do estudante universitário é acadêmico se for redigido durante a sua formação acadêmica ou científico se for redigido após a sua conclusão. Os locutores que também se caracterizam pela sua atividade socioprofissional podem redigir textos de várias áreas socioprofissionais, sendo o tradutor o exemplo mais evidente. Este, por exemplo, redige textos jurídicos quando os traduz. No entanto, o mais frequente é que gênero de texto, tipo de discurso e atividade socioprofissional estabeleçam um elo único. Consequentemente, o locutor redige um texto de um gênero correspondente a um só tipo de discurso, que pode ser, tendo em conta o exemplo dado nas linhas 3, 4 e 5 deste parágrafo, a entrevista, o contrato, e o artigo científico, respetivamente. Nesta dissertação, encontramos três tipos de discurso: o acadêmico e o científico, em que a dissertação de mestrado e de doutoramento e o artigo científico se assumem como os gêneros textuais dominantes.

Como foi dito anteriormente, o tradutor/investigador deve idealmente comparar enunciados de duas línguas diferentes, mas do mesmo gênero textual para assegurar o rigor do uso e dos significados da terminologia usada. Este critério foi parcialmente preterido, no que diz respeito ao gênero textual, durante o alinhamento do texto, pela necessidade de evidenciar os equivalentes funcionais já em uso na *LSP* na língua de chegada, exceto nos últimos dois casos, ilustrativos da existência de neologismos que não encontram equivalente na LCH. Deste modo, este trabalho de investigação consistiu no alinhamento, de forma não linear, de artigos científicos, dissertações académicas e excertos de livros de investigação sobre a teoria queer, de forma a cumprir o objetivo explicitado acima.

Normalmente, os *corpora* comparáveis são usados para extrair equivalentes (Bowker e Pearson, 2002, em Munday, 2008: 181), que auxiliam na tradução de um texto em particular. Por entender que a análise é mais rica com vários textos, e por considerar

que seria inviável traduzir vários textos na sua plenitude, a opção recaiu, não na escolha de um só texto externo aos *corpora*, no qual se identificariam os fossos, mas na tradução dos próprios excertos onde constam as palavras que necessitam de equivalente. Por este motivo, o método contrastivo seguido situa-se entre a literatura comparada e a análise contrastiva.

3.2. Ferramentas de apoio à tradução (CAT tools)

A evolução da linguística computacional e de *corpus* e os seus contributos no âmbito da terminologia permitiram o desenvolvimento de um número cada vez maior de ferramentas *online* de processamento de texto para terminólogos, lexicógrafos e tradutores, entre outros profissionais que lidem com terminologia e que possam necessitar de bases de dados terminológicas. Estas ferramentas são de grande valia em matéria de gestão de informação, por pouparem tempo de pesquisa, graças aos seus velozes motores de busca e organização dos dados, e por serem fáceis de utilizar. Podemos dizer que são cada vez mais indispensáveis no desempenho da profissão de tradutor, dadas as exigências crescentes do mercado de trabalho (o volume das encomendas, os prazos de entrega, etc.), mas são também de grande valia para fins terminográficos, como na produção de glossários ou até para fins de investigação.

Neste caso em particular, optou-se pela ferramenta Corpógrafo (Maia e Sarmiento, 2003), uma ferramenta de processamento de *corpora* desenvolvida para melhorar a tradução técnica e científica, uma vez que tive a oportunidade de explorar algumas das suas funcionalidades num projeto terminológico desenvolvido para a unidade curricular de Terminologia e Lexicografia, no primeiro semestre do segundo ano de mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos, como um dos requisitos obrigatórios para a conclusão da mesma.

No que concerne a primeira fase do trabalho terminológico, i.e. a recolha de informação e tratamento da mesma, a abordagem seguida foi inversa à abordagem cognitiva proposta por Cabré, a qual “pressupõe que o terminólogo comece por estabelecer a estrutura concetual que sumariza o conhecimento da disciplina e só depois

procura os nomes de cada conceito nessa estrutura” (1999: 43) – porque, de um ponto de vista linguístico, a percepção relativamente a um termo é mais evidente do que a que temos relativamente a um conceito, dado que um termo corresponde a uma representação normalmente mais curta. Contudo, no que diz respeito à forma como os dados foram expostos, a abordagem seguida foi aquela proposta pela Cabré, pois os termos não farão sentido sem uma concetualização prévia. Dito por outras palavras, os termos e as expressões são símbolos que necessitam de descodificação e que nos impelem à procura dos seus conceitos.

3.3. Descrição do corpus

A fim de conseguir compilar um número significativo de termos no tema escolhido como objeto de estudo desta dissertação, criaram-se *corpora* comparáveis, isto é, com textos originais em duas línguas de partida (o inglês genérico e o português europeu, de 236 601 e 569 733 átomos ou grafemas, respetivamente), redigidos por especialistas da área em questão, isto é, a teoria queer. Este *corpus*, *Corpus Comparável de Textos sobre a Teoria Queer para Tradução Técnico-Científica* (CCTTQTTC) servirá de base para uma análise contrastiva de aspetos linguísticos, como o léxico e a terminologia, na teoria queer em Português e Inglês para justificar a preferência dada ao uso de certas formas linguísticas sobre outras.

Após uma longa e extensiva procura que se estendeu dada a fraca ocorrência de produção científica nesta área na segunda língua de partida, compilou-se cerca de 96 textos na primeira LP (EN) e 43 na segunda (PT) em dois *corpora* individuais criados, respetivamente, para o efeito, a QT e a TQ, que dariam origem a uma base de dados terminológica composta por 423 termos, dos quais 294 são ingleses e 115 são portugueses. Apresento mais à frente uma reflexão acerca da recolha de *corpora*. A opção de duas línguas de partida deve-se à preferência por um método de investigação de *corpora* comparáveis e não de *corpora* paralelos.

Regista-se um breve intervalo de 10 anos entre o início da publicação de artigos científicos e dissertações académicas sobre a teoria queer no Reino Unido e nos Estados Unidos da América (de 1995 a 2016) e o início da publicação em Portugal (de 2006 a 2015).

A preferência por criar um *corpora* comparáveis prende-se com o facto de os *corpora* paralelos, ou seja, corpos de textos agregados compostos por redações originalmente escritas numa língua e traduzidos para outra, não serem tão fiáveis de um ponto de vista terminológico quanto os *corpora* comparáveis, isto porque as traduções, principalmente aquelas encontradas na Internet, nem sempre são sujeitas a um controlo de qualidade (QA) ou revisão da língua ou da variante da língua para a qual precisamos da tradução, que assegure a naturalidade da língua e a correção linguística e terminológica dessas traduções. É frequente encontrar-se textos traduzidos por fãs ou admiradores que nem sempre têm qualificações na área das línguas ou, mais especificamente, na tradução. Do mesmo modo, é frequente tradutores sem formação em terminologia traduzirem informação terminológica. Como tal, é comum depararmo-nos com erros sistemáticos, principalmente no que diz respeito a certos aspetos da linguagem como o léxico, a terminologia e a sintaxe, uma vez que os tradutores não licenciados facilmente se deixam influenciar pelos aspetos da língua de partida, mais ainda numa disciplina que se encontra em desenvolvimento.

Os *corpora* comparáveis, textos originais nas duas LPs sobre um mesmo tema, serão, à partida, melhores no sentido em que são redigidos por especialistas nativos qualificados cuja formação lhes permite estar ao corrente da terminologia usada tanto numa língua como noutra (a que chamamos de *equivalentes reais*, como referem Gitsaki e Baldauf Jr., 2012) e até em mais do que uma variante da língua portuguesa. O trabalho do investigador que procura colmatar falhas lexicais e terminológicas através da equivalência lexical é facilitado pelo facto de que estes especialistas costumam ser exímios na sua função, no decorrer da qual separam os elementos funcionais por língua e variante, dispensando este trabalho por parte do tradutor e a procura de fontes mais fidedignas noutros locais.

Desta forma, protege-se, não só a naturalidade da língua e a originalidade da produção científica de cada país, mas também todas as especificidades e diferenças socioculturais que lhes são inerentes, assegurando que cada língua preserva um certo estatuto sociocultural e não se deixa assoberbar pelo estatuto dominante que a língua de produção de conhecimento principal, a língua franca atual (o inglês), ocupa em termos geolinguísticos.

A criação de uma terceira pasta com um número de textos meramente ilustrativos de Português do Brasil (cinco, ao todo) serve apenas de apoio à hipótese de que existem muito mais termos e equivalentes da teoria queer em PT-BR do que em PT-PT e, como tal, podem ser muito úteis para importar novo léxico e terminologia desta *LSP* na variante europeia do Português.

O inglês teve mesmo de ser genérico (isto é, maioritariamente de duas variantes linguísticas, a americana e a inglesa) porque constitui a língua franca e o objetivo era alcançar o maior número possível de conceitos e termos chave da teoria queer na língua de produção principal sem dedicar demasiado tempo a restringir o objeto de análise.

3.4. Descrição do trabalho desenvolvido no Corpógrafo

A partir deste *corpus*, criou-se uma base de dados terminológica (BDT), à qual foi dada o nome “MTSL(sigla do mestrado)-TQT(sigla abreviada do tema nas duas línguas, PT e EN, Teoria /Queer/ Theory)_CD(nome e sobrenome da investigadora)” onde se compilaram os termos do par linguístico escolhido (EN-PT), ou seja, do inglês (genérico) que é a língua de produção científica principal, a partir da qual se procuraram os equivalentes terminológicos em português europeu.

Na secção “Corpora” ainda sob a pasta “Gestor”, criou-se um *corpus* de língua especializada (*LSP*), isto é, de linguagem científica, para cada língua, de onde foram extraídos e propostos candidatos a termos. Para que o Corpógrafo pudesse extrair os termos de cada *corpus*, foi necessário associar a pasta da respetiva língua (QT ou TQ) ao *corpus* respetivo após a sua criação. Assim, ao *corpus* “QT-*corpus*_CD (sigla do nome e

sobrenome da investigadora)”, por exemplo, estará associada a subpasta “QT” da pasta genérica “TQT”.

3.5. Tipo de discurso e género textual

Idealmente, os textos deveriam corresponder a um só tipo de discurso (e.g. académico) e a um só género textual (e.g. dissertação de mestrado), de modo a circunscrever a área em que os termos são aplicados e a limitar a ambiguidade semântica e assegurar a qualidade dos textos e dos termos, sabendo que os autores são especializados ou semiespecializados. Porém, dada a escassez e dificuldades de acesso a textos redigidos nesse âmbito, sobretudo em português europeu, a seleção não foi tão específica quanto seria desejável pois, de outra forma, tornar-se-ia extremamente difícil compilar um número suficiente de termos a partir de textos encontrados na Internet.

Muitos dos textos encontrados produzidos no seio de instituições de ensino superior inglesas, assim como alguns produzidos no seio das instituições portuguesas, encontravam-se protegidos contra cópia, estando o acesso a alguns deles completamente trancado e outros sujeitos a pedido prévio por parte do investigador interessado. Não se efetuou qualquer pedido, tendo toda a informação sido obtida por pesquisas internauticas, graças ao seu acesso livre. Para além disso, importa saber que diferentes universidades (tanto as nacionais como as internacionais) se regem por diferentes acordos e, naturalmente, dispõem de um número desigual de produção textual e académica em diversas matérias, incluindo em estudos e teoria queer. Consequentemente, as consultas físicas a bibliotecas municipais não se revelaram muito frutíferas, dado que a Biblioteca Almeida Garrett e a Biblioteca Pública Municipal do Porto não dispunham senão de dois livros traduzidos (como tal apenas utilizáveis se a abordagem de *corpus* seguida tivesse sido o *corpus* paralelo e não o comparável), e apenas acessíveis para consulta local.

Apesar disto, foi possível encontrar, tanto a partir da biblioteca digital da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, como através do Google, um total de 43

artigos em português europeu que se relacionam com a teoria queer – ainda que, por vezes, apenas pela menção da mesma, estando mais relacionados com os estudos feministas – e 97 artigos em inglês genérico (isto é, sem variante especificada), que abordam a teoria queer e a relacionam com outras áreas do saber.

A falta de rigor de alguns textos publicados revela a necessidade de um controlo mais apertado e uma abertura maior por parte das instituições académicas para que a qualidade dos textos seja gradualmente maior.

A exigência de elevada cientificidade foi um dos critérios tidos em conta na recolha de textos da área proposta por conferir ao estudo um maior grau de credibilidade. Por esse motivo, deu-se preferência ao tipo de discurso literário e académico, e os géneros textuais foram essencialmente três, a saber: artigos científicos (e.g., *Homonormativity, A Metropolitan Concept that Denigrates “Ordinary” Gay Lives*, de Gavin Brown, *Introdução, Um lugar feminista queer e o prazer da confusão e fronteiras*, de João Manuel de Oliveira e Conceição Nogueira), teses e dissertações académicas (e.g., *Contemporary Lesbian Genders, A Queer/Sociological Approach*, de Alison Jane Eves), e textos literários extraídos de alguns livros de especialidade (e.g., *Gender Trouble*, de Judith Butler, *Queering Paradigms*, de Burkhard Scherer), entre outros.

3.6. Método de recolha de corpora

A recolha de *corpora* foi feita primeiramente através de uma pesquisa exaustiva no Google com recurso às palavras-chave, *queer theory / teoria queer* (o assunto), *.pdf* (o formato), *.pt* (a língua e local de origem) e, seguidamente, termos derivados de queer, como, por exemplo, o advérbio *queerly*, o adjetivo *unqueer*, etc. Os resultados obtidos em inglês foram mais numerosos já que, por um lado, a variante de língua ou país de origem dos textos da primeira LP não foram circunscritos a uma só variante linguística, e, por outro, a produção científica em inglês nesta área é bastante mais significativa, pelos motivos que já foram abordados no capítulo introdutório.

3.7. Fontes bibliográficas

As fontes académicas são muito variadas. Só no Reino Unido, encontramos as seguintes universidades, *Lancaster University*, *The University of Leeds*, *Edinburgh University*, *Cambridge University*, *University of Sussex*, etc; e nos Estados Unidos, nove universidades estatais: *University of California*, *University of Toronto*, *The University of Michigan*, *Bowling Green State University*, *IDS/Sussex University*, *The University of Chicago*, *Santa Clara University School of Law*, *Johns Hopkins University* e *Duke University Press*.

No caso da LP, o elevado número de textos constituiu mais um entrave do que propriamente uma vantagem, uma vez que as disciplinas abordadas eram tão díspares cientificamente quanto a relação que se estabelece entre Economia e Literatura e tal dificulta, sem sombra para dúvidas, o trabalho tradutológico e terminológico em questão. No entanto, o objetivo não era limitar a teoria queer a uma só área do saber, mas sim garantir que se desenharia um esquema geral do potencial científico queer. Naturalmente, existirão termos da literatura que não se misturam com os termos usados na Economia e muito menos o oposto (apesar de, na teoria queer, talvez isso não ser tão descabido); porém, a interdisciplinaridade, brevemente explanada no capítulo introdutório, é um dos princípios basilares da tradução, pelo que a sua representação deve ocupar uma posição central nesta dissertação, no que ao léxico diz respeito.

Por oposição, os resultados obtidos em PT-PT foram tão escassos inicialmente que se vislumbrou a hipótese de alargar a LP2 à variante brasileira da língua portuguesa. No entanto, esta escolha colocaria em risco o objetivo desta dissertação, já que a ideia era traduzir textos queer para PT-PT e não para PT-BR. Assim, quando os resultados se revelaram insuficientes, foi necessário procurar outras alternativas. Uma delas foi a procura de textos queer em repositórios de universidades portuguesas, através dos *websites* das mesmas. Mais uma vez, esta opção não se revelou frutífera, talvez porque o acesso a certos conteúdos está reservado a estudantes dessas instituições.

Logo, e partindo desse princípio, efetuou-se uma pesquisa na biblioteca digital da FLUP, onde consegui ter acesso a um maior número de textos produzidos na LCH que pretendia, apesar de a maioria deles estar redigido em português do Brasil (PT-BR), que, curiosamente, pertenciam, na sua maioria, a outras universidades nacionais como a Universidade do Minho (UM) e o Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). Apesar disso, foi assim que consegui um maior número de artigos em PT-PT.

Concluída a fase da documentação, ou seja, da recolha de informação e dos textos, assim como da criação da base de dados e da inserção de textos nos *corpora*, passou-se então para o tratamento dos textos e para a extração da terminologia.

O tratamento dos textos é um processo potencialmente moroso, mas cujo esforço inicial compensa pelos resultados obtidos. Independentemente do formato, é recorrente constatar-se erros de leitura que podem ser eliminados na própria plataforma através do campo *editar texto*. Para além disso, é recomendável (e esta recomendação pode ser encontrada no manual de utilização do Corpógrafo) que se removam índices, tabelas, imagens, legendas, referências bibliográficas, dados autobiográficos ou biográficos sobre os autores, entre outra informação que se revele supérflua (agradecimentos...), de modo a estreitar os resultados lexicais obtidos pelo Corpógrafo aquando da extração terminológica.

A extração dos termos é feita no Corpógrafo. Dá-se início a uma pré-seleção que se baseia na frequência do uso e padrões lexicais recorrentes de certos vocábulos ao longo dos textos. Cabe ao terminólogo ter o discernimento para escolher, dentre os 10 primeiros termos candidatos, aqueles que constituem termos no verdadeiro sentido da palavra, selecionando-os e acrescentando-os à Base de Dados Terminológica (BDT).

Assim que estejam compilados termos suficientes para a língua de partida e os respetivos equivalentes (sendo que estes costumam ser mais difíceis de encontrar, sobretudo na sua totalidade), inserem-se as definições e os contextos nos quais os termos ocorrem. Contudo, isto nem sempre é produtivo, principalmente no que concerne a recolha de definições, sendo que o terminólogo se vê, por vezes, obrigado a selecioná-las

manualmente através da pesquisa de contextos ou por meio de uma pesquisa intratextual (recorrendo, mais uma vez, à função *editar texto*).

Esta opção é, obviamente, a que leva mais tempo e exige maior esforço. A compilação de definições e contextos é útil para o terminólogo, pois estas munem-no de um sem-número de informações linguísticas imediatas sobre, por exemplo, padrões lexicais (colocações), gramaticais (tempos verbais, género e número dos termos que os acompanham), sintáticos (construção e ordem das frases) assegurando, através da comparação destas informações com as fornecidas em PT-PT, um uso correto destes termos, por exemplo, na tradução de textos onde estes (co-)ocorrem.

Finalmente, procuram-se os equivalentes de tradução por meio de uma pesquisa automática na base de dados terminológica e, em seguida, estabelecem-se relações semânticas entre estes (termos da LCH) e os termos da língua de partida (LP), de modo a obter um ou vários mapas conceituais. Alternativamente, e se o preenchimento deste campo se revelar útil ou imprescindível para o estudo terminológico, preenche-se, também, o campo reservado à morfologia (classificação gramatical do termo, número e género; por exemplo, *binarismo* [substantivo] *de* [preposição] *género* [substantivo]).

Ao contrário do que aconteceu nas visitas físicas a algumas bibliotecas portuguesas, já descritas e relatadas, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto dispunha de alguns livros sobre a temática, nomeadamente *A Critical Introduction to Queer Theory* (Sullivan, 2003), *Deleuze and Queer Theory* (Nigianni & Storr, 2010), *Queer Theory (Readers in Cultural Criticism)* (Segdwick, 2005), *Camp (Queer Aesthetics and the Performing Subject, A Reader)* (Cleto, 1999) e *Queering paradigms* (Scherer, 2010). Embora não constituíssem obras redigidas em PT-PT – o que seria, obviamente, de grande valia para esta dissertação, dada a escassez de produção científica nesta área e língua –, estes livros, sobretudo o de Nikki Sullivan, revelaram-se extremamente úteis, não só para a familiarização com as teorias queer principais, mas também para a identificação de terminologia basilar.

Houve ainda uma tentativa de digitalizar excertos de alguns capítulos destes livros, de modo a poder extrair terminologia com o Corpógrafo. A proteção contra escrita não permitiu a inserção dos textos digitalizados nessa ferramenta, apesar de se ter inclusive experimentado uma ferramenta OCR (Optical Character Recognition) para reconhecimento ótico de caracteres. Assim, complementou-se a extração terminológica virtual e automática do Corpógrafo com a extração manual de terminologia relevante para a temática, após a leitura, ora integral, ora intermitente (aplicando a chamada técnica de “leitura na diagonal”) de alguns capítulos introdutórios ao tema, como o terceiro e o sexto capítulos do livro de Sullivan, *Queer, A Question of Being or A Question of Doing?* e o primeiro capítulo de *Deleuze and Queer Theory, On the Very Possibility of Queer Theory*.

As limitações da produção científica portuguesa nesta área influenciaram de forma significativa o número de termos encontrados nesta língua. Tanto na LP1 como na LP2, alguns dos textos encontrados eram demasiado curtos e a informação neles contida era escassa. Por oposição, outros eram demasiado extensos e continham informação tão aprofundada que acabava por dificultar uma compreensão rápida e eficiente dos conceitos-chave desta teoria. Além da extensão dos textos, a carência de explicitação de alguns conceitos dificultou a recuperação da terminologia necessária para compilar uma base terminológica ainda mais completa.

3.8. Método de análise

Exponho, para terminar, o método de análise que será posto em prática. O uso dos *corpora* comparáveis serve de ponto de partida para a escolha dos excertos a analisar com base na identificação de fossos lexicais e dos seus equivalentes. Estes excertos são analisados através do seu emparelhamento, da sua tradução e avaliação das soluções resultantes, em que as especificações do TP e do TCH são tidas em conta.

Os fossos lexicais e os equivalentes são expostos de forma alfabética em duas tabelas, a primeira relativa a fossos lexicais que encontraram equivalente nos textos originais da língua de chegada sobre a teoria queer, e a segunda a fossos lexicais que não

encontraram equivalente nessa linguagem especializada, e, como tal, são traduzidos por mim com a devida consulta de recursos especializados para o efeito como os recursos lexicográficos (dicionário, gramáticas e livros sobre terminologia onde pude verificar os métodos de formação morfológica), terminológicos (BDT) e tradutivos (através da categorização dos equivalentes encontrados). O uso de categorias gramaticais e subtemas (e.g., substantivos + termos LGBT) foi o método organizacional escolhido no que concerne a exposição da análise do léxico e terminologia em contexto, por permitir uma busca rápida do fosso lexical e da solução tradutiva para o mesmo.

Capítulo 4 – Análise

Pelos textos encontrados, foi possível inferir que a escrita queer se insere, normalmente, em três tipos textuais: académico, literário e técnico-científico. Os textos de tipo académico encontrados são dissertações de mestrado e teses de doutoramento. O literário, livros de prosa. Os técnico-científicos, artigos, maioritariamente da área da medicina.

O modelo de análise textual funcional de Nord (2005) serve de ponto de partida para analisar excertos de textos sobre a teoria queer:

Assim que os textos de partida e de chegada tenham sido comparados, o texto de partida pode ser analisado para decidir as prioridades funcionais da estratégia tradutiva. A lista de fatores intratextuais (2005, 87-142) é um modelo possível para a análise do texto de partida. Estes fatores são conteúdo especializado que inclui pressuposições acerca do significado conotativo, coesão... , fatores de situações comunicativas reais que se presume serem conhecidas por todos os participantes, inclui elementos micro e macroestruturais, ilustrações, itálico, etc. Léxico, inclui dialeto, registo e características suprasegmentais específicas da 'ordem dos termos na frase' como a entoação, o ritmo e 'pontuação estilística' (Munday, 2008: 83).

A escolha deste modelo prende-se com o escopo das dificuldades encontradas na tradução de textos sobre a teoria queer, ao mesmo tempo que incide sobre o aspeto principal, o léxico e as características suprasegmentais supramencionadas, incluindo aspetos morfológicos como o número e o género.

Escolher a estratégia tradutiva com base no tipo de discurso e no género textual de Reiss (1976) é característico de uma “teoria restrita ao género textual” (Munday, 2008: 11). Contudo, esta restrição não tem de ser obrigatoriamente inflexível, até porque “todos os textos são discursivos e todos os discursos partilham características semelhantes entre si” (Adam, 1976). Como todos os géneros textuais (dissertação e artigo científico, maioritariamente) se inserem na tipologia de texto informativo, a tradução será predominantemente documental, mas sempre com a observação anterior em vista.

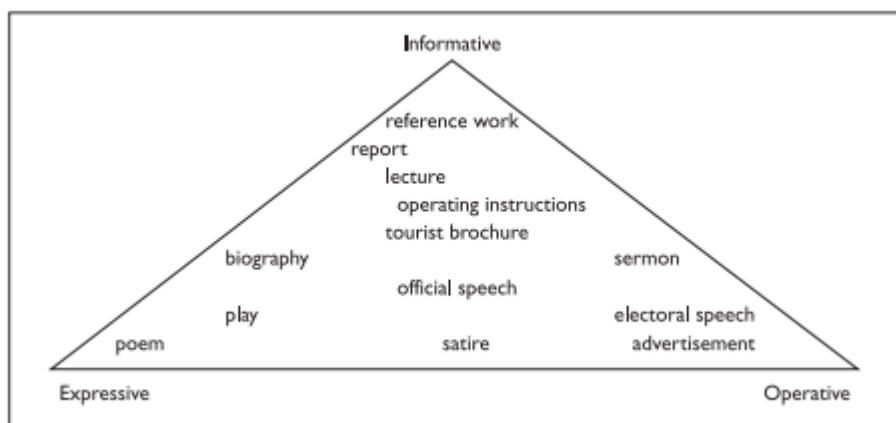


Figura 1- Tipos de texto e variedades de texto (Chesterman 1989, 105, em Munday, 2008: 73)

Como em *corpora* comparáveis não se pode analisar uma tradução – uma vez que, ao contrário dos textos paralelos em que os textos da língua de chegada são traduções dos textos da língua de partida –, a tradução dos excertos serve de complemento para analisar o léxico presente em textos sobre a teoria queer.

Os aspetos textuais analisados neste capítulo são, na sua maioria, lexicais, morfológicos e sintáticos, com ênfase sobre os fossos terminológicos, no que ao tradutor diz respeito, quanto à sua tradução. A complexidade da teoria queer obrigou à recolha de mais de um tipo discurso, o académico e o científico, para perceber quais os termos que necessitavam de tradução e de que forma poderiam ser traduzidos.

Compilada uma base terminológica bilingue (EN-PT) de aproximadamente 417 termos, dos quais 105 equivalentes em PT-PT, resta-nos escolher os fossos a analisar. Alguns dos termos analisados já se encontram traduzidos há muito tempo, mas a força da linguagem geral confunde, por vezes, o tradutor, como é o caso do clássico debate entre *sexo* e *género*. Tomemos o exemplo da palavra *sexo*, que continua a ser sinónimo de *género* nos dicionários portugueses e, na linguagem especializada, a teoria queer, estes dois termos representam duas realidades distintas³. Neste caso, a análise não é tão relevante de um ponto de vista lexical, pois existe equivalência, como para distinguir o

³ Ver discussão págs. 74, 75, 76.

uso desta palavra na *LGP (Linguagem geral)* e na *LSP (Linguagem de Especialidade)*.

Outros termos como “intersexual” são interessantes de analisar por constituírem sinónimos de termos mais datados como hermafrodita, e como tal necessitarem de uma explicação adicional sobre a preferência que é dada a um ou outro termo dependendo do autor, da sua intenção, da situação comunicativa e das expectativas culturais do público de chegada, entre outros fatores como a anacronia e sincronia.

O objetivo desta análise é especificar o uso destes e de outros itens lexicais, diferenciando-os uns dos outros, apresentando os argumentos utilizados pelos especialistas na escolha de determinados vocábulos, e ao mesmo tempo, identificar e resolver problemas sintáticos que se levantam com a tradução desses itens, de modo a melhorar a qualidade de textos traduzidos sobre a teoria queer.

Antes de começarmos a análise do léxico em contexto, apresento uma pequena análise terminológica do termo central desta teoria, ilustrada por uma tabela com os múltiplos referentes de *queer*, por considerar que o debate ideológico desta palavra é demasiado extenso e diversificado para resumi-lo aqui.

Extensão de *Queer*

<i>Straight queers</i>	<i>Daddy</i>
<i>Bi-queers</i>	<i>femme</i>
<i>Tranny queers</i>	<i>lesbians who sleep with men</i>
<i>Lez queers</i>	<i>butches</i>
<i>Fag queers</i>	<i>voyeurs</i>
<i>SM queers</i>	<i>pimps</i>
<i>Fisting queers</i>	<i>pornographers</i>

Tabela 1: Pequena amostra da extensão de queer.

Queer é, para muitos, uma palavra confusa e de significado difuso. Para uns, indefinível, para outros intraduzível. A sua definição encontra-se dispersa num questionamento ideológico acerca da existência e afirmação, aceitação e rejeição de um certo tipo de indivíduo, prática ou orientação sexual, atitude ou estilo de vida, posição política ou identidade filosófica.

Além disso, a comparação do termo inglês ‘queer’ (não traduzível noutras línguas e reconhecido como uma invenção americana) com um pensamento francês (o pensamento de Deleuze e Guattari), lembra-nos da intervenção comumente menosprezada por parte do pensamento francês pós-’68, em relação a sexualidades não normativas e a noção destabilizada do eu. (Nigianni e Storr, 2009: 2)

Gramaticalmente, queer é uma palavra que ocupa várias categorias, entre elas a de substantivo/adjetivo, sendo que uma parcela do queer é mais a favor do seu uso enquanto verbo, como reação à categorização dos indivíduos com base na sua orientação ou comportamento sexual apelando ao seu caráter mutável e transformador, por se referir potencialmente a várias posições políticas mais do que a identidades (Halperin, 1995 em Sullivan 2003: 44).

Atualmente, a expansão do seu sentido engloba toda a comunidade LGBT, quando, antigamente (isto é, antes do surgimento da teoria queer), apenas os homossexuais eram contemplados e de forma pejorativa.

No entanto, queer não se limita a esta comunidade e resiste a uma tradução universal, pela sua polissemia, ao assumir vários significados. Tal significa que a sua extensão (Cabré, 1999) afeta a sua intensão, pela sua abrangência.

[(in)definição/(in)intensão de *queer*],

Queer é por definição tudo aquilo que esteja em discordância com o normal, o legítimo, o dominante. Não se refere, necessariamente, a nada em particular. É uma identidade sem essência. ‘Queer’ demarca, assim, não uma positividade, mas uma posição face ao normativo... Queer descreve um horizonte de possibilidades cuja extensão precisa e alcance

heterógeneo não podem, em princípio, ser delimitados de antemão. (Halperin, 1995, 62 em Sullivan, 2003)

Na impossibilidade de determinar a intensão total de queer, não como a conhecemos nos dicionários enquanto léxico (“homossexual” ou “estranho”), mas enquanto termo, passemos à sua extensão cujas concretizações são meramente ilustrativas. Segundo a perspectiva de Smith (1996: 277), citada em Sullivan (2003: 44), os *queers* podem ser, *straight queers* (...heterossexuais), *bi-queers* (...bi(ssexuais)), *tranny queers* (...transsexuais⁴), *lez queers* (...lés(bicas)), *fag queers* (...panisgas⁵), *SM queers* (... SadoMaso(quistas)), *fisting queers* (praticantes do *fisting*⁶). De acordo com Rotello (1992) podem ser *drag queens* e segundo Segdwick (2005) podem ser *lesbians who sleep with men* (lésbicas que dormem com homens). Para Grosz (1994), a indefinição de *queer* é capaz de induzir à inclusão de práticas sexuais eticamente questionáveis como a chulice ou a pornografia.

O uso de uma base de dados terminológica onde constem estas e mais concretizações (Cabré, 1999) de queer pode ajudar o tradutor a compreender que a tradução deste termo por “homossexual” ou “estranho” (ver *Cambridge Dictionary online*) nem sempre será a tradução mais adequada.

Assim, na incapacidade de determinar a intensão de queer e na impossibilidade de recolher informação adicional no TP, por exemplo, através da recuperação de um adjetivo qualificador de queer (como em *straight queer*), a tradução mais adequada deverá contemplar toda a sua extensão, através do uso do termo queer como um “termo guarda-chuva” (traduzido literalmente de Sullivan, 2003), independentemente das objeções ou críticas ao seu uso.

⁴ Elevação do registo de língua (*tranny* é abreviatura e é calão).

⁵ Termo popular restrito à cultura da língua de chegada. Abreviatura do insulto *paneleiro*.

⁶ “Prática sexual que envolve a inserção de uma ou mais mãos ou do antebraço num dos orifícios corporais (normalmente vaginal ou anal...) (...). A prática é, por natureza, gentil e apesar das implicações que o nome suscita, *fisting* requer cuidado e habilidade por parte dos seus praticantes. O uso abundante de um lubrificante é essencial para tornar esta prática sexual possível.” (Giffney e O’Rourke, 2016).”

Queer é usado como um falso termo guarda-chuva sob o qual ‘queers’ de todas as raças, etnias e classes são obrigados a abrigarem-se. Por vezes, precisamos dele para nos protegermos contra opositores. Mas mesmo quando o usamos para nos protegermos, não nos podemos esquecer que este guarda-chuva homogeniza e apaga as nossas diferenças. (Anzaldúa, 1991: 250 em Sullivan, 2003: 44)

Finalmente, falta-nos analisar o uso de queer em contexto. Segue-se a análise textual de alguns excertos de textos sobre a teoria queer onde se analisam itens lexicais derivados da raiz *queer*. O critério seguido na sua seleção foi a existência de, pelo menos, um equivalente funcional comparável na língua de chegada ou, muito excecionalmente, de uma palavra a partir da qual se possa criar esse equivalente. Mais à frente, analisar-se-ão outros itens, com base na ambiguidade concetual suscitada pela existência de sinónimos que carecem de explicação. A par destes itens, identificam-se problemas de ordem sintática e morfológica que influenciam a escolha de certas técnicas de tradução mais localizadas, de modo a enfrentar-se o nível linguístico do texto (Nord, 1988).

Apresento abaixo as duas tabelas mencionadas no capítulo anterior e ainda outras duas com as categorias de Vinay e Darbelnet descritas anteriormente.

Análise terminológica

Lacunas (*LGP*)

Equivalentes (*LSP*)

1.	abjection	abjeção
2.	ageism	idadismo
3.	androgyne/ androgynous	andrógino
4.	assimilation	assimilação
5.	becoming	a fazer
6.	bi-gendered (adj.)	bigénero (n.)

7.	biological sex	sexo biológico
8.	butch	butch/lésbica masculina
9.	cis-heteronormativity	hetero-cisnormatividade
10.	cissexual	cis (abv.)
11.	coming out	coming out/saída do armário
12.	compersion	compersão
13.	compulsory heterosexuality	heterossexualidade compulsória
14.	deconstruction	desconstrução
15.	desidentification	desidentificação/ descoincidência
16.	deviance	desvio
17.	drag	drag
18.	erotic acts	atos eróticos
19.	femininity	feminilidade
20.	femme	femme/ lésbica feminina
21.	FTM	FTM
22.	gender	género
23.	gender ambiguity	ambiguidade de género
24.	gender bashing	ataque/insulto de género
25.	gender binary	binarismo de género
26.	gender deviance	desvio de género
27.	gender dysphoria	disforia de género
28.	gender expression	expressão de género
29.	gender identity	identidade de género
30.	gender inversion	inversão de género
31.	gender norms	normas de género
32.	gender performativity	performatividade de género
33.	gender roles	papéis de género
34.	gender studies	estudos de género
35.	hermaphrodite	hermafrodita
36.	heteronormative	heteronormativo
37.	heteronormativity	heteronormatividade
38.	heteropatriarchal	heteropatriarcal

39.	heterosexism	heterossexismo
40.	heterosexist	heterossexista
41.	heterosexual gender	género heterossexual
42.	heterosexual matrix	matriz heterossexual
43.	heterosexual norm	norma heterossexual
44.	homoerotic	homoerótica (n.)
45.	homonegativity	homonegatividade
46.	homonormativity	homonormatividade
47.	homosocial	homosocial
48.	homosociality	homosocialidade
49.	intersectionality	interseccionalidade
50.	intersex	intersexo
51.	intersexuality	intersexualidade
52.	invert	invertida (f.)
53.	lesbian gender	género das lésbicas
54.	male gaze	olhar masculino
55.	MTF	MTF
56.	multigendered	multigénero
57.	non-conformity	não conformidade
58.	non-heterosexual	não heterossexual
59.	non-heterosexuality	não-heterossexualidade
60.	non-human	não humano
61.	non-monogamy	não-monogamia
62.	non-normative	não normativo
63.	non-normativity	não normatividade
64.	outing	outing
65.	passing	passing
66.	performance	performance
67.	performativity	performatividade
68.	polyamory	poliamor
69.	post-operative transsexual	transexual pós-op
70.	pre-operative transsexual	transexual pré-op

71.	queer	queer
72.	queer film	cinematografia queer
73.	queer person	pessoa queer
74.	queer theory	teoria queer
75.	queer writing	esQuever / escrevivência
76.	queering	queerização
77.	sex categories	categorias sexuais
78.	sexual difference	diferença sexual
79.	sexual dissidence	dissidência sexual
80.	sexual identity	identidade sexual
81.	sexual inversion	inversão sexual
82.	sexual orientation	orientação sexual
83.	sodomite	sodomita
84.	third gender	terceiro gênero
85.	third sex	terceiro sexo
86.	to queer	queerizar
87.	tranny queers	transexuais
88.	transgender	transgênero
89.	transgenderism	transexualidade / transgenderismo
90.	transphobia	transfobia
91.	transvestite	travesti

Tabela 1

Categorização das unidades de tradução da LP (equivalentes na LSP da LCH)

1.	Tradução literal (calque)
2.	Tradução literal (calque)
3.	Tradução literal (calque)
4.	Tradução literal (calque)
5.	Modulação (mudança de perspectiva)
6.	Mudança gramatical (terminação)
7.	Tradução literal

8.	Tradução literal (empréstimo)
9.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
10.	Tradução literal + redução morfológica
11.	Tradução literal + ampliação
12.	Tradução literal (calque)
13.	Tradução literal (calque)
14.	Tradução literal
15.	Tradução literal (calque), sinónimo
16.	Tradução literal (calque)
17.	Tradução literal (empréstimo)
18.	Tradução literal
19.	Tradução literal
20.	Tradução literal (empréstimo)
21.	Tradução literal (empréstimo)
22.	Tradução literal
23.	Suplementação (+prep. de)
24.	Adaptação cultural
25.	Suplementação (+prep. de)
26.	Suplementação (+prep. de)
27.	Suplementação (+prep. de)
28.	Suplementação (+prep. de)
29.	Suplementação (+prep. de)
30.	Suplementação (+prep. de)
31.	Suplementação (+prep. de)
32.	Suplementação (+prep. de)
33.	Suplementação (+prep. de)
34.	Suplementação (+prep. de)
35.	Tradução literal (calque)
36.	Tradução literal (calque)
37.	Tradução literal (calque)
38.	Tradução literal (calque)
39.	Tradução literal (calque)
40.	Tradução literal (calque)
41.	Tradução literal
42.	Tradução literal
43.	Tradução literal
44.	Tradução literal (calque)
45.	Tradução literal (calque)
46.	Tradução literal (calque)

47.	Tradução literal (calque)
48.	Tradução literal (calque)
49.	Tradução literal (calque)
50.	Tradução literal (calque) (*não há mudanças a nível da gramática porque a vogal temática 'o' em intersexo representa o género neutro em PT-PT)
51.	Tradução literal (calque)
52.	Tradução literal (calque)
53.	Tradução literal (mudança na flexão de <i>lésbica</i> ao nível do número) + suplementação (+prep.)
54.	Tradução literal
55.	Tradução literal (empréstimo)
56.	Tradução literal
57.	Tradução literal (calque)
58.	Tradução literal (calque)
59.	Tradução literal (calque)
60.	Tradução literal (calque)
61.	Tradução literal (calque)
62.	Tradução literal (calque)
63.	Tradução literal (calque)
64.	Tradução literal (empréstimo)
65.	Tradução literal (empréstimo)
66.	Tradução literal (empréstimo)
67.	Tradução literal (calque)
68.	Tradução literal (calque)
69.	Modulação (redução morfológica)
70.	Modulação (redução morfológica)
71.	Tradução literal (empréstimo)
72.	Tradução literal
73.	Tradução literal
74.	Tradução literal
75.	Neologismos
76.	Tradução literal
77.	Tradução literal
78.	Tradução literal
79.	Tradução literal
80.	Tradução literal

81.	Tradução literal
82.	Tradução literal
83.	Tradução literal (calque)
84.	Tradução literal (calque)
85.	Tradução literal (calque)
86.	Tradução literal
87.	Termo análogo mais aproximado (diferença no registo de língua > de calão a linguagem corrente)
88.	Tradução literal (calque)
89.	Termo análogo mais aproximado, calque
90.	Tradução literal (calque)
91.	Tradução literal

Tabela 2

Lacunas (LP)

Tradução

1.	able-bodiedness	sã/são de corpo
2.	ableism	capacitismo
3.	anti-gay-male homophobia	homofobia anti-homens homossexuais
4.	anti-lesbianism	anti-lesbianismo
5.	bacha posh	bacha posh
6.	bad subject	sujeito que não presta
7.	bi-queers	queers bi
8.	bisexual erasure	Invisibilidade da pessoa bissexual / invisibilidade ⁷
9.	bodily integrity	integridade corporal
10.	body dysphoria	disforia corporal
11.	border zone dweller	sujeito errante
12.	bottom ⁸ /submissive	passivo/submisso

⁷ Somos Blergh (7 de julho de 2018)

⁸ Tradução aproximada. Em inglês, “bottom” tem dois significados dentro da comunidade que, por vezes, se confundem, e outras, se distinguem claramente. O seu sentido mais literal aponta para a posição que

13.	camp	camp (adj.) / camperizar (n.)
14.	cisgender	cisgénero
15.	cisgenderism	cisgenderismo / genderismo cissexual
16.	cishet	hetero cissexual
17.	cisnormativity	cisnormatividade / normatividade cissexual
18.	cissexism	cissexismo
19.	closet	armário
20.	counterintimacies	contraintimidades
21.	cross-dressing	cross-dressing
22.	default gender	género por defeito
23.	defemination	desfeminização
24.	de-phallicisation	desfalicização
25.	detritorialisation	desterritorialização
26.	diaspora / hybridity	diáspora / hibridez
27.	dirty old man	velho tarado
28.	dyke	fufa
29.	effeminateness	feminilidade
30.	eonism	eonismo
31.	erotic identities	identidades eróticas
32.	erotic roles	papéis eróticos
33.	erotophobia	erotofobia
34.	eviration	eviração
35.	female creative energies	energias creativas das mulheres
36.	female-bodied	com corpo de mulher
37.	femaleness	feminilidade
38.	femmeslash	femmeslash
39.	fictive sex	sexo fictício
40.	fisting	fisting

o corpo do indivíduo ocupa durante um ato sexual, “em baixo”. A extensão deste sentido resultou de uma confusão entre “estar em baixo” e “ficar por baixo” (ou “submeter-se”). Por este motivo, passivo e submisso surgem emparelhados. No BDSM, a submissão nem sempre se exerce nessa posição. (Zilli, 2013, 692)

41.	fisting queers	queers que praticam o fisting
42.	frubbly	fofinho, queridinho
43.	gay black / black gay	negro homossexual, homossexual negro
44.	gay-bashing	ataque/insulto contra homossexuais
45.	gay-male-feminization	feminização dos homens homossexuais
46.	gayness	homossexualidade
47.	gender ambiguous	de género ambíguo
48.	gender bias	preconceito de género
49.	gender biased	alg. com/influenciado por preconceito(s) de género, baseado em preconceitos de género
50.	gender dissatisfaction	insatisfação com o (próprio) género
51.	gender essentialism	conceção de género essencialista
52.	gender fuck	confusão de género / confoda-se o género
53.	gender non-conforming	de género não conforme às normas
54.	gender parameters	parâmetros de género
55.	gender queers	queers de género
56.	gender shaming	humilhação contra o género (de alguém)
57.	gendered body	corpo genderizado / corpo de género marcado
58.	gender-neutral	de género neutro
59.	genderqueer-identified	identifica-se com/identificado como alguém de género indeterminável
60.	gender-variant	de género variável
61.	hermaphrodyke	hermafrodita, hermafuta
62.	heterocentricity	heterocentralidade
63.	hetero-friendly	hetero-friendly
64.	hetero-homo binary	binarismo hetero/homo
65.	heterosexual contract	contrato heterossexual (tácito)
66.	heterotopia	heterotopia
67.	homoeroticism	homoerótica
68.	homonationalism	homonacionalismo
69.	identity endorsement	aprovação de identidade
70.	identity politics	política da identidade

71.	inversion	inversão
72.	jouissance	jouissance
73.	kinging	kinging
74.	kinkiness	tara(s)
75.	kinky	tarado/tarada
76.	lesbian transsexual	transsexual lésbica
77.	lesbian-bashing	ataque/insulto contra as lésbicas
78.	lessness	vazio / sentir-se diminuído
79.	lez queers	queers lés(bicas)
80.	M2M	M2M
81.	male lesbian	homem lésbico
82.	male pregnancy	gravidez no homem/ masculina
83.	male-bodied	com corpo de homem
84.	male-to-constructed female	<i>male-to-constructed female</i>
85.	metamorphosis sexualis paranoica	<i>metamorphosis sexualis paranoica</i>
86.	metamory	meta-amor
87.	mononormativity	mononormatividade
88.	monosexism	monossexismo
89.	negrophilia	negrofilia
90.	negrophobia	negrofobia
91.	neoqueer	neoqueer
92.	neurodiverse	neurodiverso
93.	neurotypical	neurotípico
94.	New Asian Queer Funk	<i>New Asian Queer Funk</i> (Novo funk queer asiático)
95.	non-binary	não binário
96.	non-feminist	não feminista
97.	non-fertile woman	mulher infértil
98.	non-gay	não homossexual
99.	non-queer	não queer
100.	objectification	objetificação
101.	old slag	puta velha
102.	opposite sex	sexo oposto

103.	pederast	pederasta
104.	perception	percepção
105.	polluting person	pessoa perversa
106.	polysexuality	polissexualidade
107.	postgenital sexuality	sexualidade pós-op
108.	post-identitarian yearning	desejo pós-identitário
109.	post-identity	pós-identidade
110.	post-queer	pós-queer
111.	pregnant male	homem grávido
112.	psychopathia transsexualis	<i>psychopathia transsexualis</i>
113.	queer aging	envelhecer queer
114.	queer anarchism	anarquismo queer
115.	queer anti-identitarianism	anti-identitarianismo queer
116.	queer community	comunidade queer
117.	queer elders	idosos queer
118.	queer exceptionalism	exceccionalismo queer
119.	queer international theory	teoria queer internacional
120.	queer liberalism	liberalismo queer
121.	queer performative space	espaço performativo queer
122.	queer political theory	teoria política queer
123.	queer race	raça estranha
124.	queer space	espaço queer
125.	queer temporality	temporalidade queer
126.	queercore	queercore
127.	queerly	queerentemente
128.	queerness	queer
129.	queernormative	queernormativo
130.	queerphobia	queerfobia
131.	queerplatonic	queerplatonico
132.	queers of color	queers de cor
133.	race(ism)	racismo
134.	rape culture	cultura da violação

135.	romantic attraction	atração romântica
136.	S/M	S/M
137.	sapphist	safista
138.	Scientia Sexualis	Scientia Sexualis
139.	sexo-aesthetic inversion	<i>sexo-aesthetic inversion</i>
140.	sex-positivism	positivismo sexual
141.	sex-role oppression	opressão de papel sexual
142.	sexting	<i>sexting</i>
143.	sexual agency	autonomia sexual
144.	sexual dispositions	disposições sexuais
145.	sexual empowerment	empoderamento sexual
146.	sexual intermediaries	intermediários sexuais
147.	sexual queers	queers de orientação sexual
148.	sissy	fona
149.	skin ego	skin ego / eu-pele (BR)
150.	slave-morality	moralidade escravagista
152.	SM queers	queers S/M
153.	sticky rice	<i>sticky rice</i>
154.	straight mind	mente heterossexual
155.	straight queers	queers heterossexuais
156.	the binary	o binarismo
157.	theory of gender	teoria do gênero
158.	they/them	x
159.	thingification	coisificação
160.	top ⁹ /dominant	ativo/dominante
161.	trans men	homens trans
162.	trans women	mulheres trans
163.	transboundary	transfronteiriço

⁹ Tradução aproximada. Em inglês, “top” tem dois significados dentro da comunidade que, por vezes, se confundem, e outras, se distinguem claramente. O seu sentido mais literal aponta para a posição que o corpo do indivíduo ocupa durante um ato sexual, “em cima”. A extensão deste sentido resultou de uma confusão entre “estar em cima” e “ficar por cima” (ou “dominar”). Por este motivo, ativo e dominante surgem emparelhados. No BDSM, o domínio nem sempre se exerce nessa posição. (Zilli, 2013, 692)

164.	trans-exclusionary	excludente de pessoas trans
165.	transexion	transeção
166.	transfeminism	transfeminismo
167.	transgenderist	transgenderista
168.	transition	transição
169.	trans-misogyny	transmisoginia
170.	transmutatio sexus	<i>transmutatio sexus</i>
171.	transpeople	pessoas trans
172.	transsexually constructed lesbian-feminists	<p>1. feministas lésbicas transexuais (feministas simultaneamente lésbicas e transexuais) ou...</p> <p>2. feministas de construção identitária transexual (lésbicas que se tornaram feministas através das narrativas sobre a transexualidade... ou ainda, lésbicas que se tornaram feministas por meio da sua própria transexualidade) ...‘cons-tra(ns)-ção’ (possível neologismo, uso do prefixo <i>cons</i> de construir e não de ser contra, substituição do morfema ‘tru’ por ‘trans’)</p> <p>Solução: feministas lésbicas transexuais</p> <p>Discussão deste termo em “male-to-constructed-female”</p>
173.	transvestism	transvestismo
174.	universality	universalidade
175.	unqueer	não queer / desqueerizar
176.	unqueerly	inqueerentemente
177.	whiteness	orgulho branco
178.	wholeness	ser-se inteiro
179.	womanliness	ser-se mulher, sentir-se mulher
180.	womb envy	inveja do útero

Tabela 3

**Categorização das unidades de tradução da LP
(não-equivalentes na LSP da LCH)**

1.	Modulação (mudança de classe de palavras, de substantivo para adjetivo)
2.	Tradução literal (calque)
3.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
4.	Tradução literal (calque)
5.	Tradução literal (empréstimo)
6.	Ampliação
7.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
8.	Adaptação cultural
9.	Tradução literal
10.	Transposição (inversão da ordem das palavras com mudança de classe gramatical de substantivo para adjetivo em body/corporal)
11.	Adaptação cultural
12.	Tradução literal
13.	Tradução literal (empréstimo), neologismo
14.	Tradução literal (calque)
15.	Tradução literal (calque), tradução literal
16.	Transposição (inversão da ordem das palavras + ampliação)
17.	Tradução literal (calque), Transposição (inversão da ordem das palavras + ampliação)
18.	Tradução literal (calque)
19.	Tradução literal

20.	Tradução literal (calque)
21.	Tradução literal (empréstimo)
22.	Tradução literal
23.	Tradução literal (calque)
24.	Tradução literal (calque)
25.	Tradução literal (calque)
26.	Tradução literal (calque)
27.	Equivalente cultural
28.	Equivalente cultural
29.	Tradução literal
30.	Tradução literal (calque)
31.	Tradução literal
32.	Tradução literal
33.	Tradução literal (calque)
34.	Tradução literal (calque)
35.	Tradução literal
36.	Tradução literal
37.	Tradução literal
38.	Tradução literal (empréstimo)
39.	Tradução literal
40.	Tradução literal (empréstimo)
41.	Ampliação
42.	Tradução literal
43.	Tradução literal
44.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
45.	Tradução literal
46.	Tradução literal
47.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
48.	Tradução literal
49.	Ampliação
50.	Ampliação
51.	Adaptação cultural
52.	Equivalente cultural, modulação (substantivo para verbo)
53.	Ampliação

54.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
55.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
56.	Ampliação
57.	Transposição (inversão da ordem das palavras), adaptação cultural
58.	Suplementação (adição da preposição de)
59.	Ampliação
60.	Modulação (mudança de classe de palavras, de substantivo para adjetivo em variant/variável)
61.	Tradução literal (calque, calque + redução morfológica)
62.	Tradução literal (calque)
63.	Tradução literal (empréstimo)
64.	Tradução literal
65.	Transposição (inversão da ordem das palavras + ampliação)
66.	Tradução literal (calque)
67.	Tradução literal (calque)
68.	Tradução literal (calque)
69.	Adaptação cultural
70.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
71.	Tradução literal (calque)
72.	Tradução literal (empréstimo)
73.	Tradução literal (empréstimo)
74.	Tradução literal
75.	Tradução literal
76.	Tradução literal
77.	Equivalente cultural
78.	Equivalentes culturais

79.	Tradução literal
80.	Tradução literal (empréstimo)
81.	Tradução literal
82.	Adaptação cultural
83.	Tradução literal
84.	Tradução literal (empréstimo)
85.	Tradução literal (empréstimo)
86.	Tradução literal (calque)
87.	Tradução literal (calque)
88.	Tradução literal (calque)
89.	Tradução literal (calque)
90.	Tradução literal (calque)
91.	Tradução literal (empréstimo)
92.	Tradução literal (calque)
93.	Tradução literal (calque)
94.	Tradução literal (empréstimo) + Tradução literal
95.	Tradução literal
96.	Tradução literal
97.	Tradução literal
98.	Tradução literal
99.	Tradução literal
100.	Tradução literal (calque)
101.	Tradução literal
102.	Tradução literal (calque)
103.	Tradução literal (calque)
104.	Tradução literal (calque)
105.	Equivalente cultural
106.	Tradução literal (calque)
107.	Tradução literal
108.	Tradução literal
109.	Tradução literal (calque)
110.	Tradução literal (calque)
111.	Tradução literal
112.	Tradução literal (empréstimo)

113.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
114.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
115.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
116.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
117.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
118.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
119.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
120.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
121.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
122.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
123.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
124.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
125.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
126.	Tradução literal (empréstimo)
127.	Tradução literal (calque)
128.	Sinónimo
129.	Tradução literal (calque)
130.	Tradução literal (calque)
131.	Tradução literal (calque)
132.	Tradução literal (calque)
133.	Tradução literal
134.	Transposição (inversão da ordem das palavras; + suplementação (adição da prep. de)
135.	Transposição (inversão da ordem das palavras)

136.	Tradução literal (empréstimo)
137.	Tradução literal (calque)
138.	Tradução literal (empréstimo)
139.	Tradução literal (empréstimo)
140.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
141.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
142.	Tradução literal (empréstimo)
143.	Adaptação cultural
144.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
145.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
146.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
147.	Ampliação
148.	Equivalente cultural
149.	Tradução literal (empréstimo)
150.	Tradução literal
151.	x
152.	Adaptação cultural
153.	Tradução literal (empréstimo)
154.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
155.	Transposição (inversão da ordem das palavras)
156.	Tradução literal
157.	Tradução literal
158.	x
159.	Tradução literal (calque)
160.	Tradução literal
161.	Tradução literal + redução morfológica

162.	Tradução literal + redução morfológica
163.	Tradução literal
164.	Ampliação
165.	Tradução literal (calque)
166.	Tradução literal (calque)
167.	Tradução literal (calque)
168.	Tradução literal (calque)
169.	Tradução literal (calque)
170.	Tradução literal (empréstimo)
171.	Tradução literal
172.	Tradução literal, ampliação, neologismo
173.	Tradução literal
174.	Tradução literal (calque)
175.	Tradução literal
176.	Tradução literal (calque)
177.	Adaptação cultural
178.	Equivalente cultural
179.	Tradução literal
180.	Transposição (suplementação com a prep. de)

Tabela 4

Análise do léxico da teoria queer em (con)texto

Substantivo

Queer(s)

TP	TC	Sugestão de tradução (TP)
“ <i>Queers</i> and cripples often experience profound isolation while growing up,	“Conforme Butler (2002, 318), o termo queer operou como prática linguística	<i>Queers</i> e aleijados vivem, muitas vezes, um profundo isolamento ao crescerem,

<p>since they are rarely born into <i>queer or crip families</i>, much less communities. To cope with this isolation, and to resist the negative interpellations of being <i>queer</i> or crippled (not to mention <i>queer and crippled</i>), members of both groups have developed a wry critique of <i>hegemonic norms</i>.”</p> <p>(Sandahl, 2003, 37)</p>	<p>que humilhava a pessoa nomeada, produzindo assim um sujeito – <i>o sujeito queer</i> – através da interpelação humilhante repetida. (...)”</p> <p>(Santos, 2012, 19)</p>	<p>uma vez que raramente nascem em famílias e, muito menos, em comunidades queer ou <i>de aleijados</i>. Para aguentarem este isolamento, e para resistirem a interpelações negativas por serem <i>queer</i> ou aleijados (já para não dizer <i>queer e aleijados</i>), membros de ambos os grupos desenvolveram uma crítica <i>humorística</i> das normas <i>sociais</i> hegemónicas.</p>
--	---	--

Como já foi dito acima, queer é traduzível por queer em PT-PT. Queer não foi encontrado no plural no *corpus* PT-PT, pelo que o problema, neste caso, é primeiramente morfológico e, seguidamente, sintático, como iremos explorar mais à frente.

No TP temos uma frase introdutória no plural, *queers and cripples*... Desde logo, o tradutor questiona-se sobre a tradução deste segmento, devido à omissão do artigo definido no TP. A explicitação do artigo definido *os* na língua de chegada é mais corrente do que na língua de partida, mas não é aplicável em todas as situações comunicativas. Atendendo a que o emprego ou ausência do determinante definido masculino *o(s)* altera o sentido da frase introdutória na LCH quanto ao número (todos os queers) *vs* alguns ((d)os queers)), não sendo, por isso, apenas uma questão de traduzir o estilo de escrita do autor do TP, omitir o artigo é o mais indicado uma vez que o autor não parece querer estereotipar as experiências dos indivíduos que se consideram queer nem das pessoas com deficiência física. Como o método de pesquisa se baseou na procura de respostas no

corpus bilingue, fez-se uma busca para descobrir se algum autor português houvera usado queer no plural, com ou sem artigo. Os resultados obtidos indicaram que não, e que quando se tratava do indivíduo, queer era precedido por “sujeito”.

Ora, sujeito é uma palavra um tanto quanto ambígua quanto ao número de pessoas a que se refere. É normalmente usada no texto literário para se referir a um ser mais abstrato e, por isso, menos definido. No texto comparável em análise, sujeito queer pode ser compreendido como sinónimo de ser queer (todo e qualquer queer; como em “ser humano” quando usado no singular), um ser amplo e de características mais ou menos indetermináveis. Os dados obtidos no Corpógrafo revelaram que o plural não é aplicado em sujeito queer, o que me leva a concluir que deste não resulta uma realidade agrupável como poderia acontecer com indivíduos ou pessoas queer. Por outro lado, se a escolha recaísse sobre esta palavra, não se referiria apenas a queer, mas também à palavra que vem a seguir, aleijado, e, neste caso, tal colocação não seria possível por não ser observável na LCH, para além de lhe poder conferir, acidentalmente, um tom de formalismo indesejado se tivermos em conta o uso de sujeito no domínio jurídico, por exemplo (leia-se, os sujeitos aleijados). Da estranheza poderia resultar também um efeito cómico. Como o uso do plural é incontornável nesta frase, uma vez que se trata de um grupo de indivíduos e tal informação deve ser transmitida por uma questão de fidelidade para com o TP, a mudança terá lugar ao nível da morfologia. Do ponto de vista morfológico, nada impede que se acrescente um *s* à palavra queer, exceto talvez o facto de a tradição linguística portuguesa não sugerir uma importação recorrente de termos estrangeiros no plural. Ainda assim, considerando todos os pontos anteriores, este acréscimo é a melhor opção.

Ora, no mesmo texto encontramos um segmento semelhante que não pode ser traduzido da mesma forma apesar das semelhanças. No segmento *the negative interpellations of being queer or crippled (not to mention queer and crippled)* [“por serem queer ou aleijados (já para não dizer queer e aleijados)”], levanta-se a questão do porquê de não se poder pluralizar queer e poder-se pluralizar aleijado, já que ambos correspondem à mesma categoria gramatical e ambos são precedidos por um verbo no infinitivo na terceira pessoa

do plural. Se o plural de queer enquanto substantivo em PT-PT é controverso pelos motivos já mencionados, enquanto adjetivo existem ainda mais reticências. O público de chegada irá, com toda a certeza, estranhar essa formulação, isto é, a ausência do *s* em queer, por estar habituado a frases que se regem pelo paralelismo sintático e morfológico. Aqui o uso do singular não é de todo desadequado já que *queer* assume-se como uma característica e não como uma entidade agrupável.

Antes deste segmento, temos a expressão, *queer or crip families* (much less...*communities*). Este tipo de segmento requer uma atenção especial por parte do tradutor, pois a adjetivação volta a não ser paralela. A lógica seguida na tradução deste segmento revela que as famílias e as comunidades podem ser queer (de pertença, união queer) mas não aleijadas, isto é, portadoras de deficiência física, daí a necessidade do emprego da preposição *de* na segunda parte do segmento.

Mais perto do final do texto, encontramos a colocação *hegemonic norms*, que não causa estranheza alguma para um tradutor especialista no par de línguas aqui visado [EN-PT]. O adjetivo usado remete-nos para o substantivo “hegemonia” que, em português, é usado enquanto substantivo de forma isolada sem qualquer necessidade de acrescentar informação adicional para lhe atribuir significado, por oposição ao seu uso enquanto adjetivo (hegemónico/a/s). Sabemos que a hegemonia é normalmente política, mas este facto é omitido cultural e linguisticamente pelo impacto que este domínio tem sobre a componente social da vida humana. Embora este conhecimento seja culturalmente partilhado, a oração normas hegemónicas carece de uma explicitação (Olohan e Baker, 2000) para fazer sentido para a maioria dos falantes nativos da língua portuguesa europeia; como tal, acrescentou-se o adjetivo “sociais”.

Para terminar, o uso da palavra “aleijado” nesta tradução é intencionalmente fiel ao estilo de escrita do autor do TP. O autor faz questão de usar, tanto aleijado (*crip* e *crippled*), como deficiente (*disabled*) enquanto sinónimos que se opõem em sentido e em intenção. Embora o seu significado referencial seja neutro, quando usados como insultos, a carga pejorativa de aleijado aparenta ser maior, talvez por ser mais datado e por nos remeter para um cenário de desfiguração (menor do que em estropiado, maior do que em

deficiente), que dependendo da sensibilidade de cada um pode ser extrema mas não costuma ser. Por isso mesmo, o uso de aleijado é, por vezes, frio e insensível, como é o uso de *crip* que pela redução gráfica e fonética da palavra, torna a sua pronúncia seca, numa intenção de clara indiferença. *Crip* e *disabled* são usados de forma diferenciada sob um uso subversivo do primeiro termo e um tom mais neutro no uso do último. Não optei pelo uso do diminutivo em PT-PT em aleijado, como equivalente de *crip* (de *crippled*), por considerar que o diminutivo de aleijado (aleijadinho), por ser um eufemismo de uso perverso na cultura da língua de chegada, constitui uma ofensa em maior grau por não exprimir pena, como seria expectável, mas sim repulsa, originando uma reação no público da língua de chegada (irritação) diferente da reação provocada no público da língua de partida (tristeza). Finalmente, embora alguns dicionários apontem “coxo” (um adjetivo de menor tamanho que os anteriores) como possível tradução de *crip*, não só exprime um significado parcial por reduzir a deficiência física a uma parte do corpo (perna) como também não é usado, na língua de chegada, com a intenção de ofender.

Queerness

TP	TC	Sugestão de tradução (TP)
"So, <i>queerness</i> is theorized somehow beyond gender, a vision of a sort of transcendent, polymorphous perversity deconstructing as it slips from <i>one desiring/desired object to the other</i> . But this forgets the very real and felt	“O regresso do <i>queer</i> foi o resultado, no domínio da sexualidade, do encontro pós-moderno - e subsequente rejeição - com as noções do Iluminismo relativas ao papel, na mudança social, das noções do conceptual, do racional,	Assim, o <i>queer</i> é teorizado algures além do género, é uma visão de uma perversidade polimórfica que se vai desconstruindo entre um <i>objeto que deseja (ou é desejado)</i> e outro. Contudo, esta visão

experience of gender that women, particularly, live with quite explicitly. (...)” (Eve Sedgwick, 2005, 13)	do sistemático, do normativo, do progressivo, do liberatório e do revolucionário.” (Vale de Almeida, 2004, 3)	ignora a tão real vivência do género das mulheres, em específico, que o vivem de forma bastante explícita.
--	---	--

No texto em análise, encontramos um fosso lexical na língua de chegada, *queerness*. A partir do sufixo, percebemos que *queerness* é um substantivo derivado de *queer*, seu sinónimo. O sufixo *-ness* em *queerness* designa a qualidade de se ser queer. A dificuldade da sua tradução reside na escolha que o tradutor deve fazer entre usar um sinónimo ou criar novo léxico, dada a impossibilidade de traduzir esta palavra por “estranheza” ou “homossexualidade”, desde logo porque estranheza não é a qualidade objetiva de ser estranho, reflete sim, a ação subjetiva de “achar estranho” e porque “ser queer” não é sempre ou exclusivamente “ser homossexual”, como já vimos na introdução deste capítulo.

Na possibilidade de o tradutor criar novo léxico, o sufixo que transmitiria o mesmo valor semântico seria “-dade”. O tradutor abstem-se, normalmente, de criar novas palavras, por considerar que este ato é mais terminológico do que tradutivo e, como tal, carece de uma revisão mais competente. Como refere Cabré, “[o]s neologismos são usados quando todas as possibilidades de encontrar um termo real esgotaram” (2015: 357). Mesmo que o tradutor possua alguns conhecimentos sobre terminologia, esta solução deve ser testada por um terminólogo, uma vez que estamos perante a junção de um prefixo de uma língua e um sufixo de outra (*queerdade*). A única solução possível é escolher o sinónimo mais aproximado na LCH. O neologismo queer no texto comparável cumpre a mesma função de *queerness* no TP pelo grau de abstração do seu referente. Assim, queer em o “regresso do queer” deve ser entendido como o regresso de uma teoria e não de um tipo de indivíduo e pode ser usado como sinónimo aproximado de *queerness* em textos semelhantes.

Para finalizar, deparamo-nos com a necessidade de adaptar um elemento *ortotipográfico* (Díaz Cintas e Remael, 2007) do TP, a barra inclinada (/), e morfossintático, o gerúndio em *desiring* cujo uso revela que a ação recai sobre o sujeito e como tal não pode ser traduzido à letra, na língua de chegada. Com o emprego da conjunção disjuntiva *ou* e da introdução de uma perífrase com o pronome relativo *que* resolvemos dois problemas num só segmento.

Adjetivo

Queer

TP	TC	Sugestão de tradução (TP)
“It is from the eccentric positionality occupied by the <i>queer</i> subject that it may become possible to envision a variety of possibilities for reordering the relations among sexual behaviors, erotic identities, constructions of gender, forms of knowledge, regimes of enunciation, logics of representation, modes of self-constitution, and practices of community - for restructuring, that is, the relations among power,	“A «persistência do riso» permite a insurreição e aponta para a necessidade de alegria partilhada, seja ela a do corpo social, a do corpo individual (no espaço de desejo e do erotismo) ou a do corpo político, contrariando os «impotentes do poder». Significa habitar uma terra com gente, mesmo que entre espaços de vazio, falar uma língua que efectua uma relação com os mortos e com aqueles que ainda não nasceram. Uma	É da posição excêntrica ocupada pelo sujeito <i>queerente</i> que poderá ser possível vislumbrar uma variedade de possibilidades para reorganizar as relações entre comportamentos sexuais, identidades eróticas, construções de género, áreas do saber, modos de enunciação, modelos de lógica representacional, modos de auto-constituição e práticas comunitárias para reestruturar relações de poder, verdade e desejo.

truth, and desire.” (Halperin, 1995)	prática não (porque nunca) coerente, mas (e propomos a palavra) <i>queerente</i> , aspirando a que as diferenças se possam tornar a <i>in-diferença</i> .” (Amaral e Freitas, 2014)	
---	---	--

Queerente surge nas Novas Cartas Portuguesas como adjetivo. As autoras, cientes da semelhança fonética entre “queerente” e “coerente” defendem-se, desde logo, desse argumento dizendo que, neste caso, o humor não é uma prática coerente, mas sim *queerente*, ou seja, subversiva, transformadora, capaz de surtir um efeito de comunhão e união entre as pessoas.

A diferença entre *queerente* e queer reside no facto de este ser reconhecido internacionalmente como um termo científico e “queerente” não ultrapassar, por ora, o domínio da literatura portuguesa¹⁰. Assim, o tradutor enfrenta a dúvida de “aproximar o leitor do escritor” ou “o escritor do leitor”, isto é, aproximar o público de chegada à LP ou a LP ao público de chegada (Schleiermacher, 2004, em Munday, 2008: 144). Optei por aproximar “o escritor do leitor”, ou, dito por outras palavras, preferi domesticar o TCH com o uso do neologismo “queerente”, por ser uma solução mais expressiva e, como tal, adequa-se melhor ao género textual em questão.

Verbos

To queer

¹⁰ Desconstruindo Identidades, Ler Novas Cartas Portuguesas à Luz da Teoria Queer (Amaral, 2001)

TP
<p>“In short, the aim of the book is <i>to queer</i> - to make strange, to frustrate, to counteract, to delegitimise, <i>to camp up</i> - heteronormative knowledges and institutions, and the subjectivities and socialities that are (in)formed by them and that (in)form them.”</p> <p>(Sullivan, 2003, vi)</p>
Sugestão de tradução
<p>“Em suma, a intenção deste livro é <i>queerizar</i>, tornar estranho, frustrar, combater, tornar ilegítimo, <i>to camp up</i> saberes e instituições, e as subjetividades e socialidades que são por estes (in)formadas e que os (in)formam .”</p>

No prefácio do livro de Sullivan, encontramos uma definição do verbo *to queer*. O verbo *to queer* é um fosso lexical e terminológico em português de Portugal por não constar nem dos dicionários nem da literatura portuguesa.

As propostas de tradução sugeridas relativamente à forma verbal de queer em português é “queerizar” e “queerer” (Thürler, 2016), sendo que ambas são de origem brasileira e nenhuma delas é oficial. No caso do termo “queerer”, os critérios relativos à sua criação aparentam ter sido mais fonéticos do que ortográficos, mas também mais literários do que científicos, pelo facto de o conjunto de sons produzido por “queerer” ser mais agradável ao ouvido do que aquele produzido por “queerizar”, e, por outro lado, a criatividade etimológica presente na fusão do verbo querer e o adjetivo queer em “queerer”, tornam-na mais apetecível numa cultura aparentemente mais desinibida do que a portuguesa.

No entanto, a preferência por vocábulos portugueses ou que mais se assemelhem a estes em termos morfológicos e de uso da língua, sugerem que a melhor opção para a tradução do verbo *to queer* (*e queering*) é a adoção do verbo “queerizar”, não obstante a

criatividade etimológica da palavra “queerer”, visto já existir o neologismo “queerização” em PT-PT. A esta técnica de criação de um novo substantivo a partir de um verbo denominamos “verbalização”. (Lederer, 2003, 115 em Munday, 2008, 63)

Revisão
“Em suma, a intenção deste livro é <i>queerizar</i> , frustrar, combater, <i>camperizar</i> , tornar estranhos e ilegítimos saberes e instituições e as subjetividades e <i>socialidades</i> por estes (in)formadas e que os (in)formam .”

Na primeira sugestão de tradução, tínhamos alguns problemas de ordem gramatical e sintática. Embora a frase se apresente semanticamente correta, a ordem dos elementos na frase influencia a leitura negativamente, principalmente com a repetição do verbo tornar. A sua repetição abrandava e cansava a leitura. O uso do singular em “tornar estranho” e “tornar ilegítimo” é gramaticalmente incorreto devido ao plural dos verbos que os sucedem. Estes erros são notórios e não podem ser cometidos por não assegurarem a coesão textual do TCH e, como tal, comprometerem, de algum modo, a sua coerência. Assim, a primeira tradução teve de ser submetida a uma revisão para retificar tais problemas.

Na revisão, estes problemas são resolvidos com a posposição do adjetivo “estranho” e a adição da conjunção coordenativa copulativa *e* por pena de que a definição de “queerizar” e “camperizar” se tornem menos distintas nesta tradução.

Pós-revisão
“Em suma, a intenção deste livro é <i>queerizar</i> , (tornar estranho) e <i>camperizar</i> (frustrar, combater), enfim, tornar ilegítimos, saberes e instituições e as subjetividades e <i>socialidades</i> por estes (in)formadas e que os (in)formam .”

Na pós-revisão, fez-se uma concessão: a ordem dos elementos da frase não foi alterada por comparação com o texto original, mas acrescentaram-se parênteses para demarcar a definição daqueles dois verbos e assim justificar a repetição do verbo “tornar” em detrimento do acréscimo de um quarto “e”. Não é certo que “tornar ilegítimo” seja algo mais queer ou *camp*, mas o acréscimo do advérbio “enfim” pressupõe que seja o resultado da junção de ambos.

Queering

TP
<i>Queering the crip or crippling the queer?</i>
Sugestão de tradução
<i>Queerizar a deficiência?</i>

O verbo *to queer* surge, por vezes, no particípio presente em textos académicos *queer*, como no título do artigo de Carrie Sandahl, *Queering the crip or crippling the queer? Intersections of Queer and Crip Identities in Solo Autobiographical Performance* (2003).

A expressão *Queering the crip or crippling the queer* aparece, mais tarde, no corpo de texto como um subtítulo, e serve de exemplo para identificar os constrangimentos linguísticos inerentes à tradução literal de certos termos da teoria queer.

A análise do verbo *to queer* traduzido na página anterior pode ser aproveitada para esta tradução, já que, como vimos, o significado de queer pode ser bastante extenso, não

sendo, por isso, viável a tradução de *to queer* ou *queering*¹¹ por um sinónimo parcial em PT-PT, sendo a única diferença destes termos o tempo verbal em que se encontram conjugados.

Por outro lado, o substantivo *crip* e o verbo dele derivado, *cripping*, são dois termos que requerem uma reflexão mais cuidada quanto à intenção do autor e à função textual subjacente ao seu uso porque *crip* significa aleijado e *Cripping the queer* significa, literalmente, “aleijar o queer”, expressões que podem ser consideradas no mínimo confusas, e potencialmente, insultuosas.

Contudo, se a função textual do TP for apelativa, o que é muito plausível visto que se trata de um título, um enunciado que deve ser curto e atrativo, a intenção do autor não será a ofensa gratuita, mas sim a de atrair a atenção do leitor para um determinado assunto. Este objetivo é conseguido através da combinação de várias figuras de estilo, desde logo, a metáfora, cujo sentido figurado é perceptível no verbo denominal *to crip* conjugado no particípio presente. A atenção do leitor é atraída para este sentido através de um paralelismo estrutural, onde se observa a anáfora de *crip* e a repetição de *queer* no segmento seguinte.

O problema da tradução de *Cripping the queer* prende-se com o significado figurado de *cripping*, que terá de ser desvendado antes que o tradutor possa ir à procura de um equivalente literal na LCH e testar a adequação desse equivalente no contexto metafórico no qual está inserido. Como já foi dito anteriormente, *Crip* é um termo insultuoso e datado em inglês (*ver Cambridge Dictionary*), pelo que o seu equivalente real seria “aleijado”, e, assim sendo, o equivalente de *cripping* seria “aleijar”.

A explicação do autor sobre a expressão *crip the queer* encontra-se mais abaixo no desenvolvimento do TP. Mas ainda que esta explicação não existisse, o tradutor experiente em tradução literária é capaz, à partida, de entender que se trata de uma aproximação entre duas realidades simultaneamente opostas e concomitantes – ser-se

¹¹ Para ver o uso de *queering* como substantivo consultar *A Teoria Queer e Contestação da Categoria “Género”* (Vale de Almeida, 2004).

queer (ver extensão potencial da palavra na página 42) e ser-se *crip*.

Apesar de a língua inglesa obedecer a regras gramaticais semelhantes às da língua portuguesa, sendo a categoria gramatical a menos flexível (Baker, 1992: 84-85), o público de chegada do texto de partida (EN) estará, por oposição ao público de chegada da sua tradução (PT), mais habituado a este tipo de trocadilho graças à flexibilidade gramatical e semântica proporcionada pelo uso extensivo do gerúndio na LP.

Em PT-PT, “aleijar” não tem outro sentido para além do literal (“magoar”, ver Priberam) e é questionável se “aleijar o queer” não causará desconforto (para além da surpresa) no público de chegada a que este texto se destina, mas também é discutível se não será essa a primeira reação que o autor deseja provocar para logo incitar a um questionamento sobre a realidade descrita.

O uso do sinónimo supostamente mais eufemístico, “deficiente”, que atualmente também tem vindo a ser substituído por outros eufemismos (e.g., indivíduo com mobilidade reduzida...), afigurar-se-ia uma técnica adequada se a conotação desse termo não se tivesse tornado pejorativa com o passar do tempo. No entanto, esta substituição obrigaria à omissão da segunda parte do título, já que não existe um verbo que tenha tido origem no adjetivo deficiente (ou substantivo deficiência), e o tradutor deve respeitar o paralelismo estrutural presente no TP se pretender manter o mesmo nível de coesão.

Considerando que o público de chegada pretende familiarizar-se com a teoria queer, e admitindo que esta é uma teoria subversiva na qual o humor e o sarcasmo constituem duas estratégias argumentativas recorrentes, o respeito pelo estilo de escrita do autor, através da reprodução do léxico do texto de partida, mesmo que considerado de certa forma contundente, revela-se como a expressão de fidelidade para com a sua intenção e para com a função deste texto. A nota explicativa é dispensável perante o contexto completo do enunciado da expressão analisada.

Sugestão de tradução final

<i>Queerizar o aleijado ou aleijar o queer?</i>
Nota explicativa
Metáfora. Explicar a vida de uma pessoa deficiente na ótica de uma pessoa queer e explicar a vida desta, segundo a perspectiva da primeira.

Terminologia LGBT+

Transgender

TP	TC	Sugestão de tradução (TP)
<p>“The next step was to despecify the lesbian, gay, bisexual, <i>transgender</i>, or transgressive content of <i>queerness</i>, thereby abstracting queer and turning it into a generic badge of subversiveness, a more trendy version of liberal, if it’s queer, it’s politically oppositional, so everyone who claims to be progressive has a vested interest in owning a share of it.”</p> <p>(Halperin, 2003, 3)</p>	<p>“Ressalvo que não introduzi questões relacionadas com <i>transsexuais</i> e <i>transgéneros</i>, pois estou a falar a partir de afetividades cis-genderizadas, ou seja, entre sexos macho e fêmea culturalmente percebidos como homem e mulher.”</p> <p>(Braga, 2013)</p>	<p>O próximo passo foi generalizar sobre conteúdo lésbico, gay, bissexual, <i>transgénero</i>, ou simplesmente, conteúdo queer transgressivo, abstraíndo-o e tornando-o genericamente subversivo, uma versão mais moderna do que é ser-se liberal, se é queer, é politicamente contestatário, pelo que, todo aquele que se considerar progressista querera uma parcela para si.</p>

Existe uma multiplicidade de termos que nomeiam diversas formas de ambiguidade de género em EN (e.g., *transvestite*, *transgender*, *transsexual*...), e outros em PT (e.g., *travesti*, *transexual*...). Alguns destes termos não constituem fossos lexicais na LCH, dos mencionados, *transvestite* (travesti) e *transsexual* (transexual). No entanto, o sinónimo *transgender* é mais recente e a sua tradução ainda é ambígua.

O uso do neologismo “transgénero” (Braga, 2013) por parte de autores portugueses parece depender da opinião desse autor quanto conceito de sexo e o de género, pelo que esta escolha lexical não é aleatória. Idealmente, os conceitos seriam fáceis de distinguir e de usar nos contextos e funções para que foram criados.

Nem todos os autores fazem esta distinção, mas a diferença entre transexual e *transgénero* na LP reside na alteração ou não alteração da anatomia humana através de uma intervenção cirúrgica dos caracteres sexuais do indivíduo que se sente do sexo oposto (Nataf, 1996 em Sullivan, 2003: 104). Para outros, é uma questão mais profunda do que isso, e remete-nos para o conceito de sexo e género desenvolvido por Judith Butler. Os autores que preferem o termo *transsexual* parecem conferir maior relevância ao conceito biológico de sexo do que o sociológico de género e os que usam *transgender*, o oposto. No entanto, segundo Sullivan (2003), aqueles a favor do uso de *transgender* no lugar de *transsexual*, não são a favor da distinção entre o transexual que deseja ser operado e o que não deseja. Na presença de ambos os termos no mesmo enunciado, o mais provável é o autor fazer a distinção entre o indivíduo que pretende mudar de sexo (transexual) e aquele que apenas transgride as normas sociais quanto ao género (transgénero).

A dificuldade em distinguir sexo de género reside no facto de que, na linguagem geral, “sexo” ora é usado como equivalente de “género”, ora como termo que designa os órgãos sexuais. Atualmente, funcionam como sinónimos aproximados, sendo que o conceito de sexo precede o de género, e este não deve ser confundido com o primeiro, na teoria queer. A distinção entre estes dois conceitos é problematizada na teoria queer, que questiona binarismos e rejeita expectativas sociais associadas ao sexo ou ao género. O trabalho de Judith Butler em *Gender Trouble* é pioneiro nesta matéria.

Antes de Butler, a categoria sexo era convencionalizada segundo uma relação contínua e intrínseca entre sexo biológico¹² (genitais e carateres sexuais secundários) e o “género”¹³, isto é, a forma como os indivíduos agem e se apresentam socialmente, o que inclui comportamento social e indumentária, separando-se, assim, os indivíduos em dois grupos sexuais, os meninos/homens (género) (detentores de um pénis – “sexo”), meninas/mulheres (género) (que possuem uma vagina – “sexo”) e, a partir desta divisão, construiu-se uma narrativa científica, de modo a simplificar a organização da sociedade.

A crítica de Butler a este modelo binário de género conduziu a uma dissociação entre sexo e género. Segundo Butler (1990), o sexo é uma construção social e não uma categoria essencialista, isto é, uma categoria imutável e de origem natural. O sexo é uma *performance* (“atuação”) individual constante informada pelas normas e modelos sociais que não depende inteiramente da vontade do indivíduo. O reconhecimento desta componente social do sexo e a primazia que lhe é dada atribuir-lhe-ia a designação “género” para se demarcar da componente puramente e unicamente biológica.

O surgir de outras reflexões sobre as questões de género, nomeadamente aquelas que se interessam pela transsexualidade, reaproximaram a teoria queer da divisão entre sexo e género. Sexo passa a demarcar-se de género como sinónimo de características sexuais (isto é, a combinação entre genitália e os carateres sexuais secundários) e género como representação social do eu.

Dado que a experiência de pessoas que desejam mudar a sua anatomia para se adaptarem ao sistema binário de género (as transexuais) são diferentes das pessoas que não o desejam fazer (as “transgéneras”), desde já porque, à partida, as primeiras deixam de sofrer de discriminação com base na sua expressão do género por se alinharem com os pressupostos sociais quanto ao género, e as outras, na teoria, continuarão mais suscetíveis à transfobia, também a língua deve dar conta destas diferenças de modo a fazer jus a quem não se sente representado pela designação “transsexual”, cuja definição lexicográfica na

¹² Uma combinação de sexo genético, sexo gonadal, sexo genital e sexo hormonal. (Santos, 2012, 28)

¹³ Uma combinação de sexo legal, sexo de criação e sexo psicossocial. (Santos, 2012, 28)

LCH não se alinha com a distinção feita. De um ponto de vista terminológico, os sinónimos são dispensáveis a partir do momento em que se tornam equivalentes reais, ou seja, em que não haja qualquer variação do sentido (Cabré, 1999), mas, neste caso, a criação de um neologismo parece justificar-se pelas nuances e diferenças (sobretudo sociais) implícitas nos termos abordados. Assim, justifica-se, novamente, o uso do *calque* (Vinay e Darbelnet, 1958 em Munday, 2008: 56), em que os morfemas de um item da LP (*transgender*) são traduzidos literalmente em morfemas equivalentes na LCH, (*transgénero*). De acordo com as regras da concordância em português, este termo deve ser conjugado respeitando a palavra precedente, pessoa “transgénera”, indivíduo “transgénero”, homem “transgénero”, mulher “transgénera” e assim sucessivamente.

Intersexual

TP	TC	Sugestão de tradução (TP)
"The deep commitment of Western culture to the idea that there are only two sexes, exemplified in the limitations of language (Fausto-Sterling has to have recourse to s/he and his/her to describe some of her subjects) and law (...), has led to a cultural resistance to openly <i>intersexed individuals</i> , called by Fausto-Sterling 'herms' (true hermaphrodites, with one testis and one ovary), 'merms' (male pseudohermaphrodites, with	"Estas opções conceptuais que encontramos também na recente obra de Preciado (2008) problematizam a noção de género e o modo como este conceito releva da construção tecnológica de sujeitos, produzidos num sistema semiótico-material que constitui humanos sexuados.	O profundo compromisso da cultura ocidental relativamente à ideia de que existem apenas dois sexos, exemplificada nos limites da língua (Fausto-Sterling é obrigado a recorrer a <i>s/he (ele/a)</i> e <i>his/her (dele/dela)</i> para descrever alguns dos seus sujeitos) e do Direito (...) conduziu a uma resistência cultural

testes, some aspects of female genitalia, but no ovaries), and 'ferms' (female pseudohermaphrodites, with ovaries and some aspects of male genitalia but no testes)." (Morland e Willox, 2005, 55)	Esta problematização foi também discutida por Kessler (1998), a partir das “correções” médicas sobre indivíduos <i>intersexo</i> , que assentam mais em critérios estético-culturais do que em produção científica.” (Vale de Almeida e Gonçalves Costa et al, 2010, 36)	contra a aceitação de indivíduos <i>intersexo</i> , denominados <i>herms</i> (hermafroditas verdadeiros, com um testículo e um ovário), <i>merms</i> (pseudohermafroditas com testículos, alguns aspetos da genitália feminina, sem ovários) e <i>ferms</i> (pseudohermafroditas femininos, com ovários e alguns aspetos da genitália feminina, sem testículos).
--	--	--

Retomando a questão do sexo, a teoria queer alerta para o enviesamento inerente à própria designação dos órgãos sexuais. Tanto o pénis, como a vagina, são partes constituintes dos aparelhos sexuais masculino e feminino, mas, por algum motivo, são tidos como o todo. Existe uma figura de estilo para designar este ato linguístico, a tomada da parte pelo todo e vice-versa – a sinédoque. Poderíamos dizer que a nossa conceção de sexo atual se baseia numa sinédoque do aparelho reprodutor e sexual dos indivíduos. Se limitamos o sexo a duas representações, a nossa ideia de género parte dessa representação binária, visto que a concetualização que o Homem faz do mundo baseia-se grosso modo em imagens, analogias, objetos físicos e estereótipos.

Esta representação binária é contestada por Fausto-Sterling (1993), que nos apresenta cinco combinações de sexo na *Critical Introduction to Queer Theory* de

Sullivan (2003). Para Morland e Willox (2005) crescem os seios e a menstruação como condição essencial do sexo feminino (mas não necessariamente do género) para além dos constituintes do aparelho reprodutor feminino (trompas de Falópio, ovários, canal vaginal e útero¹⁴).

Esta conceção binária e redutora de sexo (órgãos sexuais e reprodutores) e género (aspetos sociais) leva a que a existência de pessoas “intersexo” (Santos, 2012), isto é, pessoas “cujos corpos são biologicamente, anatomicamente, ou quimicamente uma mistura de homem e de mulher” (Morland e Willox, 2005), seja uma realidade escondida e corrigida através de cirurgias pós-parto que, não costumam ser solicitadas nem autorizadas pelos pais e chegam a ser omitidas dos mesmos. Estima-se que 1,7 % dos humanos nasçam com características “intersexo”, ou seja, características de ambos os sexos (Blackless, Fausto-Sterling et al. 2000). Estas cirurgias realizam-se, supostamente, porque a anatomia destes indivíduos torna o seu sexo e, conseqüentemente, género ambíguos, impedindo que o seu género seja “classificado de acordo com uma perspetiva binária de género” (Morland e Willox, 2005), e, como tal, colocam em causa a base da estrutura patriarcal da sociedade, fundada na separação e agrupamento dos indivíduos consoante o sexo¹⁵ e a heterossexualidade.

O termo “intersexualidade” (Santos, 2012, 7), sinónimo de hermafroditismo que é tido por Reis (2007: 536-538, em Santos, 2012: 13) como “vago”, “humilhante” e “sensacionalista”, foi cunhado pelo geneticista alemão Richard Goldschmidt, em 1917 (Santos, 2012: 13). Ao contrário da definição dada pela organização IHRA (2009), Goldschmidt defende que a categoria *intersex* abrange aspetos da “citologia, da genética, da teratologia, da fisiologia, da serologia, da endocrinologia...” (2009: 433), o que não acontecia com o termo hermafrodita. Apesar da substituição de *hermaphrodite* por

¹⁴ Nenhum dos autores menciona a existência do clítoris nem da vulva como condição essencial do sexo feminino nem mesmo a produção de qualquer fluído genital, tanto no sexo feminino como masculino.

¹⁵ Aqui o termo é usado com a conotação tradicional que relaciona sexo (aspeto anatómico) e género (performance social).

intersex, Goldschmidt insiste em como a intersexualidade é uma patologia enquanto que a organização OII Australia nega e recusa essa patologização. Tendo em conta que o “hermafroditismo humano” (Dreger, 1998: 28 em Kerry, 2009: 2) também era patologizado, o uso de um ou outro termo parece indiferenciado. A organização oficial *Intersex Society of North America* dá preferência ao neologismo *intersex*.

Disponibilizada no seu website encontra-se a seguinte explicação sobre o uso erróneo do termo “hermafrodita” como resposta à pergunta “Uma pessoa “intersexo” é hermafrodita?”,

Não. O termo mitológico “hermafrodita” sugere que uma pessoa é totalmente “macho” ou “fêmea”. Isso é fisiologicamente impossível.

As palavras “hermafrodita” e “pseudo-hermafrodita” são palavras que estigmatizam e confundem. É (...) nomenclatura datada que faz uso da anatomia gonadal para a classificação sexual.

Num artigo intitulado ***Changing the Nomenclature/Taxonomy for Intersex, A Scientific and Clinical Rationale***, cinco especialistas associados da ISNA (Intersex Society of North America) recomendam o abandono de todos os termos baseados em “hermafrodita” porque são cientificamente especiosos e clinicamente problemáticos. *Os termos não refletem corretamente os entendimentos científicos modernos sobre as condições “intersexo”, confundem médicos, prejudicam os pacientes e alarmam pais.* É melhor para todos os envolvidos que o uso de certos nomes específicos (*¹⁶) esteja reservado à investigação médica e à sua prática.

(...) Enquanto que algumas pessoas “intersexo” reclamam a palavra “hermafrodita” com orgulho para se referirem a eles mesmos (como acontece com as palavras *dyke*¹⁷ e *queer* reapropriados pela comunidade LGBT), aprendemos ao longo dos anos que geralmente *é melhor evitá-las, uma vez que a sutileza política não é percebida por grande parte da população.* (site da organização *Intersex Society of North America*)

A partir deste enunciado percebemos que o uso da linguagem é complexo e que,

¹⁶ Omissão intencional (“*condition*”). Este termo não encontra um equivalente em PT-PT, uma vez que as traduções possíveis, nomeadamente “doença”, “patologia”, “estado das coisas”, não são satisfatórias nem adequadas neste contexto em particular, no sentido em que as duas primeiras não comportam uma sutileza específica que pode passar despercebida a quem não é nativo ou não conhece a LP e a LCH a fundo – a tentativa de minimizar os efeitos negativos produzidos no recetor da mensagem (estratégia discursiva de mitigação da carga semântica do termo “patologia”) e a última é semanticamente vaga. Por outro lado, o termo “condição” não é usado no discurso médico com o mesmo valor semântico na LCH, pelo que não constituiria uma opção eufemística viável.

¹⁷ *Dyke* é um termo usado como uma designação informal de lésbica mais masculina do que a *femme*, menos do que a *butch*. Em PT, usa-se popularmente *fufa* para representar a lésbica mais masculina, já que a lésbica feminina (*femme*) costuma passar despercebida se fizer *self-regulation*. Costuma ser usado como insulto.

embora existam vários termos para designar uma realidade que aparenta ser idêntica, nem sempre são intercambiáveis, sendo que a apologia aqui feita é a de que “intersexo” será preferível em detrimento de “hermafrodita” na LGP e todos os termos que decorram deste e ainda estejam a ser usados, o sejam apenas no domínio da medicina.

O argumento da ignorância da população face às nuances políticas do uso destes termos não deveria constituir um argumento dissuasor do uso de determinada terminologia. Ao invés de adotarmos uma posição confortavelmente resignada face à ignorância alheia, deveríamos procurar atualizar a conceitualização de certas realidades e divulgar os resultados da mesma para que os indivíduos que não são especialistas na matéria possam ter conhecimento suficiente para entender o uso da terminologia em questão e usá-la na linguagem geral. De outra forma, o uso da palavra *queer* não seria possível. Aqui está em causa a estandardização da terminologia de um ramo das ciências sociais, o qual, dadas as diferenças entre os sistemas conceituais dos diferentes domínios (Cabré, 1992: 226), só recentemente tem investido neste processo de uniformização (Cabré, 1992: 18).

Apesar disso, a questão do anacronismo e da incongruência científica parecem constituir argumentos suficientemente convincentes para abandonar o uso da palavra hermafrodita, não fosse pela patologização de *intersex* por Goldschmidt e o intercâmbio que é feito pelo próprio Fausto-Sterling (1993 em Sullivan, 2003), que chama a “intersexualidade” de “hermafroditismo humano”.

Como podemos ver pela discussão anterior, a tradução de *intersex* é problemática devido, por um lado, ao uso de “intersexo” como sinónimo de hermafrodita, e, por outro, porque existe ainda outro sinónimo, “intersexual”, cuja utilidade é muito duvidosa.

Usa-se, tanto na LP como na LCH, *intersex* e *intersexual* (*intersexo*, Vale de Almeida, Gonçalves Costa, Rodrigues e Pereira, 2010, e *intersexual*, Santos, 2012: 13)

mas não de forma indiferenciada. O uso de *intersexual* parece colocar alguns problemas semânticos.

Segundo a *OII Australia – Intersex Australia*, o termo *intersex* não é abrangido pelo termo guarda-chuva *trans* (que abrange *transgender* e *transsexual*) nem representa uma diversidade de género, porque *intersex* não é um género, nem uma transição; “é sobre corpos, é sobre diferenças físicas e sexuais congénitas” (Administrador da OII Australia, 2011). Assim, ser *intersex* é muito mais uma característica física, e não uma característica psicológica ou social, como o é o género, embora afete os indivíduos psicológica e socialmente. Por outro lado, *intersex* tampouco designa uma orientação sexual.

Assim, apesar de se usar ambas as formas lexicais, “intersexo” (Vale de Almeida, Gonçalves Costa, Rodrigues e Pereira, 2010) e “intersexual” (Santos, 2012), o calque de *intersex* (“intersexo”) parece mais acertado neste caso, para se evitar a confusão semântica decorrente do uso do sufixo *sexual*, que nos remete normalmente para o universo da orientação sexual, à exceção do termo transexual, que vem a ser preterido por transgénero – para além de que, segundo Santos (2012), o termo “intersexual” vem a perder peso por ser considerado, “ora demasiado político, ora demasiado sexual e mal aceite pelos familiares” (Reis, 2007 em Santos, 2012).

Camp up

TP	TCH
“If the discussion in the latter part of the book is all leather trousers and sequins, the earlier portions are clearly more corduroy. But to mistake these earlier sections for straightforward staid technical quests for textual meaning would be to do	Se a discussão na última parte do livro é só calças de couro e cequins, as peças mais antigas são claramente de bombazine. Mas confundir as partes iniciais com uma busca mais técnica por algum significado textual seria uma grande desfeita para

<p>Macwilliam and the volume a great disservice. By giving the book two distinct styles—and these two styles in particular—Macwilliam quite deliciously queers his own methodological approach. Like Ezekiel 23,11-21, the early bits of Macwilliam’s book are outrageous ideas in sober guise. And by comparing the performativity of camp to writing and reading Macwilliam is able to <i>camp up</i> the role of writer and reader too—both his and ours. The implications of queer and camp not just for these strange marital-biblical texts but for Text in general—for the human project of producing and consuming patterned ink—sit tantalizingly below the surface of the whole analysis, then. This, I think, is a major contribution of the book and should not be overlooked.”</p> <p>(Meredith, 2012, 74)</p>	<p>Macwilliam e a sua obra. Ao imbuir o livro de dois estilos distintos, estes em específico, Macwilliam queeriza a sua abordagem metodológica com deleite.</p> <p>Como em Ezequiel 23,11.21, encontramos nas partes mais remotas da obra de Macwilliam ideias flagrantes sob um pretexto sério. Ao estabelecer uma comparação entre performatividade de <i>camp</i> e escrita e leitura, Macwilliam consegue <i>camperizar</i> o papel do escritor e do leitor, tanto o dele como o nosso. As implicações de queer e camp, não só nestes estranhos textos matrimoniais e bíblicos, mas nas Escrituras em geral - uma vez que o projeto humano de produzir e consumir padrões pictorescos – espreitam, <i>alas</i>, ansiosas sob a camada superficial de toda a análise. Estas são, a meu ver, grandes contribuições do livro que não devem ser subestimadas.</p>
---	---

Para encerrar este capítulo escolhi a locução verbal *camp up*. Esta locução é usada na definição de Sullivan sobre o verbo *to queer*:

In short, the aim of the book is to queer - to make strange, to frustrate, to counteract, to delegitimise, to camp up - heteronormative knowledges and institutions, and the subjectivities and socialities that are (in)formed by them and that (in)form them (Sullivan, 2003).

Este verbo constitui simultaneamente um fosso lexical e terminológico, por ser um termo usado, tanto na *LGP*, como na *LSP* na língua de partida, e ser inexistente, tanto numa, como noutra, na língua de chegada.

Sullivan sugere que a análise de Sontag de *camp* enquanto uma “sensibilidade que, para além de outras coisas, converte aquilo que é sério em algo ‘frívolo’” (1996: 276 em Sullivan, 2003: 193) terá sido um dos motivos pelos quais o termo foi relegado para o domínio da cultura popular, tendo-se afastado das suas raízes homossexuais. Para entender o significado desta locução verbal será necessário esmiuçar, ainda mais, o significado de *camp*.

Para Medhurst (1997), *camp* é uma “estratégia de sobrevivência simultaneamente política e prazerosa” que negocia a existência de homens gay num mundo “que na melhor das hipóteses os tolera e na pior os extermina” e, como tal, encontra-se profundamente enraizada na cultura gay masculina. Além disso, é uma prática que se define pela paródia, pelo exagero, pela teatralidade e pelo humor que serve, potencialmente, para “desnaturalizar, ou queerizar, noções heteronormativas da identidade” (Newton, 1972 em Sullivan, 2003: 193) através da conversão do que é sério em algo banal (Sontag, 1966 em Sullivan, 2003: 193). De acordo com Dollimore (em Medhurst, 1997: 275, em Sullivan, 2003: 193), esta tática revela e resulta das contradições inerentes à “vivência da subordinação” na sociedade heteropatriarcal. Esta lacuna é também cultural, pois, embora o humor represente uma estratégia queerente (Martins e Amaral, 2014), ou subversiva em qualquer contexto, não existe uma associação específica ou particular quanto ao uso desta estratégia pela comunidade queer em Portugal.

Camp é um termo que, devido à sua “correspondência” (Catfords, 1965 em Munday, 2008: 60-61) com a palavra *campo* em português, poderá conduzir o público de chegada a associar esta prática, ainda que de forma inconsciente, ao universo rural que, curiosamente, em português serve de mote para um tipo de humor específico, normalmente de cariz sexual (por exemplo, o filme “7 pecados rurais” da autoria dos comediantes João Paulo Rodrigues e Pedro Alves). Ora, uma tal interpretação seria paradoxal, dado que, em Portugal, assim como noutros países, a cultura queer encontra

mais expressão nas zonas urbanas devido, em grande parte, ao estilo de vida boémio que a indústria do entretenimento promove e à facilitação do encontro multicultural entre indivíduos de várias proveniências graças, por exemplo, aos programas de intercâmbio de estudantes. É necessário ter em mente a distinção do uso de *camp* enquanto verbo (*to camp*) na linguagem comum (acampar), e enquanto locução verbal (*camp up*) na linguagem especializada, a teoria queer.

Relativamente à locução verbal *camp up*, a criação de um neologismo parece ser o método de tradução mais exigente do ponto de vista morfológico dado que a partícula *up* não é transferível para a LCH. Assim, só é possível negociar a criação de um neologismo através de um processo formal de formação morfológica; neste caso, o mais indicado é a sufixação. O sufixo aparentemente mais intuitivo neste caso seria *ar*, dada a semelhança estrutural entre a palavra *camp* da LP e *campo* da LP2. Tendo em conta que deste verbo já existe o verbo denominal parassintético “acampar” (Rodrigues, Pereira, Pereira e Ribeiro, 2016), não podemos fazer deste o referente para criar um neologismo queer que traduza o sentido de *camp up*, por um lado porque deste tipo de verbo não se pode eliminar o prefixo vernacular [(a)campar], e, por outro, se da omissão do prefixo ou do sufixo não resultar uma palavra existente, não é possível realizar essa alteração morfológica (*acamp** e **campar*).

Uma opção interessante, mas de cariz terminológico, seria o acréscimo de um novo sentido à palavra referencial *campo* ou extensão do significado da palavra base. Ao contrário de outras soluções em que a tradução e a terminologia se entrecruzam, esta alteração ultrapassa radicalmente o domínio do tradutor, estando reservada ao terminólogo. Como tal, é necessário criar um neologismo à parte que se distinga claramente deste verbo em particular – por exemplo, “camperizar”, em que se destaca o uso da consoante de ligação *e* como regra de formação morfológica.

Dependendo da orientação que o tradutor lhe deseje dar (neste caso mais orientada para a cultura de chegada ou *target-culture*) e do contexto, talvez seja útil escolher um equivalente parcial – “conceito análogo mais aproximado” - (Sarcevic, 1988: 441) a partir da intensão do termo *camp*, “satirizar” (a sátira encontra-se implícita em

“paródia” e “humor” na definição de Newton), “teatralizar” (derivado da definição de Newton), “ridicularizar”, “subverter” (enquanto sinónimo de “queerizar”, na definição de Newton), “resistir” (extraído da definição de Medhurst). A preferência dada ao neologismo “camperizar” deve-se à sua extensão – quando um verbo condensa muitos significados (tal como o verbo *queer*) sob um único referente, e a intenção do autor é ser menos específico, mas simultaneamente mais inclusivo de todos esses significados, a tendência é usar-se o conceito de significado mais abrangente.

Reflexões sobre o uso de estrangeirismos

Outing e Passing

Termos tão curtos como Outing e Passing, formados pela partícula “ing”, não costumam ser traduzidos literalmente para português por uma questão de estilo. São termos curtos, e como tal vistos como formas linguísticas economizadoras de espaço, de extrema utilidade, tanto num discurso oral, como escrito. A explicação destes termos ocorre de forma “natural”, mediante a concetualização dos mesmos nos textos em que aparecem. *Outing* significa “expor a orientação da pessoa LGBT+ a terceiros” (segundo Vale de Almeida, Gonçalves Costa, et al., 2010: 244) “contra a sua vontade”, e *passing* significa “fazer-se passar por uma outra orientação sexual ou género que não a do próprio ou passar por ter uma orientação sexual ou género que não a sua” normalmente, como meio de sobrevivência social que pode ocorrer de forma voluntária ou involuntária. Stone (1991: 299 em Sullivan, 2003: 106) dá o exemplo do transexual que se faz passar por homem ou por mulher sem que a sua transexualidade seja notada.

Reflexões sobre as convenções ortotipográficas encontradas

Hetero-cisnormativity

As dúvidas linguísticas que restam por resolver prendem-se, nomeadamente, com a escolha da tradução documental ou instrumental, pela enorme adesão da comunidade queer às formas lexicais de influência inglesa. É curioso constatar que existe alguma incoerência aparente na forma como algum léxico vem a ser traduzido. *Hetero-cisnormativity*, por exemplo, foi traduzido por “cis-heteronormatividade”, que parece uma tentativa de criar um neologismo idêntico ao termo da LP, com a inversão dos adjetivos, o que é expectável, pelo facto de a maioria dos nomes adjetivados exigirem essa troca de EN para PT-PT. Ademais, a existência da palavra heteronormatividade em PT-PT poderá ter reforçado a ideia de que era melhor proceder a essa inversão. Ora, esta inversão conduz à conclusão de que a autora (Helena Braga, 2013) não estaria familiarizada com a palavra *cisnormativity*, isto é, sem a presença do prefixo hetero, pois, se estivesse consciente da existência de ambas as palavras, poderia ter usado, segundo as convenções gramaticais da LCH, a conjunção copulativa *e*: “hetero e cisnormatividade” (para não usar “cis e heteronormatividade” se não fosse a sua preferência), ou, até mesmo, mantido a ordem original dos prefixos a menos que a sua intenção fosse dar prioridade à hetero ou à cisnormatividade.

Non-normativity

Ainda no que diz respeito às convenções gráficas, coloca-se a questão do porquê de não se ter hifenizado a palavra “não normatividade”, uma vez que esta foi a tendência registada em palavras compostas prefixadas por “não”, como é o caso de “não-monogamia” e “não-heterossexualidade”, já que o critério parecia, comparando com a ausência do hífen em “não heterossexual” e “não humano”, a presença de um substantivo e não de um adjetivo após o elemento prefixal “não”. Da leitura de alguns artigos dedicados à temática, da autoria de Campos, Correia e T. Duarte (1992, 1999), conclui-se que o uso do hífen em substantivos é indiferente, mas seria talvez melhor manter uma coerência terminológica por uma questão de paralelismo discursivo. Por uma questão

meramente estatística, proponho a hifenização de não normatividade.

Reflexões sobre as convenções gramaticais em uso

They/them

A vontade da comunidade queer (isto é, LGBTQ+) de reconhecer e dar visibilidade a expressões de género não binárias como a transexualidade e o “transgenderismo” levaram a que se usasse os pronomes *they/them* na LP como substituto dos pronomes genderizados “ele” e “ela” (Saul, 2010). Considerando que um pronome neutro se referiria apenas a alguém de género não-binário (correspondendo a uma exceção à norma), em princípio a falta de coesão discursiva não se colocaria em causa, a menos que nos quiséssemos referir implícita ou simultaneamente a dois ou mais referentes de género não binário. Tendo em conta que, em PT-PT, *they* e *them* se traduzem em pronomes plurais de género marcado (eles/elas), a sua tradução por qualquer um destes pronomes não se adequa à necessidade de tradução visada. A dificuldade em se traduzir o pronome *they/them* reflete a inflexibilidade das línguas românicas em adaptar-se a um sistema gramatical de género neutro (Pereiro, 2016). Como tal, esta lacuna mantém-se por resolver.

Reflexões sobre a diacronia / sincronia dos termos

Male-to-constructed-female

Male-to-constructed-female é um termo anacrónico cuja utilização foi preterida pelo uso da forma MTF (*male-to-female*). *Male-to-constructed-female* é tido por alguns autores como um termo derogatório por insinuar que o indivíduo nunca foi mulher (apesar de se sentir mulher) antes da cirurgia da mudança de sexo (Sullivan, 2003). Como tal, este e outros nomes semelhantes não devem ser traduzidos, mas sim importados e

explicados numa nota de rodapé. Abri uma exceção para o termo *transsexually constructed lesbian-feminists* por considerar que existe uma ligeira diferença semântica: *constructed*, neste caso, aparenta ter uma conotação distinta. A *construção* não está relacionada com a identidade de género, mas sim com a origem histórica da adesão ou apoio de certas lésbicas ao feminismo. Esta interpretação parecia correta até nos apercebermos de que o adjetivo *constructed* nasceu de uma conceção essencialista de transexualidade. Como tal, o seu uso remeter-nos-à, sempre que esse elemento for aplicado a neologismos idênticos no âmbito da teoria queer, a esse conceito. Consequentemente, o segmento *transsexually constructed lesbian-feminists* deverá ser traduzido como *feministas lésbicas e transexuais*, com a adição de uma nota explicativa expondo o porquê de não se poder traduzir um elemento de elevada importância em termos semânticos. Do meu ponto de vista, a tradução mais inteligente seria *feministas lésbicas e transgéneras* pelo facto de que o último adjetivo atualiza a distinção entre o conceito de sexo e o conceito de género, ou, entre um conceito de origens essencialistas e um de génesis construtivista.

Psychopathia transsexualis

Termos em latim não costumam ser traduzidos por uma questão de tradição linguística e pelo facto de serem oriundos do domínio médico-científico, uma área que privilegia o uso de formas neo-clássicas (Cabré, 1992). Neste caso, o termo é também datado e pejorativo pela associação a um distúrbio psicológico e discriminação derivada.

Reapropriação de termos pejorativos

A luta pela aceitação de pessoas de sexualidades outrora consideradas não normativas, como é o caso da homossexualidade (denigrada verbalmente por adjetivos como “larilas” e “maricas”, em Português) conduziu, na cultura da língua de partida, à

reapropriação do significado de termos igualmente pejorativos como *queer*, *dyke* e *hermaphrodite*. Esta tendência pode influenciar a forma como outros termos são traduzidos.

Reflexões sobre a tradução de termos de elevada dificuldade

A tradução de certos conceitos pela importação da sua forma ou designação estrangeira deve-se, normalmente, à falta de equivalência formal entre as línguas de partida e de chegada. Isto significa que, por muito que um conceito seja facilmente compreendido através da sua definição traduzida para uma língua que o tradutor domine (inglês, por exemplo), a sua tradução é dificultada pela ausência de um elo comum entre os sistemas linguísticos da língua de partida e da língua de chegada. Não se trata de alfabeto ou caracteres, os quais se encontram convertidos para o alfabeto latino sempre que pretendemos traduzir um termo do inglês, mas sim de uma distância muito grande entre as palavras existentes no vocabulário de uma língua e de outra (e.g., uma língua afegã e o português).

Na teoria queer, a inexistência de um equivalente cultural é transversal a qualquer termo não lexicalizado na língua de chegada; porém, importa sempre explicitá-la para que não haja sombra para dúvidas sobre a impossibilidade de se recorrer a um equivalente. Relembrando a reflexão presente no capítulo 2 sobre a distinção entre termo e conceito, entende-se porque os autores desta teoria venham a “calcar” os termos ao invés de os tentarem adaptar à tradição linguística da língua de chegada, mesmo antes de nos questionarmos sobre a legitimidade de tal de um ponto de vista da tradução.

Fosso importado como estrangeirismo	Definição	Explicação
bacha posh	“Este é o privilégio de	Termo específico da

	<p>Mehran. Mehran é uma <i>bacha posh</i> – termo traduzido de Dari por rapariga “vestida como rapaz” no Afeganistão. <i>Bacha posh</i> são as raparigas secretas de uma sociedade profundamente conservadora, em que os homens detêm quase todos os privilégios, e em que a mãe de uma rapariga recém-nascida é recebida com desilusão por não ter trazido um homem ao mundo.”</p> <p>(Nordberg, 2014)</p>	<p>cultura de partida. (Baker, 1992)</p> <p>Falta de correspondência entre os sistemas de língua. (Catfords, 1965 em Munday, 2008: 60-61)</p>
camp (adj.)	Já traduzido.	<p>Termo específico da cultura de partida. (Baker, 1992)</p> <p>A associação do campo à teoria queer em português induziria o público de chegada em erro (i.e., associações a ruralidade).</p>
cross-dressing	“O apelido foi usado ironicamente em círculos	Termo específico da cultura de partida. (Baker,

	<p><i>gay</i>, o que não corresponde ao que hoje chamaríamos de identidade transgênera.” (Bernini, 2017 por Heim, 2013)</p>	<p>1992)</p> <p>Falta de correspondência com o sistema linguístico português. (Catfords, 1965 em Munday, 2008: 60-61)</p> <p>Sinónimo aproximado (equivalente cultural): travestismo.</p>
femmeslash	<p>"<i>Slash</i> (barra inclinada)" refere-se à idolatração de duas personagens homens numa relação romântica, e o termo é originário da marca de pontuação que divide o casal em, por exemplo, Spock/Kirk da série televisiva Star Trek. Embora haja histórias de ficção <i>slash</i> dedicadas a relações entre duas mulheres - chamadas de femmeslash - o termo slash refere-se geralmente a relações entre homens, e vai ser usado em todo este capítulo, dado que a investigação discutida se foca em comunidades centradas em pares</p>	<p>Falta de correspondência entre os sistemas linguísticos.</p> <p>(Catfords, 1965 em Munday: 2008, 60-61)</p>

	masculinos." (Scherer, 2009: 219 em Sullivan, 2003)	
fisting	<p>"<i>Fisting</i> envolve a inserção de (uma) mão(s)/braço num dos orifícios corporais (normalmente vaginal e anal, mas também pode incluir a boca/garganta). A prática é por natureza gentil e apesar das implicações do nome, <i>fisting</i> requer cuidado e prática da parte dos praticantes."</p> <p>(Giffney e O'Rourke, 2009)</p>	<p>Termo específico da cultura de partida. (Baker, 1992).</p> <p>"Empunhar" significa "agarrar/segurar pela empunhadura".</p> <p>"Esmurrar" significa "dar murros em", que parece exceder o significado literal da palavra em questão pela alusão ao verbo "ferir".</p> <p><i>Enmurrar</i> seria uma boa opção não fosse pela impossibilidade de construir uma palavra com a seguinte ordem morfológica, (n+m).</p>
hetero-friendly	<p>"O bar gay <i>hetero-friendly</i> (também conhecido por <i>hetero-friendly</i> gay). <i>Lost and Found</i> fechou em Outubro de 2011. (Sateenkaariyhteisötry, 2001-2011)."</p>	<p>Termo específico da cultura de partida (Baker, 1992).</p> <p>Sem correspondência entre os sistemas linguísticos. (Catfords, 1965 em Munday: 2008, 60-61)</p>

kinging	"(...), Halberstam afirma que <i>kinging</i> – a performance hiperbólica e heterogênea de masculinidades - pode ‘exceder os limites das subculturas lésbica e transgénera e circular de forma independente do ato do <i>drag-king</i> ’ (Halberstam, 1998: 427, em Sullivan, 2003: 196).	Termo específico da cultura de partida (Baker, 1992). Sem equivalente. “Reinar” tem outra conotação na LCH.
M2M (male-to-male)	"Segundo Califa (1997), M2M (male-to-male) é um termo relativamente novo que 'disputa a ideia de que os homens transgéneros alguma vez foram mulheres'" (Califa, 1997: 232 em Sullivan, 2003: 118).	Termo específico da cultura de partida (Baker, 1992). Possível tradução: HPH (homem-para-homem) Preservar-se a língua de origem porque o neologismo pertence ao domínio médico. A ciência está sempre um passo à frente da tradução e é já expectável que os especialistas usem terminologia estrangeira. Solução preferível, usar

		aspas para explicitar o significado.
New Asian Queer Funk	<p>“O “New Asian Queer Funk” (novo funk queer asiático) é um estilo que expressa uma política... Está amplamente associado a um pasticho de formas culturais heterogêneas... É uma attitude, um estilo, uma política... movida pelas formas da nova Ásia, queerização global, e funk indígena diaspórico... É um movimento emergente que produz uma cultura transiente e móvel” (Yue, 2000: 43 em Sullivan, 2003: 73).</p>	<p>Termo específico da cultura de partida (Baker, 1992).</p> <p>Sem correspondência entre os sistemas linguísticos em <i>queer</i> e <i>funk</i>.</p>
queercore	<p>"(...) Queercore, uma coligação de anarquistas e/ou punk queers radicais para quem queer define, não uma sexualidade específica, ‘mas a liberdade de personalizar tudo o que vê ou ouve para devolvê-lo mais distorcido e fantástico do</p>	<p>Termo específico da cultura de partida (Baker, 1992).</p> <p>Sem correspondência entre as línguas.</p>

	que antes”” (Cooper 1996: 295 em Sullivan, 2003: 45).	
sexting	“(…) troca voluntária e interativa de mensagens de orientação sexual usando um dispositivo de comunicações móveis” (Manning, 2013: 7).	Sem correspondência entre as línguas.
sticky rice	Um dos aspetos do <i>New Asian Queer Funk</i> é o <i>sticky rice</i> . De acordo com a perspectiva de Yue, <i>sticky rice</i> aponta para uma prática modelada por uma regionalidade diaspórica pós-nacional (Id., 44). Por outras palavras, <i>sticky rice</i> é um termo usado para descrever a relação entre casais asiáticos e australianos do mesmo sexo. (Yue, 2000: 43 em Sullivan, 2003: 74)	Termo específico da cultura de partida (Baker, 1992). <i>Arroz glutinoso</i> não só não é um prato português, como não pode ser alusivo a um modelo específico de relacionamento pessoal em português; por isso, não é uma expressão domesticável. Pode, contudo, constar de uma nota de rodapé ou aparecer entre aspas para que o público de chegada tenha acesso ao seu significado literal e não metafórico.

Capítulo 5- Discussão

Com a aplicação do modelo de análise de Vinay e Darbelnet (1958), foi possível identificar, de noventa e um termos, setenta e três traduções literais (ou diretas), das quais trinta e oito calques e nove empréstimos, dezasseis traduções oblíquas, doze ampliações, (das quais onze suplementações), quatro modulações e apenas uma adaptação cultural. Quatro termos não pareciam corresponder a nenhuma das categorias de análise de Vinay e Darbelnet, nomeadamente a instância 75 e a 89, cuja categorização se alargou à neologia (Baker, 1992) e à analogia (Sarcevic, 1988). A maioria das traduções oblíquas é, na verdade, semelhante às traduções diretas, afetando apenas o nível lexical (23.), outras, mais excepcionais, afetam, não tanto o nível lexical ou sintático, mas sim o nível concetual do discurso (89.). Estes níveis não são tidos em consideração no modelo de Vinay e Darbelnet. Como tal, a categorização dos fossos lexicais foi complementada aplicando o modelo de análise textual de Nord (1997) com ênfase sobre a microestrutura ou o nível microlinguístico do texto, tendo as suas unidades lexicais sido analisadas usando “pequenos textos paralelos” (método aplicado por Catford em 1958, em Munday, 2008). A análise microlinguística incidiu sobre diferenças ao nível do léxico usado e, para tal, aplicou-se o método de concetualização de Cabré (1999) para diferenciar o significado entre essas unidades. O modelo de linguística contrastiva de Firth e Halliday (Catford, 1965) foi útil na medida em que influenciou o emparelhamento de pequenos textos paralelos, em Catford, e essa estrutura de análise emparelhada inspirou a comparação (Franco, 2014)¹⁸ de *corpora* originais bilingues e especializados em teoria queer. Sem conhecer os processos de formação de palavras expostos em Cabré (1999) não seria

¹⁸ Segundo Franco (2014), o termo “contrastiva” é adequado porque na génese do termo encontra-se implícita a identificação de diferenças entre dois sistemas de língua, sendo esse o seu primeiro significado. É certo que o termo adquiriu, por força de críticas que se lhe fizeram, um significado que passou a abranger a identificação de semelhanças entre duas línguas. No entanto, é de notar que estes argumentos surgem pela ordem inversa, o que parece apontar para a preferência do termo contrastiva por oposição a confrontativa. Para além disso, não encontrei referência que sustente o uso da palavra “confronto” pois embora pareça a palavra mais adequada por se focar, nitidamente, nas diferenças e não nas semelhanças, tanto a palavra “confrontativa” como a “comparativista” foram completamente preteridas pela palavra “contrastiva”, pelo facto de que o seu uso abrange mas não obriga à identificação de semelhanças entre as línguas. No entanto, mantenho “comparação” em vez “contraste” por ser uma palavra de amplo e inequívoco significado.

possível ter compreendido a formação de certas palavras e procedido à criação das que faltavam.

Tendo em conta que o modelo de Vinay e Darbelnet não é suficiente para resolver problemas ao nível do uso do léxico da teoria queer por servir apenas para os categorizar e como inspiração para a criação de neologismos, passo agora para a exposição das perguntas que mais suscitaram o meu interesse acerca da teoria de Nord (1988/2005) sobre a categorização da tradução de textos com base na descrição da preservação ou inovação da informação transmitida.

A primeira questão que me propus a responder nesta dissertação de mestrado foi “Onde se situa a tradução da teoria queer? Na tradução documental ou na tradução instrumental?”. Desde logo, parto do princípio de que a tradução é a (re)escrita¹⁹ de um enunciado de uma língua que reflecte os valores e os costumes de uma cultura para outra língua cujas expectativas se moldam pelos valores e costumes da mesma, num jogo de equilíbrio entre reprodução e adaptação.

A definição de tradução mais fiel ao meu conceito seria a conceção de tradução inter-línguas de Munday (2008, 5),

O termo tradução em si mesmo tem vários significados, pode referir-se a área disciplinar em geral, ao produto (ao texto traduzido) ou ao processo (o ato de produzir a tradução). O processo da tradução entre duas línguas diferentes envolve um tradutor a mudar um texto original (o texto de partida ou TP) numa linguagem verbal original (a língua de partida ou LP) em texto escrito (o texto de chegada ou TCH) numa linguagem verbal diferente (a língua de chegada ou LCH). (Munday, 2001: 5)

Segundo a definição acima proposta, a escrita é entendida como um ato original e, consequentemente, a reescrita é a reprodução desse ato na língua de chegada. Alguns autores defendem o uso desta palavra apenas quando se trata de aplicar o método de tradução instrumental avançado por Nord em finais dos anos '80. Neste tipo de tradução,

¹⁹ O termo “reescrita” nos estudos da tradução adquiriu um sentido colonialista e anti-colonialista no âmbito dos estudos da tradução feministas, que em nada reflectem o valor da palavra “reescrita” aqui expresso. (Hermans, 1985 em Munday, 2008: 125)

o texto de chegada deve ser lido como um texto originalmente escrito na língua para a qual foi traduzido, e não deve conter nenhuma marca que desperte no leitor a desconfiança de que esse texto provém de outra língua. No meu entender, a tradução é reescrita, quer a orientação seja instrumental ou documental, isto porque um texto reescrito é um texto escrito pela segunda vez, por um outro autor, e não tem de parecer original porque já o é.

Como foi referido no capítulo 4, a escolha do método de tradução baseou-se no critério de Reiss (1977/1989) de cumprimento da função principal do texto literário, a informativa. Segundo Reiss, os textos informativos devem ser traduzidos de acordo com uma orientação voltada para a cultura da língua de partida (*source-culture*). Como tal, a tradução deve transmitir fielmente os elementos textuais e culturais da língua de partida no texto da língua de chegada, respeitando, além da mensagem do texto de partida, toda a sua forma e conteúdo.

Há uma linha ténue entre o que é documental ou instrumental na tradução de textos sobre a teoria queer porque a fidelidade para com a forma e o conteúdo do TP inerente à tradução documental produz uma reação semelhante, tanto na cultura da LP, como da LCH, eminente na tradução instrumental.

A escolha de apenas um método de tradução é difícil quando nos deparamos com uma teoria cuja literatura é conhecida pela disrupção das normas linguísticas e pelo vanguardismo cultural. Existem vários argumentos que apoiam a tradução documental que se poderiam resumir a um só, a existência de fossos conceituais. A falta de informação sobre a teoria queer na língua e cultura de chegada obrigam à adoção de técnicas de orientação documental, como é o caso da nota explicativa, para informar o leitor acerca de diversos conceitos. Por outro lado, sacrificar a inovação lexical na língua de chegada por falta de equivalência dos mecanismos linguísticos (entre os quais os gramaticais) entre a LP e a LCH é ir contra a máxima queer de inovação, criatividade e diversidade. Se, por um lado, esta ideologia é predominantemente anglófona e francesa, e não há como escapar à sua influência linguística e cultural, sobretudo na tradução literal e na importação de estrangeirismos, por outro o ganho poderá estar em enveredar por uma tradução mais instrumental, na criação de novo léxico em PT-PT, para atingir o equilíbrio.

O importante é não nos desviarmos de uma orientação ou de outra num texto em particular, isto é, devemos ser coerentes quanto às decisões que afetem a macroestrutura textual, pois, independentemente da escolha do tradutor, o nível microlinguístico de um texto traduzido apresentará, quase inevitavelmente, uma fluidez morfológica, seja qual for o tema ou a língua, dado que os textos são discursos interlinguísticos e interculturais e influenciam-se mutuamente a esses níveis. A teoria queer, em particular, impele à criação de novos termos (de elevada criatividade) em todas as línguas. Assim, se mantivermos *jouissance* na língua de chegada, porque não criar o termo “hermafrofufa”?

Ora, os exemplos fornecidos na análise mostraram que usar consistentemente o método de tradução instrumental sugerido por Nord é um ato de alguma irresponsabilidade quando se trata de traduzir textos mais subversivos ou idiomáticos, por pena de se produzir um efeito indesejado no público de uma cultura em que a teoria queer não encontra um lugar de destaque. Como tal, a escolha da tradução documental justifica-se pela necessidade de transmitir ideias complexas de forma objetiva e informada de uma matéria que carece de explicação na língua de chegada. O tradutor deve questionar-se sobre casos que suscitem maior perplexidade, como acontece na tradução da frase *Queering the crip or crippling the queer?* e saber se é mais adequado omitir elementos mais controversos para agradar ao público da língua de chegada adicionando quiçá uma nota explicativa a explicar a omissão, adaptando o texto de modo a preservar a sua mensagem referencial, ou reproduzi-los na sua plenitude sem nota explicativa para obter a mesma reação do público de chegada que aquela produzida no público de partida.

A frase em questão obriga a uma reflexão sobre a intenção do autor e sobre o efeito do texto traduzido no público de chegada. O título é confuso e causa impacto pelo menos a nível linguístico, e provavelmente a nível social, pelo que o tradutor se sente obrigado a procurar uma explicação no TP sobre o significado de tal expressão. O facto de esta explicação se encontrar ao longo do TP permite que o tradutor traduza esta expressão de forma literal sem ter de proceder a grandes alterações, dado que a expressão é traduzida a par da explicação e os textos costumam ser lidos do início ao fim. O que acontece é que, mesmo existindo uma explicação no TP, o primeiro impacto da leitura do título pode

consternar o último recetor do texto de chegada, o que, por si só, pode inviabilizar a continuação da sua leitura, ou até a sua aceitação em certas culturas onde exista maior censura. A abordagem seguida nesta dissertação, isto é, a tradução de excertos onde se demarcam dúvidas lexicais aplicáveis a textos idênticos, encurtou o contexto e aumentou a necessidade de acrescentar uma nota explicativa, mas, no texto em questão, talvez se dispensasse o uso desse método de tradução documental. Depois de muito refletir, optei pela reprodução fiel dos elementos textuais do TP (solução estrangeirizante) através da tradução literal com o acréscimo de uma nota explicativa (tradução documental) para provocar o mesmo efeito no recetor do texto de chegada que aquele provocado no recetor do texto de partida (tradução instrumental).

Assim, a tradução é documental se o tradutor (ou autor do texto de chegada) entender que o título é intencionalmente chamativo e, por isso, deve ser reproduzido na íntegra, e se esta intenção não estiver suficientemente explícita no TP e o enunciado causar estranheza e ambiguidade semântica, o texto beneficiará de uma nota explicativa, quando aplicável, sendo que o título traduzido parece ofensivo, mas pode não o ser; e é mais instrumental quando o tradutor se depara com alguma exigência sociocultural especificada pelo cliente que requisitou os seus serviços que obrigue a uma reformulação por meio da omissão ou outra técnica adaptativa.

Finalmente, a aplicação da tradução documental na tradução de textos sobre a teoria queer oferece ainda a possibilidade, através da tradução literal e de notas explicativas, de informar o leitor sobre uma tendência um tanto polémica nesta área de investigação, isto é, a reapropriação subversiva de determinados termos considerados insultuosos, tanto na LP, como na LCH, dos quais se destacam *queer*, *dyke* e *hermaphrodite*, que outrora feriam o orgulho do indivíduo pertencente à comunidade LGBT+ e, atualmente, são usados como motivo de orgulho e pertença por parte de alguns indivíduos da mesma.

A segunda pergunta que suscitou o meu interesse foi “Quem está mais preparado para traduzir a teoria queer? Um tradutor ou um terminólogo?”. Esta pergunta ocorreu-me com a percepção de que um dos problemas centrais da tradução destes textos era a falta

de equivalentes lexicais em português de Portugal e com o facto de a criação de terminologia ser um trabalho específico dos terminólogos.

Embora, a partir dos anos ‘70, os tradutores tenham sido influenciados pela teoria do escopo de Reiss e Vermeer, e tenham começado a afastar-se da noção de equivalência por considerarem que o objetivo do texto de chegada é mais importante do que encontrar léxico idêntico na LP e na LCH, ao que os autores franceses (entre eles, Gouadec, 2002) apelidaram de tradução *mot-à-mot* e Baker (1992) denominou “tradução ao nível da palavra”, a noção de equivalência é sobretudo relevante quando o tradutor se depara com um número considerável de palavras que não encontram expressão gráfica na língua de chegada. A crença de que todo o texto apresenta diversos problemas de tradução além da não equivalência lexical, embora verdadeira, não pode sobrepor-se à realidade que nos é apresentada. Independentemente de existirem ou não outros problemas, a não equivalência lexical apresenta-se na teoria queer de forma demasiado evidente, sendo praticamente impossível ignorá-la e desviar as atenções para outros problemas, numa primeira análise.

Munday refere que “os estudos da tradução se expandiram bastante, e são atualmente considerados interdisciplinares” (2008: 14), ou seja, são transversais a várias disciplinas, entre elas a terminologia. A terminologia, um ramo multidisciplinar que estuda os termos de todas as disciplinas científicas (Cabré, 1999), é um ótimo aliado da tradução quando o foco na tradução é mais lexical. Esta disciplina oferece diversos métodos de organização de léxico e terminologia que auxiliam o tradutor a expor os fossos numa determinada língua, sem impedir a identificação e a resolução de outros problemas de tradução, sejam estes linguísticos ou culturais. Além disso, mune o tradutor de um leque alargado de recursos que o ajuda a organizar a terminologia de uma determinada área científica.

Embora o uso de recursos terminológicos pareça restrito ao âmbito da terminologia e a outras disciplinas associadas como a lexicologia ou a lexicografia...

..., a tradução “é” ferramentas. Sem o uso das ferramentas, estaríamos a discutir interpretação. A tradução baseia-se numa longa história de utensílios, seja o pergaminho, a

pena ou os primeiros dicionários, ou combinações atuais de organização da terminologia, TA, MTs, ferramentas de localização e *add-ons*, ou potenciais ambientes personalizados que integram texto previsível e adaptação ao estilo e preferências de utilizadores individuais (Green et al., 2014 em Drugan, 2014: 112). Dada a história rica e diversificada da indústria atual, era previsível um leque de abordagens de ferramentas. (Cronin, 2003 em Drugan, 2014: 111)

O uso do Corpógrafo (Internet, computador...), em particular, permitiu uma compilação de textos útil para a identificação dos problemas de tradução ao nível da microestrutura, isto é, os fossos lexicais e a consequente ambiguidade concetual e terminológica resultante do uso de mais de um neologismo para o mesmo fosso, que afeta a macroestrutura no que à interpretação do texto diz respeito. A compilação dos termos da LP numa BDT foi vital para escolher os textos que valia a pena analisar e aqueles que requerem análise no futuro ou que servirão de ponto de partida para a tradução de textos semelhantes.

Apesar disso, o tradutor demarca-se do trabalho do terminólogo quando, a par do léxico, vai mais a fundo na análise textual, tanto do texto de partida, como do texto de chegada. A análise textual de Nord (1997), aliada à noção de equivalência lexical de Baker (1999), permite proceder a um estudo descritivo no que diz respeito ao uso do léxico e de outros aspetos da língua, numa procura, não de prescrever ou estandardizar determinada terminologia, mas de expor justificações ou opiniões fundamentadas que orientem o tradutor na tarefa de colmatar os fossos lexicais com que se depara. A noção de adequação de Vermeer (1989/2004) presente na teoria do escopo só é relevante na medida em que ocorrem sempre pequenas adaptações sintáticas durante a etapa da transferência, das quais o tradutor nem sempre toma consciência, que revelam uma vontade inconsciente de satisfazer as expectativas do público da língua de chegada.

A quantidade dos fossos lexicais sobrepôs-se aos equivalentes culturais encontrados. Como tal, para além da tradução documental, houve também momentos em que a tradução instrumental foi necessária para os colmatar.

A criação de neologismos é considerada uma técnica de tradução por Baker (1999),

mas a sua concretização é terminológica (Cabré, 1999). Como tal, apenas o tradutor com competências terminológicas se sentir  confiante a aplicar tal técnica; de outro modo, o terminólogo é o profissional mais indicado para a pôr em prática. O trabalho do tradutor é saber negociar a criação destes neologismos e encontrar outras técnicas de tradução que substituam esta técnica, quando não aplicável.

Apesar de ter colocado a hipótese de transferir a tradução destes fossos para um terminólogo, cheguei   conclusão de que o terminólogo estuda a palavra nova ao nível da morfologia e o tradutor analisa-a no seu todo, e segundo o contexto e a língua em que se insere. Uma vez que se pretendia proceder a uma análise do ponto de vista da tradução, assegurando a qualidade da tradução dos textos da teoria queer através da equivalência lexical e da análise da morfossintaxe, num mútuo respeito pelo público da língua de chegada e pela fidelidade para com o texto de partida, a análise da sinonímia presente na teoria queer foi minuciosa, de modo a limitar ambiguidades que impediriam o tradutor de ser rápido e eficaz no exercício da sua função. Além disso, a análise de outros aspetos só pode ser feita a partir do momento em que o tradutor deixe de estar dividido entre uma escolha lexical ou outra. Apesar disto, restam algumas dúvidas que exigem a revisão por tradutores e terminólogos mais experientes, apresentados em seguida.

Retomando a questão da não equivalência, esta alerta o tradutor para a existência de fossos cuja resolução requer inevitavelmente a criação de neologismos. Esta opção é mais exigente de um ponto de vista morfológico, como exemplificado na tradução das palavras *queerness* e *hermaphrodyke*, que deu origem a um neologismo composto por um prefixo e uma palavra aut noma, “hermafro-” e “fufa”. Analisando este termo em pormenor, a aglutinação da palavra hermafrodita com a palavra fufa resulta na perda de um morfema importante, “dite”, pelo facto de hermafrodite ter originado da junção de Hermes e Afrodite, e a sua ausência apagar parte da etimologia da palavra. A queda deste morfema poderá induzir a uma confusão semântica, tendo em conta que “afro” é a abreviatura do adjetivo “africano”. Assim, seria qu  a melhor eliminar o infixo afro- para eliminar esta ambiguidade. No entanto, “hermafufa” produz um efeito fonético aglutinado da frase “era uma fufa” e não estabelece uma correspondência silábica (que pertence à

categoria da morfologia) entre o termo da LP e da LCH (Koller, 1979/89 em Munday, 2008: 46). Porque não, então, usar um elemento ortotipográfico para resolver este conflito terminológico através da adição de um hífen entre o prefixo “herm” e o resto da palavra (herm-afrofufa), marcando-o bem na oralidade para que o seu uso não seja em vão?

Outro exemplo importante seria a tradução de queer writing. *Queer writing* deve, de acordo com uma perspectiva documental, ser traduzido por “escrita queer”, assim como *bisexual erasure* por “invisibilização da pessoa bissexual”, que são as formas mais fiéis ao conteúdo da LP. Contudo, a existência de neologismos criativos em PT-PT para estes dois termos tenta o tradutor a usá-las, não por uma questão de fidelidade, mas de originalidade. A tradução instrumental aponta para a necessidade de criar um texto na LCH que reproduza o efeito provocado no público de partida no de chegada. Optar por um neologismo criativo como “esQrever” para *queer writing* tampouco produzirá o mesmo efeito, já que o grau de originalidade é mais acentuado. Então, qual o critério para poder usar “esQrever” e invisibilidade, coloca-se a questão. A meu ver, a sua aplicação não cumpre, nem os preceitos da tradução documental, nem da tradução instrumental, por não existir simetria entre os termos da LP e da LCH. No entanto, a adesão do público de chegada a este tipo de trocadilho parece justificar-se pelo uso destas formas linguísticas em ações LGBT+ (nas marchas, por exemplo) cujo público de chegada se alarga a uma comunidade plural e diversificada que se deixa seduzir pela inovação linguística e pelo romper dos cânones linguísticos, incluindo, mas não só, as convenções ortográficas. A existência de neologismos criativos em PT-PT que não encontram correspondência nos termos mais criativos em EN (*EsQrever* para *queer writing*) servem como compensação pela ausência de criatividade ou flexibilidade na tradução destes para PT-PT (e.g., *drag*). Neste ponto ainda, a alternativa “escrevivência” poderá apenas ser utilizada quando se trata de uma escrita queer específica a uma luta interseccional devido às raízes anti-racistas deste termo. “Cons-trans-ção”, por outro lado, trata-se de um neologismo extravagante ao qual a comunidade queer poderá aderir e que serve de exemplo para expor a flexibilidade da língua portuguesa para criar trocadilhos e jogos de palavras.

Dada a complexidade inerente a estas e outras escolhas morfológicas, a criação de

neologismos é normalmente testada por alguém mais competente na matéria, nomeadamente um terminólogo, que possui bases teóricas mais específicas e se encontra familiarizado com as normas de criação de novas palavras. O trabalho terminológico desenvolvido no âmbito desta investigação não se circunscreveu à identificação dos neologismos em uso ou à identificação das técnicas de tradução empregues, mas também a uma primeira tradução de certos termos neológicos.

Entendo que seria necessário haver um diálogo multidisciplinar quanto a possíveis melhoramentos por ter consciência de que existem alguns aspetos linguísticos que carecem de revisão por tradutores ou terminólogos mais experientes, porque, como vimos, existem vários termos que aparentam não encontrar correspondência com o sistema linguístico da língua de chegada.

Conclusão (ou Considerações finais)

A construção de um *corpus* bilingue onde constam os termos-chave foi o ponto de partida para uma reflexão aprofundada sobre o uso de palavras e termos em diferentes textos académicos e literários sobre a teoria queer, com o intuito de identificar fossos lexicais, colmatando-os através da sua análise em contexto discursivo e através da criação de neologismos.

O uso de uma ferramenta de tratamento de textos provou que é mais fácil extrair léxico e terminologia de um corpo de textos agregado em comparação com um corpo de textos disperso com a ajuda de uma ferramenta automática. Tal era fácil de constatar quando, por lapso ou impossibilidade de carregar um texto para o Corpógrafo, era necessário procurá-lo novamente no Google. A utilização de uma ferramenta de tratamento de textos é útil a médio e a longo prazo, pelo facto de a organização em *corpora* e BDT permitir um acesso imediato ao léxico e à terminologia escolhida pelos autores de um determinado domínio, como consequência da uniformização temática decorrente da compilação de textos de um só tema. A enorme capacidade do Corpógrafo permite que a BDT seja alimentada com o tempo, à medida que outras palavras-chave ou lacunas são identificadas.

A análise realizada foi de índole contrastiva. Esta análise previa existirem alguns sinónimos neológicos cujas diferenças ainda não se encontram expressas num dicionário de especialidade e, como tal, o seu uso carecia de explicação. Alguns dos sinónimos identificados, não sendo palavras homógrafas, revelaram semelhanças ao nível da grafia e diferenças em termos concetuais. Estas diferenças têm implicações sobre a escolha lexical e terminológica, afetando a qualidade da tradução, a qual deve cuidar de aspetos da língua como a sincronia e a semântica do léxico.

Os resultados obtidos no Corpógrafo revelaram que os fossos lexicais encontrados são predominantemente traduzidos por meio da tradução literal, pelo *calque* e pela importação de estrangeirismos, e que do ponto de vista da tradução eram apenas inviáveis quando o uso de um sinónimo é mais apropriado do ponto de vista do sistema da língua

(e.g., o termo queer *queerness*), isto é, quando as regras da morfologia não permitem a reprodução dos elementos morfológicos de uma palavra na LCH ou quando tal causa uma reação adversa no público da língua de chegada que, no meu ponto de vista, é mais crítico quando se depara com neologismos híbridos, devido, ironicamente, à estranheza causada.

A constatação quanto ao método de tradução mais usado pelos autores da teoria queer em PT-PT confirmou as minhas expectativas quanto à tradução em geral, que se encontram resumidas neste parágrafo,

...a tradução literal é um procedimento automático por pré-definição, ininterrupto até que um ‘monitor’ alerta sobre um problema. A função deste monitor é despertar um sentido crítico na tomada de decisões que solucionem o problema” (Tirkkonen-Condit, 2005: 407-408).

Contudo, observou-se o uso de sinónimos em algumas traduções e, embora útil, a sinonímia introduz ambiguidade concetual quando os termos são muito idênticos a nível da grafia (e.g., “intersexo” e “intersexual”) e nenhum deles é ainda reconhecido como léxico na língua de chegada, o que é constatável pela sua ausência em dicionários de linguagem geral e produção textual não especializada. Para decidir entre uma forma lexical e outra, a literatura serve de recurso para diferenciar o uso destes e preterir outros neologismos consoante as teorias dos autores da teoria queer na LP, partilhadas pelos autores deste domínio na língua de chegada. Assim, houve também um trabalho concetual de fundo na diferenciação dos sinónimos identificados.

Uma das dificuldades com que me deparei prendeu-se com a tradução de expressões neológicas importadas de línguas cujo sistema linguístico difere do das línguas europeias, traduzidas de forma literal para a LP (EN), sendo que a informação dada sobre as mesmas não é suficiente para encontrar uma expressão equivalente ou recriar a expressão em PT-PT (e.g., *sticky rice*). A tradução deste tipo de expressão é mais desafiante devido à sua idiomaticidade e retrazar as suas origens com o uso de uma ferramenta de busca como o Google foi importante para perceber as origens humildes do elemento explícito na expressão analisada. Testou-se a possibilidade de aplicar outro método de tradução que não a tradução literal, a adaptação cultural, um dos métodos

recomendados para traduzir expressões idiomáticas devido ao elevado grau de especificação cultural implícito neste método. Revelou-se infrutífero pelos motivos expostos na análise, defraudando as expectativas do tradutor, que procurava ser mais original. No caso analisado, a sinonímia não é uma opção, restando-nos a importação do estrangeirismo e a adição de uma nota explicativa. A definição dada pelo autor do TP, ainda que limitada, é absolutamente indispensável e a mais fidedigna para compreender a expressão e traduzi-la com uma nota para um público de chegada que desconhece o seu significado.

Do uso do Corpógrafo nem sempre se obtêm respostas para a falta de equivalência lexical. Na verdade, a constatação de um sem-número de fossos lexicais diante do tradutor aumenta a ansiedade e as dúvidas, diminuindo a auto-estima de um tradutor que não encontra equivalentes. Os neologismos, a meu ver, requerem competências adicionais em terminologia que o tradutor conhece apenas superficialmente. Baker é também a favor de que esta técnica não seja um primeiro recurso. Ainda assim, o argumento de que “toda a informação terminológica deve ter uma fonte real... significa que os termos em terminologia monolingue são recolhidos de discurso real especializado e produzidos por especialistas; (sendo que) quando há uma proposta neológica, a fonte é o autor que sugere o neologismo” (Cabré, 1992: 357) sugere que, enquanto tradutora-investigadora, também posso criar os neologismos.

Quanto à qualidade e à quantidade, posso afirmar que o meu estudo foi equilibrado, por considerar que resolvi um grande número de fossos lexicais encontrados e os neologismos criados parecem-me satisfatórios. Assoma-se a esta conclusão o tratamento de outros elementos textuais através da aplicação do modelo de Nord (1997), que enriqueceram a análise dos textos.

Para realizar este estudo, e de modo a contornar a limitação da tradução automática numa área académica e literária, levou-se a cabo um trabalho mais terminológico, de compilação de *corpora* comparável, de onde se fez uma análise de características típicas da tradução (escolha lexical e terminológica, morfologia, sintaxe, colocações) que poderá ser mais tarde aproveitada para construir, a par da base de dados

terminológica já construída, glossários e dicionários especializados, entre outros recursos destinados a melhorar a correção linguística, por um lado, e a adequação e aceitabilidade tradutivas, por outro, na tradução de textos sobre a teoria queer. O uso destes recursos terminológicos permite um maior rigor linguístico, pois evitam-se problemas de interpretação decorrentes do uso erróneo de termos que adquirem sentidos diferentes consoante o domínio, o autor e o período. O objetivo do *corpus* comparável nesta dissertação era identificar possíveis problemas de tradução que incidissem sobre a escolha lexical e terminológica e abrangessem aspetos da morfologia, da sintaxe e da idiomatidade de certos neologismos, na procura de soluções para resolver estes problemas. Os exemplos dados na análise são ilustrativos de cada uma dessas categorias.

Quanto ao objetivo da dissertação, este parece ter sido cumprido, tendo em conta que os diversos problemas de tradução identificados em textos da teoria queer foram ilustrados e resolvidos de forma analítica. Os fossos lexicais detetados nos excertos traduzidos foram colmatados pelo método de tradução literal e das suas técnicas tradutivas na criação de neologismos (*calque* e importação de estrangeirismos, sobretudo) e do uso de sinónimos e notas explicativas, a par de outros problemas de tradução (morfologia, sintaxe) que foram resolvidos por meio do conhecimento e experiência gramatical e cultural do tradutora-investigadora sobre a língua de chegada.

A deteção de alguns fossos lexicais neste domínio que não encontraram solução levaram-me a concluir que é necessário aprofundar a investigação científica nesta área em PT-PT, para que haja maior produção textual e consequentemente lexical na língua de chegada e se eleve o grau de cientificidade dos estudos realizados neste âmbito. Para colmatar os restantes fossos lexicais, creio ser útil continuar a comparar o léxico e a terminologia presente na LP e na LCH, com recurso a ferramentas eletrónicas como o Corpógrafo e da análise contrastiva lexical iniciada nesta dissertação, embora existam problemas de fundo gramatical difíceis de resolver, como é o caso da ausência de um pronome neutro que faça a vez de *they/them* em português europeu.

Referências bibliográficas

(2013). "Critérios da Priberam relativamente ao Acordo Ortográfico de 1990 (português europeu)."

Adam, J.-M. (1976). *Linguistique et discours littéraire*. Paris.

Adam, J.-M. (1990). *Éléments de Linguistique Textuelle*. Liege, Mardaga.

Adam, J.-M. (1992). *Les textes: types et prototypes*. Paris, Nathan.

Adam, J.-M. (1999). *Linguistique textuelle. Des genres de discours aux textes*. Paris, Nathan

Amaral, A. (2001). "Desconstruindo Identidades: Ler Novas Cartas Portuguesas à Luz da Teoria Queer".

Amaral, A. L., Freitas, M. (2015). "Novas Cartas Portuguesas entre Portugal e o Mundo."

Baker, M. (1992). *A coursebook on translation*.

Baker, M. (2011). "In Other Words: A Coursebook on Translation."

Baker, M. e. S., G. (1998). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, Routledge.

Bernini, L. (2013). "Queer Apocalypses: Elements of Antisocial Theory."

Blackless, M. (2000). "How Sexually Dimorphic Are We? Review and Synthesis, 12 AM. J. HUM. BIOLOGY ": 151, 159.

Blergh, S. (2018). "Bloco Bi na 13ª Marcha do orgulho LGBTQ+ do Porto." from https://www.facebook.com/search/str/inbisibilidade/keywords_search.

Bowker, L. a. P., J. (2002). *Working with Specialized Language*

A practical guide to using corpora. London, USA and Canada, Routledge, Taylor & Francis Group.

Boyle, C. (2012). "Post-Queer (Un)Made in France?": 35(32), 265-280.

Braun, D. (2012). Extension, Intension, Character, and Beyond. Oxford.

Butler, J. (1993). Bodies that matter Routledge.

Butler, J. (1999). Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity. New York and the UK, Routledge.

Butler, J. (2004). Undoing gender. 2 Park Square Milton Park Abington, Oxfordshire, OX14 4RN, UK Routledge.

Cabré, M. T. and J. C. Sager (1999). Terminology: Theory, Methods, and Applications, J. Benjamins Publishing Company.

Califia, P. (1997). "Sex changes: The Politics of Transgenderism ".

Campos, L. "Algumas justificativas para o emprego do «não» como prefixo."

Cardoso, D. (2017). "Amando vári@s – individualização, redes, ética e poliamor."

Catford, J. C. (1965). A Linguistic Theory of Translation

Cintas, D., Remael, A. (2007). "Audiovisual Translation: Subtitling."

Cooper, D. (1996). "Queercore." The Material Queer: A LesbianGay Cultural Studies Reader Boulder, CO(Westview Press).

Correia, M. (1992). O comportamento prefixal de não. Actas do XIX Congresso Internacional de Lingüística e Filología Románicas. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza: 347-356.

Cronin, M. (2003). "Translation and Globalization. London/New York: 128

Routledge."

Drugan, J. (2014). "Top-down or bottom-up: what do industry approaches to translation quality mean for effective integration of standards and tools?".

Duarte, T. M. P. (1999). O não: formador de palavras em português? Revista do GELNE Fortaleza, Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste: 67-70.

Duranti, A. (1997). Cultural Linguistics Cambridge, Cambridge University Press

Elder-Vass, D. (2012). The Reality of Social Construction, Cambridge University Press.

Eves, A. J. (2002). Contemporary Lesbian Genders: A Queer/Sociological Approach Department of Sociology and Social Policy The University of Leeds Phd.

Fausto-Sterling, A. (2000). "Sexing the body: gender politics and the construction of sexuality." 51, 53.

Foucault, M. (1978). The History of Sexuality: An Introduction. Harmondsworth., Penguin. .

Foucault, M. (1980). The History of Sexuality. New York, Vintage.

Franco, A. (2014). "A gramática de Valências como modelo para a contrastação alemão-português. A ordem das palavras na frase alemã e portuguesa à luz desta gramática."

Giffney, N., O'Rourke M. (2016). The Ashgate Research Companion to Queer Theory.

Goldschmidt, R. (1917). "Intersexuality and the endocrine aspect of sex." Endocrinology: 433-456.

Goodenough, W. H. (1957/1964). Cultural Anthropology and Linguistics. New York, Harper & Row.

Halberstam, J. (1997). "Mackdaddy, superfly, rapper: gender, race, and masculinity in the drag king scene." *Social Text*: 52/53.

Halperin, D. (1995). "Saint Foucault: Towards a Gay Hagiography."

Hayes, S., J. Ball, M. (2010). "Queering cyberspace : fan fiction communities as Spaces for expressing and exploring sexuality."

Hermans, T. (1985). *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation*.

Holmes, J. S. (1970). *The Nature of Translation: Essays on the Theory and Practice of Literary Translation* The Hague and Paris: Mouton.

Holmes, J. S. (1988b/2004). *The name and nature of translation studies*, L. Venuti.

Jagose, A. (1996). *Queer theory: An introduction*. New York: New York, University Press.

Kerren, U. (2011). *Language in Transformation, Postmodern Notions in David Malouf's An Imaginary Life*, Linnaeus University.

Kerry, S. (2009). "Are you a boy or a girl? Foucault and the intersex movement ".

Kinnunen, E. (2011). "Gay-friendly Helsinki: Case Helsinki Pride."

Koller, W. (1979b/89). *Equivalence in translation theory*.

Larché, N. (1994/2003). "Translation: The Interpretive Model." Manchester: St Jerome.

Lyotard, J.-F. (1984). *The Postmodern Condition: A Report on Knowledge*. Manchester: Manchester University Press

Maia, B. e. S., L. (2003). "Constructing comparable and parallel corpora for

terminology extraction - work in progress." Poster presentation at Corpus Linguistics 2003, Lancaster U.K.

Manning, J. (2013). "Interpretive Theorizing in the Seductive World of Sexuality and Interpersonal Communication: Getting Guerilla with Studies of Sexting and Purity Rings."

McCarty, W. (1999) Humanities computing as interdiscipline.

Medhurst, A. (1997). "Camp", Medhurst and Munt London: Cassell, Lesbian and Gay Studies: A Critical Introduction.

Meredith, C. (2012). "Review of Stuart Macwilliam, Queer Theory and the Prophetic Marriage Metaphor in the Hebrew Bible. ." BibleWorld.

Morland, I. and A. Willox (2005). Queer Theory, Palgrave Macmillan.

Munday, J. (2007). Translation Studies: The Year's Work in Critical and Cultural Theory, ProQuest Central.

Munday, J. (2008). The Routledge Companion to Translation Studies. USA and Canada, Routledge, Taylor & Francis Group.

Munday, J. (2009). "The Routledge Companion to Translation Studies." 285.

Nigianni, C. (2005). Deleuze and Queer Theory, Edinburgh University Press.

Nord, C. (2005). Text Analysis in Translation: Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-oriented Text Analysis.

Nordberg, J. (2014). "The Afghan girls raised as boys."

Olohan, M. e. B., M. (2000). " 'Reporting that in translated English: Evidence for subconscious processes of explicitation' ." 142–172.

Pinar, F. W. (2003). "Queer Theory in Education." Journal of Homosexuality:

45:42-44, 357-360.

Pinar, W. (1998). *Queer Theory in Education*. New Jersey e Londres, Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

Pym, A. (2008). On Toury's laws of how translators translate.

Ritchie, B. (2006). "There aren't words for what we do or how we feel so we have to make them up': Constructing polyamorous languages in a culture of compulsory monogamy'." SAGE.

ry, S. (2006-2011). "Onko sulla oikeus?".

Sandahl, C. (2003). "Queering the crip or crippling the queer? Intersections of Queer and Crip Identities in Solo Autobiographical Performance " GLQ.

Santos, A. (2012). "Um sexo que são vários. A (im)possibilidade do intersexo enquanto categoria humana."

Sarcevic, S. (1988). "Terminological Incongruency in Legal Dictionaries for Translation."

Schilt, K. W., L. (2009). "Doing gender, doing heteronormativity: "Gender normals," transgender people, and the social maintenance of heterosexuality." *Gender & Society*: 23, 440-464.

Shen, G. (2010). "Corpus-based Approaches to Translation Studies, Approches fondées sur les corpus dans l'étude de traduction." 6(4): 181-187.

Silva, P. N. (2013). Parâmetros e marcadores do género 'Dissertação de mestrado': análise de um corpus do português europeu. *Revista Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, CLUNL. 8: 243-261.

Taubman, P. M. (1979). *Gender and curriculum: Discourse and the politics of sexuality*. Rochester, New York: University of Rochester.

Thürler, D. (2016). "Corpotrágycó" - re-presentação do Eu: performatividade da subjetividade através e dentro da autobiografia. "Corpotrágycó" - re-presentação do Eu: performatividade da subjetividade através e dentro da autobiografia. ILCML. Fundação de Serralves

Toury, G. (1995). Descriptive Translation Studies – And Beyond Amsterdam and Philadelphia, John Benjamins.

Vale de Almeida, M. (2004). "A Teoria Queer e a Contestação da Categoria "Gênero", In "Indisciplinar a Teoria." Fenda "Indisciplinar a Teoria. Estudos Gay, Lésbicos e Queer".

Vale de Almeida, M., Gonçalves Costa, C., Rodrigues, L., Pereira, M. (2010). "Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero."

Vinay, J. P. a. J. D. (1958/1995). Comparative Stylistics of French and English: A Methodology for Translation Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins J. Sager, M.-J. Hamel.

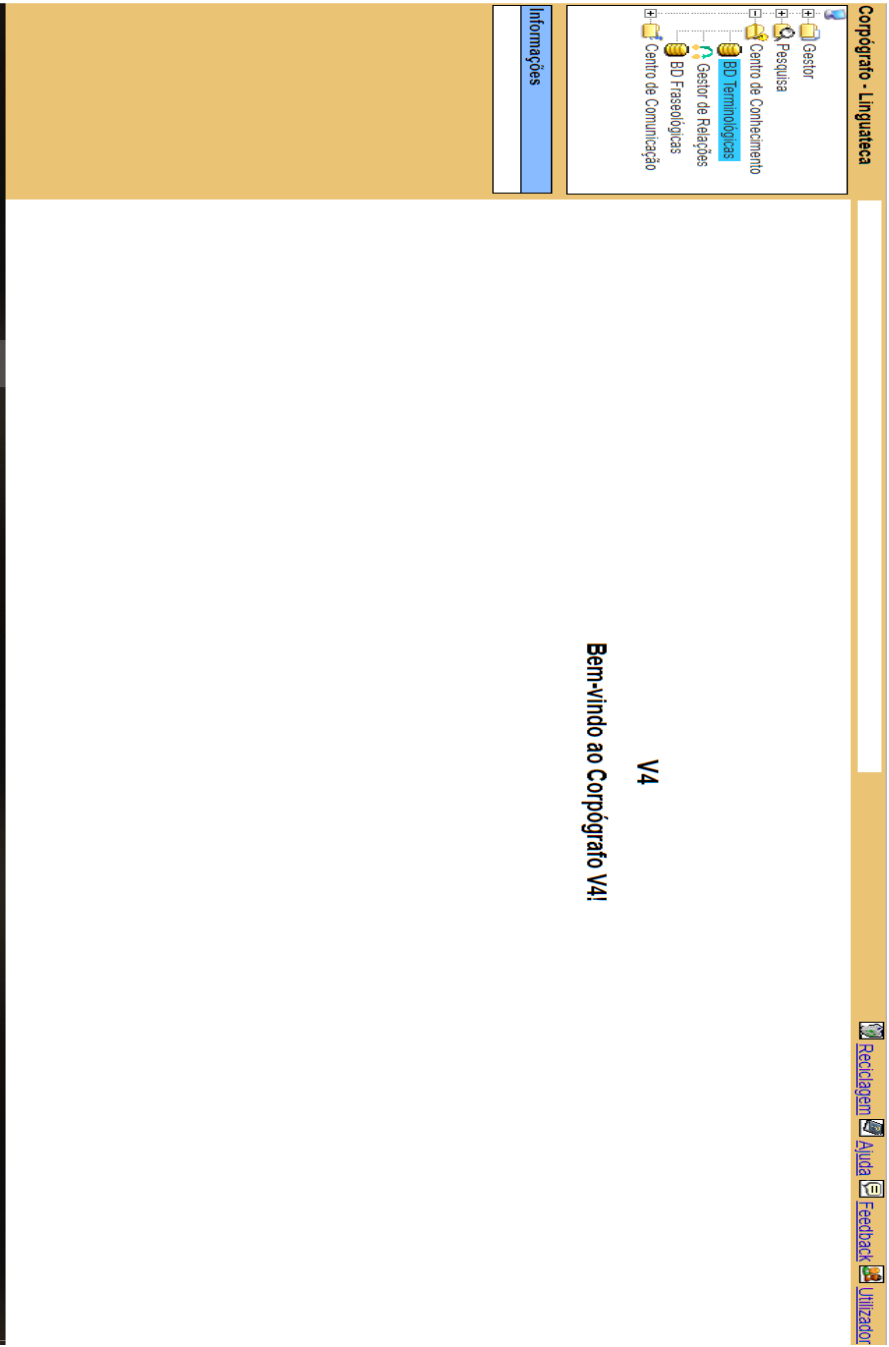
Yue, A. (2000). "New Asian queer funk; sticky rice and chinky chicks." Photofile 61: 243-246.

Zaccone, L. A. (2010). "Policing the Policing of Intersex Bodies: Softening the Lines in Title IX Athletic Programs." 76(1).

Zilli, D. B. (2013). "BDSM from A to Z: consent as a tool against pathologization in internet BDSM "handbooks"." Sexuality, Culture and Politics - A South American Reader.: 685-705.

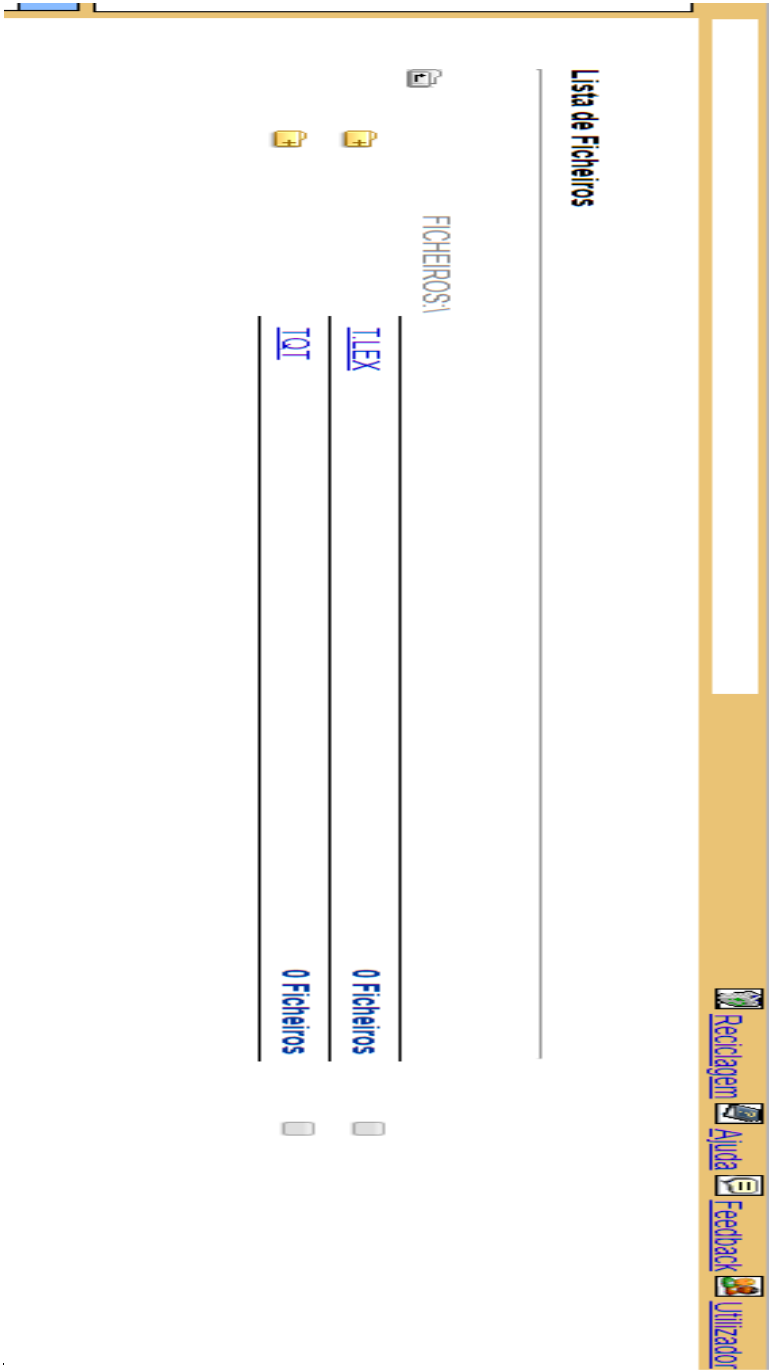
Anexos

Anexo 1



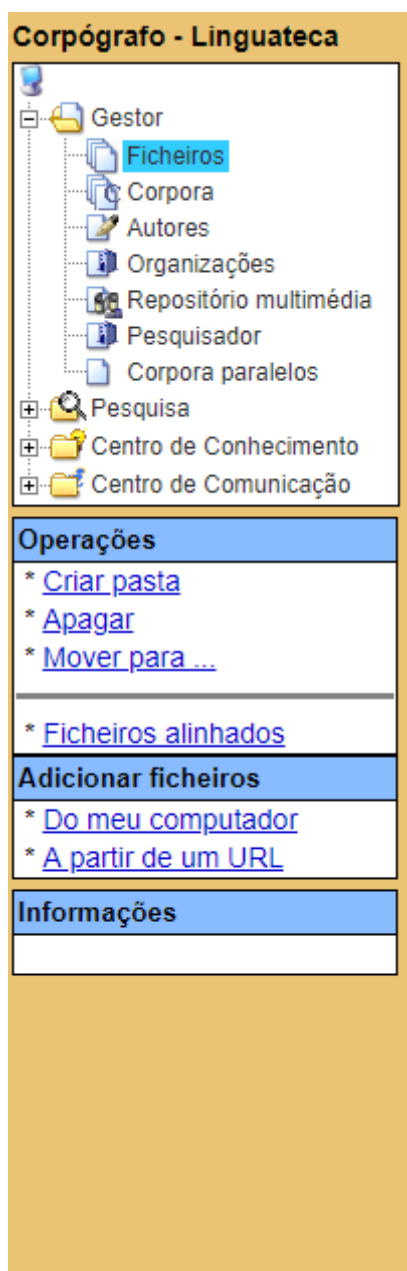
Plataforma Digital, Corpógrafo

Anexo 2



Pasta TQT

Anexo 3
























































Menu

Anexo 4

Lista de Ficheiros

Pastas

Lista de Ficheiros		Reciclagem	Ajuda
 FICHEIROS 11071 1011			
1	 A Queer Politics of the Democratic Miscount	12335 átomos	
2	 Aberrant Pedagogies JR, QT and Bruce Lee	10016 átomos	
3	 Aesthetic Revolution, the Staging of (Homosexual) Equality and Contemporary Art	10445 átomos	
4	 Bisexual Bimonthly Magazine	27802 átomos	
5	 Changing the Nomenclature/Taxonomy for Intersex: A Scientific and Clinical Rationale	3205 átomos	
6	 Dissexism and Cis Privilege Revisited	7483 átomos	
7	 Contemporary Lesbian Genders: A Queer/Sociological Approach	86821 átomos	
8	 Critical discourse studies on language and sexuality: the past ten years	1983 átomos	
9	 Curiosities of Middle East Studies in Queer Times	2623 átomos	
10	 Deleuze and Queer Theory	3000 átomos	
11	 Difference, Disagreement and the Thinking of Queerness	9077 átomos	
12	 Feminism's Queer Theory	10835 átomos	
13	 Feminist Theory and Queer Theory Written on the Body	1070 átomos	
14	 Foucault and Queer theory	12078 átomos	
15	 From Monsters to Monsters: Perverted Predators and Diseased Deviants Queer Representations in American Slasher Film of the 1980s	79396 átomos	
16	 From sadomasochism to BDSM: rethinking object relations theorizing through queer theory and sex-positive feminism	27200 átomos	
17	 Gay representations and heteronormativity on the comedy series Happy Endings Bachelors	10007 átomos	
18	 Gay, Lesbian, and Queer Studies	2571 átomos	
19	 Gender transitions and queer aging	7378 átomos	
20	 Genderqueers	5489 átomos	
21	 Heteronormativity: Ubiquitous, Insidious, and Unconscious	10059 átomos	
22	 Homonormativity: A Metropolitan Concept that Denigrates "Ordinary" Gay Lives	3394 átomos	
23	 How Queer is the Demos?	9347 átomos	
24	 How to Queer Identity Without Sex Queer Theory, Feminisms and the Archaeology of Identity	6427 átomos	
25	 Human Rights and Traditional Values: clash or dialogue?	12402 átomos	
26	 Identity and naming practices in British marriage and civil partnerships	12460 átomos	

Corpora, textos em inglês.

[illegible]












140

Anexo 7

Corporativo - Linguatoteca	
<div> <div> Gestor Ficheiros Corpora Autores Organizações Repositório multimédia Pesquisador Corpora paralelos Pesquisa Centro de Conhecimento Centro de Comunicação </div> <div> Operações Inserir autor * Listar autores Informações </div> </div>	
Autores	
#	Nome
1	Ana Cristina Santos
2	Ana Lúcia Fonseca Santos
3	Ana Luísa Amaral
4	Ana Margarida Martins
5	Ana Maria Balsa Albuquerque Pereira
6	Ana Maria Brandão
7	Ana Oliveira
8	Ana Rita Gonçalves Soares
9	Ana Sofia Lameiro Veloso
10	Andrea Smith
11	Annamarie Jaquese
12	April S. Callis
13	Aristeia Fotopoulou
14	Conceição Nogueira e João Manuel de Oliveira (organ.) Miguel Vale de Almeida, Carlos Gonçalves Costa, Liliana Rodrigues e Miguel Pereira
15	Conceição Nogueira, João Manuel de Oliveira, Miguel Vale de Almeida, Carlos Gonçalves Costa e Miguel Pereira
16	Craig Kaczorowski
17	Daniel Cardoso
18	Djalma Thurler
19	E. Patrick Johnson
20	Fernando Beleza
21	Francisco Sousa
22	Helena Margarida Lopes da Silva Braga
23	Ilyana Ivanova Chalakova
24	Joana Santos Silva
25	João Manuel de Oliveira e Conceição Nogueira
26	João Manuel de Oliveira, Pedro Pinto, Cristiana Pena e Carlos Gonçalves Costa
27	Kristen A. Renn
28	Manuela Ruas & Jean-Martin Rabot
29	Manuela Tavares
30	Mariana Santos Martins Gonçalves
31	Marta Cid Torres
32	Micaela Leite Santos Montezuma de Carvalho
33	Nelson Zagalo, Miguel Sicart, Emmanuel Ferreira
34	Sandra Palma Saleiro
35	Sarah Beresford
36	Sonia Raquel Faria Oliveira
37	Susie Jolly
38	Valdec Gonçalves da Silva

Autores.

Anexo 8

Corpógrafo - Linguatoteca																																																																					
<div><div><div><div><div> Gestor</div><div> Ficheiros</div><div> Corpora</div><div> Autores</div><div> Organizações</div><div> Repositório multimédia</div><div> Pesquisador</div><div> Corpora paralelos</div><div> Pesquisa</div><div> Centro de Conhecimento</div><div> Centro de Comunicação</div></div><div><div>Operações</div><div>Inserir organização</div><div>Listar organizações</div><div>Informações</div></div></div></div></div>																																																																					
Organizações																																																																					
<table><tr><th>#</th><th>Nome</th></tr><tr><td>1</td><td>AERA</td></tr><tr><td>2</td><td>American Education Research Association</td></tr><tr><td>3</td><td>Bridgewater, State University</td></tr><tr><td>4</td><td>Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra</td></tr><tr><td>5</td><td>Ciências Sociais e Humanas - Universidade da Beira Interior</td></tr><tr><td>6</td><td>CiG - Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género</td></tr><tr><td>7</td><td>CIS, ISCTE</td></tr><tr><td>8</td><td>Duke University</td></tr><tr><td>9</td><td>Duke University Press</td></tr><tr><td>10</td><td>Educational Researcher</td></tr><tr><td>11</td><td>Ex aequo</td></tr><tr><td>12</td><td>Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa</td></tr><tr><td>13</td><td>Faculdade de Economia - Universidade de Coimbra</td></tr><tr><td>14</td><td>Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra</td></tr><tr><td>15</td><td>Faculdade de Letras da Universidade do Porto</td></tr><tr><td>16</td><td>Feminism & Psychology</td></tr><tr><td>17</td><td>gbtq, inc.</td></tr><tr><td>18</td><td>GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies</td></tr><tr><td>19</td><td>IDS/Sussex University</td></tr><tr><td>20</td><td>Journal of Bisexuality</td></tr><tr><td>21</td><td>Journal of International Women's Studies</td></tr><tr><td>22</td><td>Laws</td></tr><tr><td>23</td><td>LES Online</td></tr><tr><td>24</td><td>Revista Crítica de Ciências Sociais</td></tr><tr><td>25</td><td>Routledge</td></tr><tr><td>26</td><td>SAGE</td></tr><tr><td>27</td><td>The Law School, Lancaster University</td></tr><tr><td>28</td><td>Univ. Complutense de Madrid</td></tr><tr><td>29</td><td>Universidade do Minho</td></tr><tr><td>30</td><td>University of California Davis</td></tr><tr><td>31</td><td>University of Chicago</td></tr><tr><td>32</td><td>University of Exeter</td></tr><tr><td>33</td><td>University of New Hampshire</td></tr></table>		#	Nome	1	AERA	2	American Education Research Association	3	Bridgewater, State University	4	Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra	5	Ciências Sociais e Humanas - Universidade da Beira Interior	6	CiG - Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género	7	CIS, ISCTE	8	Duke University	9	Duke University Press	10	Educational Researcher	11	Ex aequo	12	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa	13	Faculdade de Economia - Universidade de Coimbra	14	Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra	15	Faculdade de Letras da Universidade do Porto	16	Feminism & Psychology	17	gbtq, inc.	18	GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies	19	IDS/Sussex University	20	Journal of Bisexuality	21	Journal of International Women's Studies	22	Laws	23	LES Online	24	Revista Crítica de Ciências Sociais	25	Routledge	26	SAGE	27	The Law School, Lancaster University	28	Univ. Complutense de Madrid	29	Universidade do Minho	30	University of California Davis	31	University of Chicago	32	University of Exeter	33	University of New Hampshire
#	Nome																																																																				
1	AERA																																																																				
2	American Education Research Association																																																																				
3	Bridgewater, State University																																																																				
4	Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra																																																																				
5	Ciências Sociais e Humanas - Universidade da Beira Interior																																																																				
6	CiG - Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género																																																																				
7	CIS, ISCTE																																																																				
8	Duke University																																																																				
9	Duke University Press																																																																				
10	Educational Researcher																																																																				
11	Ex aequo																																																																				
12	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa																																																																				
13	Faculdade de Economia - Universidade de Coimbra																																																																				
14	Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra																																																																				
15	Faculdade de Letras da Universidade do Porto																																																																				
16	Feminism & Psychology																																																																				
17	gbtq, inc.																																																																				
18	GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies																																																																				
19	IDS/Sussex University																																																																				
20	Journal of Bisexuality																																																																				
21	Journal of International Women's Studies																																																																				
22	Laws																																																																				
23	LES Online																																																																				
24	Revista Crítica de Ciências Sociais																																																																				
25	Routledge																																																																				
26	SAGE																																																																				
27	The Law School, Lancaster University																																																																				
28	Univ. Complutense de Madrid																																																																				
29	Universidade do Minho																																																																				
30	University of California Davis																																																																				
31	University of Chicago																																																																				
32	University of Exeter																																																																				
33	University of New Hampshire																																																																				

Instituições.

MTSL-TQT_CD : 420 termos armazenados

Pesquisar base
Expressão de pesquisa <input type="text"/> ou inicial [* : 420 ▼]
Idioma Todos : 420 ▼
Pesquisar!

Inserir termo manualmente
Novo termo <input type="text"/>
Inserir

Dados Gerais
1. Nome: MTSL-TQT_CD 2. Domínio: Tradução ▼ 3. Sub-domínio: Terminologia de Tradução ▼ Outro: 4. Domínio específico: Teoria Queer 5. Descrição da Base de Dados: <div style="border: 1px solid black; height: 40px;"></div>
Alterar

Anexo 10

</

Lista de termos em inglês.

Anexo 11

MTSL-TQT_CD : 420 termos armazenados

Pesquisar base

expressão de pesquisa
idioma PT_PT : 105 ▼ ou inicial * : 420 ▼

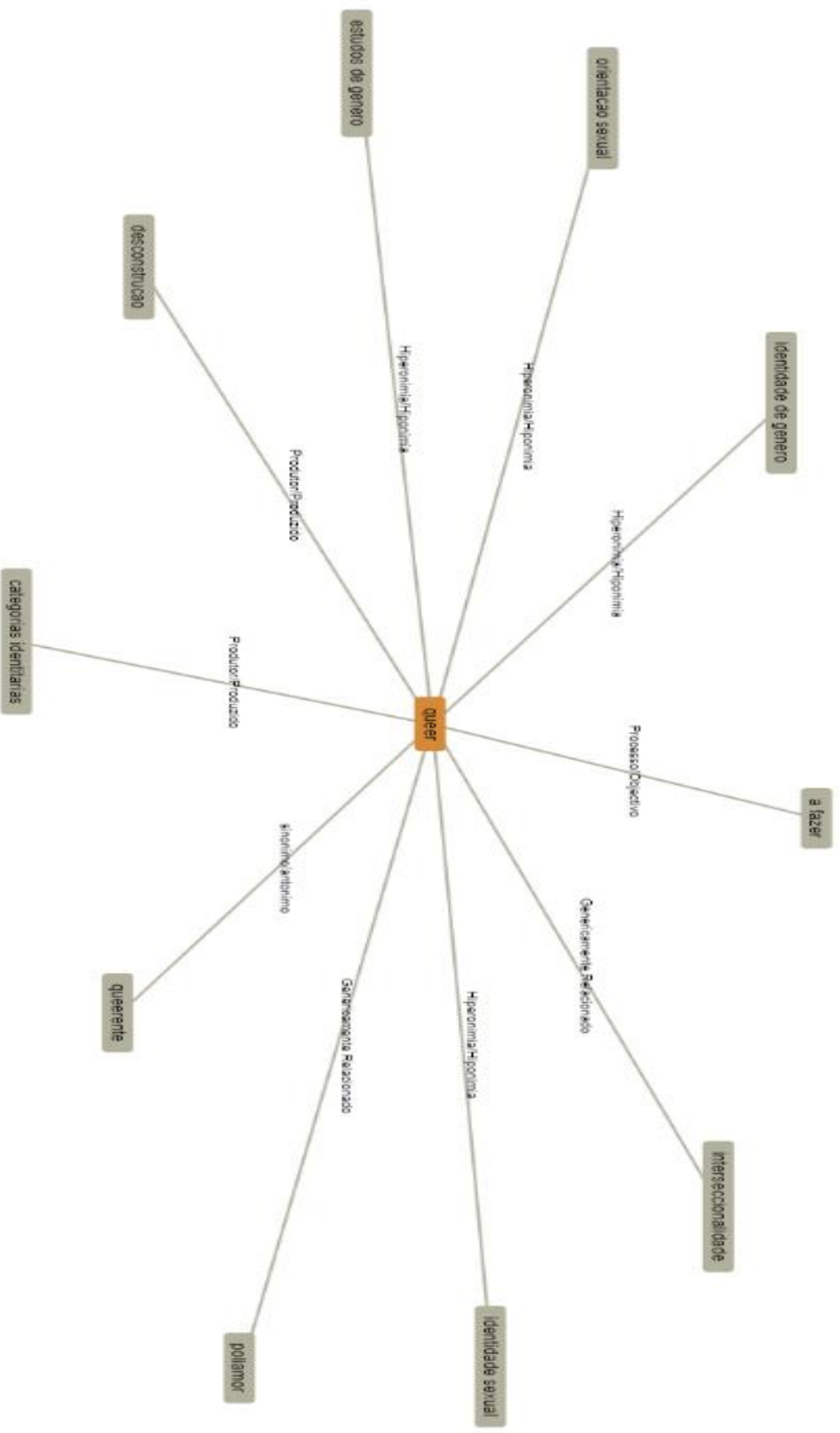
Pesquisar

Termos encontrados: 105

#	termo	idioma	g : n : a	gram	autores	fontes	def	contexto	rel	t. rela.	equiv	Copiar
1	a fazer		N : S :	PP VB	1	0	0	1	0	0	1	
2	ambigüidade de género		N : S :	NC PP NC	0	0	0	1	6	1	1	
3	andrógino		M : S :	AJ	0	0	0	0	2	0	1	
4	assimilação		F : S :	NC	1	0	0	1	0	0	1	
5	ataque/insulto de género		N : S :	NC PP NC	1	0	0	1	2	0	1	
6	bigénero		N : S :	AJ	1	0	0	1	0	0	1	
7	binarismo de género		N : S :	NC PP NC	1	1	0	3	2	1	1	
8	butch		N : S :	NC	1	0	1	0	1	0	1	
9	categorias de sexo		F : P :	NC PP NC	1	0	0	1	2	0	1	
10	categorias identitárias		F : P :	NC AJ	1	1	0	1	2	0	1	
11	categorias sexuais		F : P :	NC AJ	2	1	0	2	2	0	1	
12	cineematografia queer		F : S :	NC AJ	1	1	0	1	0	0	1	
13	cis		? : ? : ?		0	0	0	0	0	0	1	
14	cissexuais		N : P :	NC	1	0	0	1	0	0	1	
15	coming out		N : S :	VB PP	1	1	0	2	2	0	1	
16	compersão		N : S :	NC	1	0	1	0	0	0	1	
17	descoincidência		F : S :	NC	1	0	0	1	0	0	2	
18	desconstrução		F : S :	NC	1	0	0	4	8	0	1	
19	desidentificação		F : S :	NC	1	0	0	1	0	0	2	
20	desvíio		M : S :	NC	1	0	0	1	0	0	1	
21	desvíio de género		M : S :	NC PP NC	1	0	0	1	1	0	1	

Lista de termos em português de Portugal.

Anexo 13



Mapa concetual.

Anexo 14

Anexo 15

Proposta de *corpus* bilingue

Planificação do corpus (proposta inicial)

Corpus

Tamanho	Entre 20.000 e 60.0000 palavras para cada língua (aprox.); 100 termos no total (aprox.)
Número de textos	30 em PT-PT 50 em EN (aprox.)
Meio	Produção escrita
Tema	Teoria Queer
Tipo de texto	Literário e Académico
Autoria	Autores e investigadores em teoria queer.
Línguas	Inglês e Português Europeu (...)
Intervalo de publicação	A definir

Anexo 16

Proposta de *corpus* bilingue

Planificação do corpus (proposta final)

Corpus

Tamanho	Entre 20.000 e 60.0000 palavras para cada língua (aprox.); x termos no total
Número de textos	43 em PT-PT 97 em EN (5 em PB)
Meio	Produção escrita
Tema	Teoria Queer
Tipo de texto	Literário e Académico
Autoria	Autores e investigadores em teoria queer.
Línguas	Inglês e Português Europeu (e muito raramente, PB)
Intervalo de publicação	Setembro de 2018

